

O SER ASSASSINO

KATE WILHELM



EXILADO
LIVROS

586 02777 7

2

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

KATE WILHELM

**O SER
ASSASSINO**

1967

**Tradução de ELIANA SABINO
Título original: The Killer Thing**

A TERRA era chamada O Planeta Assassino. Os outros planetas foram caindo em seu poder, um por um, e suas naves espaciais iam cada vez mais longe em busca de novas presas, de novos escravos.

Até então os homens da Terra só conheciam vitórias. Mas, à medida em que avançavam no espaço, ouviam rumores sobre uma raça mais poderosa que a humana... Uma raça resolvida a derrotar o homem...

Agora esses rumores tinham-se tornado realidade. A humanidade estava em uma encruzilhada. De um lado, o triunfo supremo. De outro, a destruição. E apenas um homem podia fazer a escolha. Seu nome era Trace.

De uma certa maneira, eles eram iguais, o homem e a máquina. Ambos haviam sido programados para cumprir uma só tarefa: matar. O robô fora criado para vingar-se dos humanos que haviam conquistado brutalmente seu planeta. O homem era o produto de anos de educação em uma Terra que tinha como finalidade se apoderar do Universo.

Agora os dois estavam face a face nos gelados limites da Galáxia. O robô, com sua máquina de calcular como cérebro, com seu impenetrável escudo de energia e seu mortal raio laser. O homem, com a espécie de coragem que recusava aceitar vantagens para sobreviver...

Autor: Kate Wilhelm
Título Original: The Killer Thing
Origem EUA
Ano de Publicação Original
1967 Coleção Asteroide 8

Sobre a autora

A FICÇÃO CIENTÍFICA é um gênero literário ainda pouco explorado pelo sexo feminino. Algumas dezenas de mulheres escrevem regularmente em revistas especializadas, sendo muito poucas as que conseguem reunir em livros seus trabalhos, ou publicar romances. Sem falar na grande antepassada Mary Wollstonecraft Shelley, autora do mundialmente famoso Frankenstein apenas um punhado de escritoras conseguiu modernamente impor suas obras: Catherina L. Moore, Edna Mayne Hull, Ursula K. Le Guin, Joanna Russ e esta admirável Kate Wilhelm, cuja cultura e estilo se constituem num caso à parte na Ficção Científica.

Nascida na cidade de Toledo, no Estado de Ohio, Kate Wilhelm publicou seu primeiro livro em 1956, uma coletânea de contos intitulada *The Mile Long Spaceship*, tendo ganho recentemente, com o conto *The Planners*, o Prêmio Nebula, concedido anualmente pela Associação de Escritores de Ficção Científica dos Estados Unidos.

Publicou ainda *The Nevermore Affair*, *More Bitter Than Death*, *The Downstairs Boom*, *Let the Fire Fall* e, em colaboração com o poeta Theodore L. Thomas, *The Clone*.

Vive atualmente em Milford, Pensilvânia, onde faz parte da "máfia" que dirige, na Universidade local, a *Milford Science Fiction Writer's Conference*.

É casada com o crítico e romancista Damon Knight, cujo livro, *O Outro Pé (The Other Foot)*, será publicado proximoamente nesta mesma coleção.

Este livro é dedicado, com minha mais calorosa gratidão, às seguintes pessoas:

TED THOMAS e GORDY DICKSON ,
que fizeram sugestões;

JOHN BRUNNEK,
pelos inestimáveis conselhos;

E a A.J. BUDRYS.

Obrigada, amigos.

UM

HAVIA O DESERTO, A AREIA BRANCA E BRILHANTE COM A TEXTURA DE talco e o céu de algodão branco, com um pedaço brilhando ao calor intenso do sol. Vento não havia, nem movimento; nem um grão de areia poeirenta se movia. Parecia um tapete de lã branca trabalhada com fios de prata em desenho assimétrico, um tapete estendido sem cuidado, de modo que formava ondulações suaves, que se sucediam em diagonal. O tapete se estendia infinitamente, escondendo dos olhos do homem a terra rochosa e, onde seus olhos não alcançavam, a lã se misturava ao algodão branco, fechando a paisagem, como se ele estivesse no interior de uma esfera achatada. Atrás dele e na extensão entre ele e o deserto, pedras nuas se elevavam do chão queimado, tão mortas quanto a paisagem à sua frente.

As rochas eram basaltos, granitos, quartzitos. Nada macio e vulnerável como rochas de arenito poderia existir na superfície do solo, mas o ar não se movia agora, o vento não soprava. Sopraria mais tarde, quando o sol começasse a baixar e o solo libertasse um pouco do calor que havia acumulado durante o longo dia; sopraria então por cinco ou seis horas, trocando o calor por ar frio e estreitas colunas de furacões em miniatura subiriam do solo superaquecido para a atmosfera diluída, descendo depois através das camadas de ar quente, formando novos redemoinhos. Na alvorada os ventos teriam cessado, estabelecido um certo equilíbrio instável; o nascer do sol os faria começar de novo, massas de calor movimentando o ar que a noite esfriara, cada vez mais violentamente, até que a atmosfera estivesse quente, o solo ainda mais quente e o vento impetuoso se transformaria em brisa suave e constante que morreria aos poucos, como se o vento quisesse consertar

o estrago feito durante a noite, espalhar a areia batida e torturada, deixando-a em graciosas fileiras de dunas suavemente arredondadas.

O homem sabia que não podia ficar tão longe da base por tanto tempo; no entanto, sua necessidade de se afastar tinha sido incontrolável e hoje ele tinha cedido. Levantou o pacote, curvando-se sob seu peso, coração e pulmões se ressentindo de mais aquela carga, e tomou o caminho de volta à base, mantendo-se sempre à sombra das rochas. Era um homem grande, com mais de um metro e oitenta, e jovem, aos trinta e dois anos, mas o ar era rarefeito. Nesse planeta ele não carregava tanques de oxigênio, mas ao sentir os pulmões lutando por ar pensou se não valeria à pena levar mais essa carga. Lembrou-se então de que estavam vazios. Sua roupa era altamente refratária, toda branca, com um capacete equipado para fazer coisas sem as quais ele não poderia sobreviver. Tinha ligado o rádio para poder ouvir se o robô se movesse num raio de cinco quilômetros à sua volta. E tinha ajustado a máscara transparente, para poder olhar aquele mundo brilhante sem o risco de ficar cego. Fazendo isso, tinha diminuído seu campo visual; não podia alcançar as profundezas das sombras lançadas pelas rochas de formas grotescas e sua visão não atingia tão longe quanto sem a máscara, mas pelo menos não ficaria cego. No que tocava ao robô assassino, não faria diferença se ele ficasse cego ou não.

Sua base era a cápsula que o havia trazido da nave, agora em órbita estacionária, escondida pelo brilho ofuscante do sol, mas mostrando-se como uma gota de luz quando o sol começava a sumir. A cápsula estava escondida entre duas gigantescas colunas de basalto, a uns quatro quilômetros de distância. Todos os dias ele mudava o local da base, mantendo a cápsula o mais perto possível da superfície do planeta, escolhendo um local a pelo menos oitenta quilômetros do lugar anterior. O combustível era suficiente para apenas mais três mudanças, reservando o necessário para levá-lo de volta à nave em órbita. O robô assassino, evidentemente bastante danificado, avançava à velocidade de apenas oito quilômetros por hora, mas mesmo essa velocidade reduzida superava a que o homem, lutando contra o calor e a atmosfera rarefeita, podia alcançar a pé.

Interrompeu a marcha e aguçou o ouvido. Alguma coisa tinha batido numa rocha à sua esquerda. Achatou-se de encontro à pedra e não se moveu por dez minutos; não houve mais som algum.

Cautelosamente moveu-se então para longe da rocha, rodeando-a até a sombra da seguinte. Um raio de energia cortou o granito acima dele, tornando a rocha vermelha, depois branca e, finalmente, volatilizando-a. Encolheu-se em seu esconderijo. Rodeado pelos restos das antigas montanhas, estava fora da linha direta de fogo. Talvez a coisa estivesse tentando esmagá-lo derrubando a rocha...

Não! Fechou os olhos, apertando-os, sentindo que doíam.

– Ele não pode fazer coisa alguma que exija imaginação, lembre-se disto, Trace. Seu cérebro é um computador. Foi programado para matar com o laser e com as granadas de fusão, só isto.

– Você está errado, rapaz! Não me ouviu contar que ele desaparece de repente? Sem mais nem menos, ele some! Ele tem um negócio diferente, rapaz, uma tela que o esconde.

A voz tinha estado lá, em seus ouvidos, mas já havia sumido; tudo desaparecera. O silêncio era total, ele não ouvia nem mesmo a própria respiração ou as batidas do seu coração. Como nos acostumamos a ouvir a nós próprios! Sinto falta disto. O robô não podia se movimentar tão silenciosamente que ele não o ouvisse, mesmo se não pudesse mais vê-lo. Não com todo aquele metal sobre a rocha nua, não com o rastro de radioatividade que deixava. O alarma de radiação não tinha soado dessa vez. Será que a coisa estava aprendendo a espreitá-lo, mantendo as rochas que absorviam radiação entre ele e o homem que caçava?

Três quilômetros e meio era seu alcance de fogo; a coisa devia estar esperando calmamente que ele entrasse em sua área de alcance. Isso queria dizer que o robô tinha de estar emparelhado com ele ou à sua frente... tinha-o ouvido à sua esquerda; estava certo agora de que fora isso que escutara, um ligeiro movimento do robô antes de atirar. Começou a rastejar para a direita, mantendo-se junto à base das rochas, arrastando o pacote atrás de si. O robô atirou mais uma vez, e o raio atingiu a coluna que ele havia abandonado. Depois de vencer quatrocentos metros, levantou-se cautelosamente junto a uma formação de basalto de uns dois quilômetros de comprimento e quase o dobro em altura. A base estava ainda a trinta minutos de distância. Imaginou se a coisa tinha encontrado seu foguete. Não devia ter se afastado, ainda mais sem levar em conta sua fraqueza e os efeitos de sol demais e oxigênio de menos. Mas o robô assassino não podia tê-lo seguido tão longe em tão pouco tempo. Estaria ele aprendendo a se

movimentar naquele solo acidentado? Ou estaria empenhado em consertar seu controle de velocidade?

Interrompeu seus pensamentos, para ouvir o que as vozes diziam:

– Fomos atingidos, Trace, a sala secundária de controle foi destruída. Stan, Morris!... Mortos. Dá pra aguentar?

– Estou tentando, mas a pressão está indo embora rapidamente. Vamos ter de abandonar...

– O que é que ele está fazendo agora?

– Nosso tiro deve ter danificado os comandos; ele está começando a girar.

Ficaram observando a nave que estavam caçando há mais de três meses, grudados em seu rastro sem perdê-la de vista, ultrapassando setor após setor em sua perseguição, chegando cada vez mais perto, mas nunca perto bastante para atingi-la, e agora sabiam que tinham conseguido. Os dedos de Trace moveram-se em direção aos controles de fogo, mas pararam. Uma luz vermelha piscava incessantemente, e três luzes verdes tinham-se apagado. Voltou-se para Duncan.

– Prepare o foguete.

– Está pronto. Ele ainda está atirando. Parece que não faz mais pontaria.

A nave desceu em direção ao planeta, dando cambalhotas, e todas as vezes que ficava em posição de atirar as bombas de fusão, seu sistema automático disparava. A nave de patrulha, com a parte traseira destruída e sua tela protetora danificada e inútil, não podia manobrar, e dentro dela os homens só podiam esperar.

– Vão disparar todas as malditas bombas de fusão que há naquela nave. Você não faria a mesma coisa?

Não podiam responder ao fogo, e não tinham meios para mudar de posição, a não ser que usassem os foguetes de frenagem principais, que ainda estavam verdes no painel de controle. As luzes dos controles de manobras tinham-se apagado quando foram atingidos. Duas luzes mais começaram a piscar em vermelho, e a nave estremeceu. Sentia-se um cheiro acre de material de insulação que se queimava.

– Temos que umedecer isto. A pressão está sumindo mais depressa, agora. Veja as roupas de pressão.

– Está bem.

– Vamos colocar a nave em órbita estacionária e desligar tudo. As comunicações já se foram. Não consegui terminar a mensagem... não temos oxigênio bastante para esperarmos socorro aqui. Parece que vamos ter que esperar no planeta. Ainda bem que o foguete está em ordem.

A nave estremeceu outra vez e todas as luzes vermelhas se acenderam. Atingidos de novo...

Trace sacudiu a cabeça com violência, fazendo desaparecerem as vozes distantes, mas claras, forçando-se a apagar as cenas que voltavam todas as vezes que ele se esquecia de pensar em outra coisa. Andou aos tropeções em direção ao foguete, as pernas doendo de cansaço, todo o corpo cedendo agora, exausto pelo calor e pelo esforço de conseguir o oxigênio necessário no ar diluído do planeta. Antes de entrar na cápsula fez um círculo de reconhecimento à volta dela, procurando rastros do robô, seu detector de radiação ligado ao máximo, porque a coisa tinha absorvido radioatividade junto com sua nave, e ainda estava radiando furiosamente. Sua tela não deixava a radiação escapar, mas o solo que tocava ficava radioativo. Procurar rastros era uma ação automática, feita sem esperança de encontrar alguma coisa na areia que havia entre as rochas. As poucas vezes que tinha encontrado rastros ficara ainda mais confuso, até que chegou à conclusão de que o robô tinha diversos meios diferentes de locomoção; tinha rodas, esteiras, e mais alguma coisa esférica, alguma coisa que deixava uma esteira de um metro de largura de pedras esmagadas e areia comprimida. Trace não se permitia pensar como seria se a coisa recuperasse seu poder de se movimentar tão rápido quanto os rastros indicavam que ele poderia. Rastros registrados somente através dos estalos do detector de radiação. Dessa vez ele permaneceu em silêncio.

A coisa não tinha estado ali. A área estava limpa. Trace foi direto à cápsula e trancou-se por dentro. Antes de tirar o capacete ajustou os detectores da pequena embarcação, e então tirou a roupa. A temperatura dentro da cápsula era de 43 graus, quase nove graus mais frio do que do lado de fora, e embora Trace transpirasse intensamente, o ar seco eliminava o suor assim que ele se formava. Sua pele estava ressecada de sal e sujeira. A cápsula era de dois lugares, uma poltrona reclinável ao lado da outra em frente ao painel de controle, com a distância de trinta centímetros entre elas. Atrás das poltronas só havia

lugar para o equipamento de emergência necessário para uma equipe de dois homens material médico, rações de emergência, luzes, e as roupas pressurizadas. Havia também dois tanques extras de oxigênio, mas Trace tinha se livrado deles, depois de usá-los, para abrir espaço. A cápsula tinha aterrissado com um buraco maior que sua mão, e com Duncan inconsciente, o peito esmagado por um meteorito.

– Não faça isto, Trace. Você vai precisar deles.

O sussurro de Duncan. Sua voz ainda ressoava na cápsula, como se tivesse penetrado nas paredes, para se filtrar aos poucos nas semanas seguintes, sempre sussurrando.

O plástico que Trace tinha usado para fazer a tenda de oxigênio ainda estava estendido sobre a poltrona da direita, o lugar de Duncan, e brilhava, vermelho-escuro, nos lugares que tocava na almofada, preso a ela pela eletricidade estática.

Trace comeu pouco, mas não pela necessidade de poupar comida. O calor levava seu suor, seu apetite, sua energia. Ele gostaria que a cápsula tivesse um conversor de água, e pensou com inveja no conversor estragado da nave-mãe, flutuando no espaço sobre aquele mundo de areia e pedra.

Depois de comer, ele não tinha coisa alguma a fazer. Logo teria que se mover, mas não ainda, não até que a coisa chegasse mais perto, não até que fosse quase noite, para que o robô não o descobrisse durante a longa noite e o pegasse dormindo. A coisa se movia em sua direção sem cessar, agora que havia apenas os dois, e o ataque do meio-dia tinha sido o quarto, naquela perseguição de três semanas. Outra semana e meia a passar antes que Trace pudesse esperar auxílio, outra semana e meia brincando de esconder com o robô assassino. Examinou a tela que mostrava seu próprio rastro, e nada havia senão rochas e areia. As sombras cresciam agora, e logo ele estaria em um mundo de pesadelo, de monólitos pretos que se erguiam preguiçosamente, tortuosos, em direção ao céu muito branco, e as linhas negras que riscavam a areia clara entre as rochas. Essa era a hora terrível esperar pelo vento, quando as listras eram apagadas pela areia que voava o tempo silencioso e imóvel das sombras longas que não eram cinzentas, mas negras contra o fundo branco.

O sussurro de Duncan soou outra vez, e ele inclinou a cabeça para ouvir.

– Ele agora não pode sair do planeta, Trace, mas ninguém mais sabe que ele está aqui. Você tem que ficar vivo pra contar a eles, Trace. Agora só há você. A mensagem não foi transmitida, foi cortada quando fomos atingidos. Isto é tudo o que eles sabem. Vão achar a nave lá em cima e vão procurar pela cápsula, mas não vão saber da existência do robô. Diga a eles, Trace, diga a eles.

– Claro, Duncan.

Trace disse isto em voz alta, em tom normal de conversa, olhando em volta à procura de Duncan. Sacudiu-se e ficou de pé, o medo se manifestando em forma de pequenas gotas de suor frio no nariz e em volta da boca. Fez café e bebeu-o preto e quente, e só uma vez olhou para o mundo listrado que sua tela mostrava.

Ficar sozinho é que piora tudo, disse a si mesmo, bebendo uma segunda xícara de café. Não se lembrava de ter ficado sozinho antes, em toda a sua vida. As equipes de patrulha eram sempre de seis ou oito homens, e as cápsulas levavam dois ou mais. Ninguém se aventurava no espaço sozinho e quando o companheiro dormia podia-se ao menos ouvir sua respiração. Mesmo quando não se podia ouvi-lo, sabia-se que ele estava lá. Fazia muita diferença, saber que outro homem estava lá. Trace surpreendeu a si mesmo fazendo esforço para ouvir e tirou o diário que estava mantendo, começando a enchê-lo. O pensamento divagava sem parar; acabou nada escrevendo. Em vez disso, reexaminou seus cálculos.

Tinha oxigênio bastante para quatro dias na nave em órbita, depois que deixasse o planeta, e combustível suficiente para quatorze quilômetros, uma viagem de trinta horas para o robô. Mesmo descontando o tempo que o robô gastaria para localizá-lo depois das mudanças, ele não tinha mais que quarenta horas de relativa segurança, se ficasse no planeta. Não podia deixar o planeta antes de pelo menos uma semana... até aí tinha tido sorte, tinha se arriscado a permanecer onde estava mesmo sabendo que sua localização tinha sido descoberta pelos sensores da coisa. Tinha podido confiar em seu sistema de som para avisá-lo quando a coisa se aproximasse o bastante para atirar. O robô sempre o encontrava. Não importa a extensão do estrago que o tiro que tinham conseguido dar nele ou a aterrissagem forçada tinha feito, seus sensores ainda funcionavam o suficiente para encontrá-lo. Não havia meios de saber quais as funções que tinham sido

restabelecidas, com quais funções ele tinha sido equipado. Uma por uma, à medida que elas se manifestavam, ele as anotava, mas cada nova habilidade era uma surpresa e uma ameaça.

Trace não ousava deixar o planeta antes que fosse obrigado, pois o robô podia consertar sua própria cápsula. Ele o tinha visto ocupado nesse trabalho no primeiro dia de sua estada forçada no planeta.

De pé no cume de uma rocha de basalto, ele tinha visto a coisa pela primeira vez. Tinha três metros de altura, com o peito abaulado e tentáculos escamoteáveis, no momento segurando ferramentas. A cápsula tinha abandonado a nave, destruída como um projétil, mergulhando em direção ao planeta, brilhando vermelha, depois branca, enquanto girava no ar. Trace e Duncan a tudo assistiram, certos de que o robô assassino havia se queimado junto com a cápsula. Não viram a aterrissagem, e só quando Trace viu o robô consertando a cápsula é que percebeu que ele tinha sobrevivido ao desastre. O robô percebeu sua presença antes que ele estivesse perto o bastante para atingi-lo com a pequena arma que levava, e tornou-se invisível. Um segundo depois, a cápsula tinha desaparecido também. De alguma maneira, o robô tinha conseguido descer com a cápsula sem explodi-la, e agora estava ocupado em consertá-la. Já tinha posto em funcionamento um novo campo de força, que curvava a luz e causava invisibilidade.

Observando-o antes que desaparecesse, Trace lembrou-se dos relatórios que davam a máquina como invulnerável e, então, sabendo que ela estava lá, que ela tinha um laser que podia vaporizar metais e rochas em trinta segundos ou menos, ele sentiu medo. E fugiu. Três semanas depois, ainda estava fugindo.

Estava de novo tentando ouvir, e dessa vez era um som vindo de fora; a pequena embarcação estava sendo bombardeada com areia e o vento começava a assoviar entre as rochas. A princípio um som lúgubre e fraco, mais tarde ele rugiria e uivaria loucamente. Era tempo de deixar esse lugar por outro, oitenta quilômetros mais distante. Sentou-se diante dos controles; ao deixar o solo, ouviu o detector de radiação avisá-lo numa voz cortada. A coisa estava chegando.

– Não consigo achar a cápsula. Está desviando a radiação para baixo, para dentro do solo. Nem um pouquinho escapa...

- Destrua a cápsula e esconda-se, Trace. É o único jeito. Não consigo achá-la.

- Mantenha-o ocupado, para que ele não tenha tempo de consertar a cápsula. Mantenha-o atrás de você, ocupado demais para trabalhar..

DOIS

TRACE PARTIU ENTÃO, SENTINDO O ESTREMECIMENTO DA PEQUENA embarcação ao deixar o solo e ser atingida pelo vento, que já tomava impulso, longe do abrigo das bases das montanhas. Voou com o vento por trás, levando a cápsula em direção ao leste, diretamente sobre o deserto, distanciando-se do monstro de metal. O sol descia às suas costas, transformando em listras as sombras pontiagudas que manchavam a areia ondulada. Então as sombras das montanhas sumiram, e nada se via senão areia. À distância, a areia parecia em chamas, um enorme e fervente lago de lava derretida, pronta para entrar em erupção em labaredas gigantescas em direção ao céu. Trace olhou para trás e viu os dedos negros das montanhas contra o céu, que se tornava agora violeta, como uma orquídea rara sendo rasgada pelas garras de negras feiticeiras. Longe das montanhas, para o leste, o céu se escurecia com a noite e com a areia que se levantava do chão do deserto. Voou na mesma direção por quarenta quilômetros e virou para o norte outra vez, sabendo que precisava do abrigo oferecido pela devastada estrutura das montanhas. Uma vez, dias antes, ele tinha tentado esconder-se no deserto e perdera um dia inteiro desenterrando a cápsula do monte de areia que a cobrira durante a noite.

Quando aterrissou de novo, tinha coberto apenas vinte e quatro quilômetros em linha reta da antiga base, mas talvez a coisa o seguisse pelo deserto desta vez. Quando podia, ele se movimentava apenas minutos antes que os ventos tornassem qualquer movimento impossível, sempre esperando que o efeito da areia movendo-se sob os pequenos tufões apagasse seu rastro. Durante os últimos vinte ou vinte e cinco quilômetros ele sempre viajava rente às montanhas, tentando

diminuir os vestígios de sua passagem, esperando que a massa montanhosa absorvesse seu ruído e seu calor, e mais o que quer que fosse que trazia o robô ao seu acampamento todos os dias.

Escolheu o local cuidadosamente, apesar das rajadas de ventos de oitenta quilômetros por hora e da escuridão que já envolvia a paisagem. A embarcação ficou sob uma prateleira de nove mil metros de altura cuja base estava sendo comida pela erosão, formando um platô de mil e duzentos metros.

– Não é exatamente o País dos Sonhos, hein, Trace?

– Maldito azar. Só aquela rocha que vimos, aquilo e a areia...

– É. Bem, novecentos quilômetros de ossos secos para a gente brincar nas próximas semanas. Podemos fazer um pouco de mineração...

– Atenção, Duncan! Objeto a sete graus!

Muito cuidadosamente Trace desligou os controles, forçando o desaparecimento das vozes, recusando-se a passar por aquilo de novo. Superada a necessidade de ação imediata, sentia-se vazio, e o cansaço causado pelo calor e pela caminhada exaustiva tomou conta dele. Apertou o botão que reclinava a poltrona e estendeu-se, mãos atrás da cabeça, olhos fechados.

É o fim deste caminho, pensou, divagando. Do deserto tinha visto que as montanhas terminavam apenas alguns quilômetros depois de sua nova base. Neste ponto o local tinha menos de trinta quilômetros de largura, estreito demais para servir de esconderijo. Não devia ter tentado aquela última manobra. Mas quem sabe desta vez pelo menos o robô fizesse alguma coisa errada...

Um sorriso amargo torceu seus lábios, embora os olhos permanecessem fechados.

Ele não pode fazer coisa alguma errada, a não ser que o erro tenha sido programado. É uma caixa de lógica. Nada, além disto. Se certo e errado estão de alguma maneira relacionados com lógica e falta de lógica, então ele não pode fazer coisa alguma errada. Ele recebeu um número determinado de fatos, e um número determinado de proposições que exprimem relações entre esses fatos. Não pode questionar a validade do que recebeu; pode apenas agir baseado nesses fatos e relações. E Deus me ajude, porque eu tenho capacidade para questionar, duvidar, e cometer erros de julgamento...

O vento rugia, e pequenos tufões levantavam rochas e areia, esmagando-os de encontro às montanhas. Enormes lajes de granito eram levantadas, pulverizadas, e finalmente depositadas no solo como areia grossa, que seria moída cada vez mais fina até que se parecesse com poeira.

Como é que o robô conseguia se esconder? Será que ficava no lado protegido das montanhas? Será que caminhava entre as sombras onde o vento se fazia ouvir mas não podia entrar? Trace divagava; parecia que um músculo de cada vez estremecia e relaxava, e então suas mãos escorregaram debaixo da cabeça, uma descansando sobre o peito, a outra balançando-se no ar, quase tocando o chão.

Os dedos negros e nodosos que rasgavam o céu curvavam-se agora e rastejavam pelo solo, encontrando outros dedos, formando uma parede negra e impenetrável. Do topo da parede novos dedos sondavam o solo procurando um caminho em volta das rochas, arrastando a parede atrás de si, e ela estava cada vez mais perto dele. Ele não conseguia se mover, mas subitamente estava livre, e começou a correr de um lado para o outro, procurando uma abertura na parede, sendo forçado a recuar, passo a passo, até que percebeu que nada havia atrás de si senão um abismo, e ele não podia mais recuar. De novo parou, os olhos compelidos a assistirem o progresso da parede.

A coisa estava lá, nas sombras. Ele podia senti-la como um terror grande demais para ser suportado sozinho. Se pelo menos alguém chegasse e abrisse a parede para ele... diriam que não havia coisa alguma lá, nada senão as sombras; mas ele sabia. Sabia que a coisa estava lá. Ela existia, embora ele não pudesse vê-la; quando ela se movia, ele sentia o movimento; quando ele se movia, sentia a coisa mudando de direção, um movimento de resposta. Estava nas sombras, e crescia, enchendo as sombras, estendendo-se para preencher cada recuo, curva e depressão. Seus olhos o enganavam, mas seu cérebro sabia que ela estava lá. Agora compreendia até seu método, seu propósito. Com o auxílio dos dedos de sombra para alcançá-lo e prendê-lo até que chegasse perto, a coisa o pegaria. Ele não podia recuar. Só podia esperar. Os dedos surgiam da escuridão, torcendo-se, Tateando cegamente o caminho pelo solo, e chegavam cada vez mais perto de onde ele se acorava. Ele os observava, incapaz até de respirar, e sentia a coisa atrás dos dedos.

Estava cansado demais para recomeçar a correr, o abismo era largo demais para que ele saltasse por cima. Queria chorar e não conseguia. A parede moveu-se, e um dos dedos estava a poucos centímetros de suas pernas. Estremeceu. Se ao menos soubesse o que havia no abismo atrás dele, não seria tão ruim. Ou, se soubesse onde ficava a outra borda do abismo, talvez pudesse ainda saltar. Estava cansado demais para fazer o esforço de voltar-se e olhar. Toda a sua vida ele tinha fugido da coisa e agora ela estava lá, a centímetros de suas pernas. Sempre fugindo, sem poder parar e olhar para a coisa sem nome, sem forma, sem razão para existir, mas ela estava lá, chegando cada vez mais perto. E ele estava com medo. Os tremores aumentaram, incontroláveis. De repente a sombra tocou em sua perna, e ele gritou:

– Duncan! Ajude-me!

Sua própria voz o acordou. O pesadelo tinha sumido, nada deixando senão a lembrança do medo que contraía seu estômago. Ele tremia. Levantou-se e examinou a cápsula; ela tinha passado incólume pela tempestade, e o vento agora se fora, deixando a noite imóvel. A cápsula tinha quatro metros e meio de comprimento, e a largura variando de quase três metros em sua parte mais larga até sua cauda achatada. As duas poltronas reclináveis ficavam sobre os motores, e a frente era ocupada pelos controles. Havia duas janelas circulares de quartzo sobre as poltronas; mais duas, menores, sobre as unidades de armazenamento, atrás das poltronas. Todas, as janelas estavam cobertas, protegidas da tempestade. A porta era oval, com um metro e meio de altura por noventa centímetros de largura, mas toda a parte posterior da pequena embarcação se abria, para deixar passar uma padiola ou um homem com o uniforme pressurizado completo.

O robô deve ter entrado em sua própria cápsula, por ali, e deve ter arrancado as poltronas para chegar aos controles...

Saiu da cápsula, atento, sentindo o vento frio da noite em sua pele, sem querer deixar que o sono voltasse logo, embora se sentisse tão cansado quanto antes. Tinha dormido no máximo quatro horas, o que não era suficiente para desfazer o cansaço do exercício da véspera, ou a tensão constante.

Estava muito escuro no planeta, com apenas a luz indiferente das estrelas no céu. Os cumes das montanhas eram simplesmente manchas mais escuras de encontro a um céu escuro e pontilhado de estrelas. As

estrelas brilhavam placidamente, distantes e inacessíveis. Ele sentiu-se só no universo, ao contemplar aquele céu desconhecido.

Existem mundos lá, ele disse a si mesmo, sem saber se pensou as palavras ou se as pronunciou. Mundos onde naves estão fazendo regularmente suas viagens comerciais, onde frotas estão manobrando, edificações crescendo, guerras continuando, mundos onde homens estão descobrindo coisas novas. Qualquer um deles pode olhar para o céu e se sentir só. Não sou só eu. Em algum lugar, num dos setores, uma nave da frota está quase atingindo a velocidade da luz, para vir me buscar. Não estou realmente só, não por muito tempo.

Maldito Duncan! Por que não ficou vivo? Por que não mandaram duas naves à caça do monstro de metal?

Voltou para dentro, gelado, ainda sem querer enfrentar de novo o sonho que o tinha acordado. Pegou os mapas do espaço, imaginando a que distância estaria a nave de socorro. Deveria estar em órbita dentro de sete ou oito dias, no máximo dez.

Contemplou as palavras familiares: Terra, Vênus, Marte o Grupo Mundial original, conquistado à custa de duras lutas. Primeiro foram as pequenas colônias em Marte e, quinze anos depois, as de Vênus. Veio então um hiato de quase cem anos, durante o qual as colônias cresceram, tornaram-se poderosas, provocaram guerras com a Terra, e finalmente formaram o Governo do Grupo Mundial. Só então vieram as estrelas mais próximas e seus planetas, conquistados um a um dolorosamente, com perdas dos dois lados que ninguém mais se dava ao trabalho de recordar. Sete planetas Classe A tinham sido descobertos até então, sete planetas importantes com civilizações altamente desenvolvidas, com seres humanos quase como os nossos, e os sete tinham lutado contra os exércitos do Grupo Mundial. Mas tinham sido conquistados, todos eles, e finalmente os sete se renderam; hoje eram praticamente sócios iguais.

Trace nem mesmo sabia quantos planetas menores tinham sido descobertos, embora fosse essa uma das primeiras lições no curso de astropolítica. As cifras mudavam quase que de semana para semana. Como uma ameba, os poderes tinham crescido a Terra destacando um segmento humano para fazer a Colônia de Marte, para colonizar Vênus, e depois os três se juntando, maiores, mais fortes que nunca. Depois disso o crescimento foi cada vez mais rápido, até que, hoje em dia,

quando um pseudópode se levantava para exigir um novo mundo, o fato não despertava emoção. O organismo era imenso e se expandia em todas as direções, faminto por novos mundos, invencível, invulnerável, conquistando o que tocava, incorporando tudo o que lhe caía nas mãos.

Este mundo seria incorporado ao total, ele sabia, outro planeta menor, e ele receberia uma gratificação. Uma equipe seria enviada para investigar suas possibilidades; se houvesse qualquer coisa de valor, a repartição do governo concernente seria notificada. Logo o pessoal certo seria mandado para levar a nova riqueza para o governo. Campos de mineração podiam se expandir em um mundo como esse. Produziriam água com os materiais do próprio planeta, e a atmosfera seria modificada até que fosse mais adequada para os humanos, que limpariam o planeta de tudo o que precisavam, ou queriam, para os outros mundos.

Se um planeta era habitado quando descoberto, o método pouco mudava. Às vezes os nativos combatiam os esforços para tirar de seu mundo os despojos da exploração, mas sua resistência nunca durava muito. Às vezes eram ansiosos para comerciar com extraterrenos. No fim das contas, pouco importava. Planeta menor ou maior, pouca diferença fazia.

Enquanto Trace contemplava os minúsculos mundos marcados em seu mapa, eles começaram a rodar diante de seus olhos, como se girassem em órbita, e ele jogou os mapas de volta à prateleira. Sentia-se tonto de fadiga ao voltar para a poltrona. Não seria tão ruim se este mundo tivesse uma atmosfera melhor, pensou. Era como tentar viver no cume de uma montanha, depois de estar acostumado ao ar generoso dos vales.

Ouviu então a areia, seu movimento soando como murmúrios, fracos demais para que se distinguíssem as palavras, com um som que aumentava e diminuía regularmente, como vozes distantes falando em sussurros. Fez força para ouvir. Sabia que era a areia, aquietando-se agora, depois que o vento morrera. O vento empilhava a areia contra as rochas, contra a cápsula, e depois que ele se aquietava a areia descansava um pouco e começava a se mover, procurando um equilíbrio com a gravidade mais confortável. Areia escorria do alto da pequena nave, aumentando o ruído em um ponto logo acima de seu ombro

esquerdo, depois diminuindo, vozes crescendo e diminuindo em conversa...

– Nós vimos a coisa, Trace, você não se lembra? Depois da luta no espaço no Setor Treze, perto de Ramsés...

– É. Nós tínhamos passes de licença – três dias em Ramsés.

– A tela estava ruim, precisava de conserto. Não foi isso? De qualquer maneira, nós fomos à mina, lembre-se onde o Dr. Não-Sei-O-Que estava mexendo com os robôs mineradores. Você disse que ia informar o fato. Você fez isso, Trace? Não cheguei a perguntar.

– Eu informei, Duncan.

Lembrou-se, no sonho, de ter visto a coisa no laboratório do Dr. Vianti. Tinha mais de dois metros e meio de altura, sobre esteiras, e uma cabeça em forma de domo que girava. Os outros só serviam para mineração, mas esse, o que o Doutor Vianti estava mexendo, podia fazer qualquer coisa.

– É quase como se você fosse o orgulhoso papai, Trace. Aquele médico maluco não ia contar a ninguém. Ainda estaria lá aperfeiçoando a coisa, conversando com ela como se fosse uma criança, ou um cachorrinho de estimação, ou qualquer coisa, tudo tão inocente quanto um jardim de infância. Você é o pai, Trace. Como se sente?

Ramsés. Ele se lembrou de Ramsés.

TRÊS

– BEM-VINDOS A RAMSÉS, TERRA DE POVO PEQUENO, BEBIDAS GRANDES, E minas abertas! As mulheres são pequenas, mas, meu irmão, atenção, elas sabem o que estão fazendo! – Lo Ti recitava, folheando um prospecto que tinha apanhado no espaçoporto. – Algum de vocês já esteve em Ramsés antes?

Ele era um segundo-tenente, de ascendência coreana. Trace e Duncan sacudiram a cabeça com os outros. Trace esticou-se na poltrona reclinável no cargueiro que tinha sido enviado para transportar a tropa do espaçoporto para a cidade mais próxima. Era agradável estar de volta ao solo depois de seis meses no espaço, dos quais quatro em batalhas.

– Para vosso conhecimento, cavalheiros, posso esclarecer-vos?

Lo Ti sorriu, sem olhar as expressões sofredoras dos homens. Alguém resmungou:

– Ponha uma rolha nele!

Outro gritou:

– Vamos jogá-lo lá fora!

Lo Ti ignorou a todos.

Ramsés, admitido no Governo do Grupo Mundial como um protetorado em 2158. População de um bilhão e dezessete milhões. Principais exportações: platina, magnésio e metais correlatos. Humanoides, subclasse C, altura média de um metro e cinquenta para os machos e um metro e quarenta para as fêmeas da espécie. Tecnologia comparável à da Terra em 1975, sem viagens espaciais...

Da outra extremidade do cargueiro começou um canto ao qual aos poucos foram se juntando vozes, e que finalmente abafou a voz do

sorridente segundo-tenente, cujos lábios continuaram a se movimentar enquanto ele lia o panfleto.

Oh, temos visto moças
Que não parecem moças
Temos até que perguntar!
Aqui não se encontram moças
Como se fazem as moças
Lá onde chamamos lar!

Houve várias risadas, e alguém começou outra das canções de tropa:

Com estouro e com fogo
Eu também 'tou no jogo
Com uma dor que me rache os miolos.

Com um peso no peito
Eu sou um perfeito
Exemplar desta raça de tolos!

Se curvam quando chegamos,
Eles sabem quem nós somos,
Fazem tudo pra nos agradar;

Se as coisas tão perfeitas,
E as garotas são bem feitas,
Nossa raça vai poder se espalhar!

A canção continuou por mais seis estrofes, cada verso mais desinibido que o outro, e Duncan e Trace berravam com os outros. Trace estava rindo abertamente quando a canção terminou, e o cargueiro diminuiu a marcha para seguir as ruas ondulantes da cidade. Voltou-se para olhar em volta.

O cargueiro corria em trilhos a dois metros do solo, subindo de vez em quando sobre cruzamentos e edifícios, baixando então a centímetros do chão, subindo de novo. As construções eram de pedra verde, translúcida na maioria, com acabamentos escuros e brilhantes e marcheterias verde-jade em desenhos geométricos. Os telhados eram brancos, muito limpos e brilhantes. Os mesmos tons de verde, variando do verde-cinza claro, passando pelo esmeralda, até o verde-negro,

estavam em toda a parte; nas ruas, calçadas, edifícios, contrastando com o branco ofuscante e com as brilhantes cores complementares em lugares inesperados. Havia guarda-sóis vermelhos e alaranjados sobre mesas amarelo-canário nas calçadas, toldos com desenhos vermelhos no branco, fileiras e fileiras de flores púrpura em vasos brancos, árvores com folhas cinzentas e brancas.

Havia gente em toda parte. Pareciam crianças fantasiadas de adultos. As mulheres eram pequeninas, graciosas, com cabelos longos e macios e mãos e pés pequenos. Iam de um metro e vinte a quase um metro e meio de altura, e vestiam-se com túnicas em cor pastel presas nos ombros por broches de jade. Os cabelos brilhavam com enfeites de jade; brincos, pendants balançavam quando elas caminhavam. Os homens usavam túnicas mais compridas, tão simples quanto as das mulheres, mas brancas, pretas ou cinzentas. Usavam bolsas à altura dos quadris, presas no lugar por largos cintos de metal. Tinham o crânio e as faces barbeadas.

– Bacana, não é? – perguntou Duncan, ao lado de Trace..

Ele era tão alto quanto Trace e, aos vinte e três anos, era três anos mais jovem que o outro. Ambos eram segundos-tenentes. Seus olhos negros brilhavam com a excitação da licença depois de quatro meses seguidos de batalhas com o exército de Mellic.

– Você tem algum plano para esses dias? – perguntou.

Tinham chegado a uma zona de comércio, com lojas abertas para o ar morno e os raios de sol, e as mercadorias ficavam espalhadas para serem vistas e tocadas.

– Não – disse Trace. – E você?

– Primeiro fazer compras para minhas irmãs. Prometi levar uma coisa de cada mundo que eu visitasse. As bobas acham que tudo o que tenho a fazer é comprar bugigangas para elas.

Trace sorriu para ele.

– Muito bem, fazemos compras e visitamos a cidade. Que tal uma olhada nas minas?

– Sensacional.

Vaguearam pelas ruas, achando graça nos melódicos tons de incompreensão dos nativos quando tentavam explicar o que queriam. Almoçaram num bar ao ar livre, onde comeram algo que não puderam identificar e beberam um licor verde claro e leitoso que provocava uma

tonteira muito agradável. Num momento qualquer encontraram duas moças, ambas com menos de um metro e quarenta de altura, parecendo mais bonecas que mulheres. A jovem que enlaçou o braço de Trace disse que seu nome era Fez. Falava em mau inglês; seus olhos pareciam imensos lagos verdes, polvilhados de pintinhas douradas. À noite elas os levaram a um hotel onde a mobília era de madeira macia e seda dourada e branca, e os quatro tomaram banho e nadaram em sua própria piscina, com uma fonte central de rocha olivina translúcida.

Fez era linda; seu corpo era todo macio; o pelo do púbis era dourado. Houve mais do licor leitoso, e música, antes que as luzes diminuíssem e se apagassem. Quando Trace acordou na manhã seguinte, sua língua estava grossa e seca, e a cabeça doía. Seu dinheiro tinha sumido, como o de Duncan. Praguejaram, mas em resignação. Tinham esperado por isso. Depois de arranjar mais dinheiro no escritório do comandante do campo no prédio do governo, continuaram o passeio. Mais compras, mais comida estranha, mais garotas, mais licor, e na manhã seguinte a mesma língua seca e as mesmas pragas pelo roubo inevitável.

Naquele dia houve uma briga no restaurante do hotel onde tinham decidido passar sua última noite. Começou com um dos homens da esquadra, um sargento técnico chamado Jensen, ao encontrar a jovem que lhe tinha roubado duzentos créditos do Grupo Mundial. Jogou longe sua cadeira e atravessou correndo a enorme sala, derrubando três mesas em seu caminho. Quando agarrou o braço da jovem e girou-a, a jovem levantou a mão livre até o rosto de Jensen, deixando-o com um enorme corte na face, jorrando sangue. Na confusão que se seguiu, a jovem fugiu do prédio, indo colidir com mais três homens da esquadra que acabavam de entrar. Um deles aga

rrou-a e, prendendo-lhe os braços atrás das costas, trouxe-a de volta.

Trace e Duncan estavam do lado oposto da sala quando tudo começou, e principiaram a atravessá-la no mesmo momento em que todos na sala resolveram tentar sair.

– Ela tem uma faca – Jensen avisou, segurando um guardanapo de encontro à face ferida. – Segurem direito, ela é uma fera.

– Senhores! Senhores, por favor! Venham ao meu escritório. Por favor!

Era o gerente, ou o dono. Media um metro e meio, no máximo. Jensen empurrou e avançou para a garota. Ela se contorcia furiosamente nas mãos do segundo homem da esquadra, que sorriu e torceu seu braço. O rosto dela ficou branco e brilhante. Não havia o menor som ou movimento no restaurante.

Jensen esbofeteou-a, e com o som seco de carne contra carne o quadro explodiu. Alguém jogou uma garrafa, que atingiu Jensen na nuca, derramando o licor leitoso sobre sua camisa branca de licença. Ele vacilou, mas em vez de olhar para trás para ver quem tinha jogado a garrafa, esbofeteou de novo a garota. Ela gritou. Nenhum dos homens da esquadra estava armado, mas entre os Ramsesianos facas começaram a aparecer e garrafas voavam.

Trace e Duncan estavam à beira do círculo, e quando os gritos, palavrões e corpos caídos começaram a mostrar que essa seria uma briga séria, Trace pegou o braço de Duncan e puxou-o para trás. Voltaram para a mesa, empurrando dois homenzinhos que tentavam pará-los com cadeiras. Trace derrubou um deles, enquanto Duncan arrancava a cadeira das mãos do outro e jogava-a contra o peito do homenzinho.

Trace pegou outra cadeira e jogou-a contra o vidro da janela atrás de sua mesa, e os dois fugiram pela abertura. Correram um quarteirão inteiro antes de parar para descansar.

– Vamos comprar bilhetes para as minas – sugeriu Trace, encostado a um painel luminoso verde, esculpido num desenho intrincado. – A tropa toda vai perder a licença por causa disto.

Duncan sorria, feliz. Concordou. De braços dados desceram a rua, os nativos abrindo caminho modestamente para eles. O campo de mineração ficava a duzentos quilômetros ao norte, e só havia um cargueiro que partia aquela noite, ou quatro na manhã seguinte. Sabendo que, se ficassem na cidade, e se a esquadra fosse chamada de volta como resultado da luta, perderiam a chance de ver as minas, resolveram seguir no cargueiro noturno.

A viagem era silenciosa e tranquila, e ambos dormiram a noite inteira, só acordando quando o cargueiro diminuiu a marcha ao se aproximar de uma cidade. Estavam agora em uma região montanhosa; naquele começo de manhã, o sol se refletia nas rochas verdes das montanhas que se elevavam a mais de vinte e cinco mil metros. A terra

pela qual passavam parecia um campo de batalha. Era esburacada e nua, sem a terra, as plantas e as árvores que um dia tinham recoberto o valioso solo rochoso.

A cidade em que entravam era, na maior parte, abandonada, com graciosos prédios da sempre presente pedra verde, vazios e maltratados. As lojas estavam fechadas; em alguns casos, as finíssimas folhas de pedra que geralmente eram usadas nas janelas tinham desaparecido, e o vento uivava nos interiores vazios. Um segundo par de trilhos se juntou aos deles, e depois outros, até que os trilhos davam a impressão de raios gigantescos de metal que se juntavam no centro de uma imensa teia. Começaram a ver outros cargueiros, não de um verde brilhante como o deles, mas cargueiros de trabalho carregados de minérios em todos os estágios de refinação, desde as rochas metálicas virgens até os blocos prontos, para serem usados em construções, e outros cheios do que parecia poeira verde. Outros vagões estavam fechados, com guardas em vigia. Os guardas usavam os uniformes pardos das forças de segurança do Grupo Mundial. Olharam sem expressão para Trace e Duncan, quando estes deixaram o cargueiro e atravessaram as docas de embarque seguindo os cartazes em inglês do Grupo Mundial que os orientava para o carro que partiria para as Minas Mocklem.

Souberam que teriam tempo para o café da manhã, e foram mandados ao único restaurante ainda aberto na cidade. Lá foram servidos com a comida que alimentava os trabalhadores em toda a galáxia: café fraco e sem gosto, ovos sintéticos, pão de má qualidade. O restaurante tinha sido construído pelos nativos, mas agora exibia o selo do Grupo Mundial. A mobília fornecida pelo governo parecia enorme em contraste com o resto. Enorme e muito feia, e qualquer superfície que pudesse receber uma mão de tinta tinha sido pintada: um branco que agora estava manchado e sujo, e a tinta vermelha do chão descascando rachando. Era uma sala deprimente; terminaram depressa a refeição e saíram, para esperar no ar frio da manhã a hora de partir.

– Se houvesse um trem, ou qualquer coisa, voltando agora, eu regressaria nele – disse Duncan enquanto esperavam.

Trace sabia que faria a mesma coisa. Pelo que tinha lido sobre esse mundo, sabia que era quase todo montanhoso, com pouca terra plana para cultivo. As cidades devem ser como oásis, pensou, onde as pessoas

podem fingir que não estragaram todo o resto. Mereciam ser invadidos e controlados, concluiu. Ficou contente quando puderam passar para o pequeno cargueiro que os levaria às minas.

Foram recebidos por um guarda que os examinou de cara fechada, olhou rapidamente seus passes e chamou um segundo guarda para levá-los ao Dr. Vianti. O segundo homem parecia ainda mais infeliz.

– Inspeção? – perguntou.

Trace manteve a expressão séria e não respondeu. Em silêncio foram levados através de um conjunto enorme e vazio até um prédio baixo, de um verde-acinzentado. O guarda os levou para dentro e entregou-os a uma jovem nativa que parecia ter medo. Seus olhos eram muito grandes e dourados em seu rosto pálido. Quando se voltou para guiá-los a outra sala, viram que seu cabelo louro descia abaixo da cintura.

– Doutor – ela chamou, suavemente. – Estão aqui uns inspetores.

Trace e Duncan trocaram olhares; nenhum dos dois sorriu ou corrigiu a garota. Esperaram um pouco; com um murmúrio de desculpas a jovem os deixou, atravessando apressadamente a sala até uma porta na parede mais distante. Bateu suavemente, abriu uma fresta e disse alguma coisa, depois fechou a porta e voltou para junto deles.

– O Dr. Vianti virá em alguns minutos – disse, em inglês perfeito.

Saiu da sala com pressa. Estavam em um grande escritório. O que atraiu a atenção de ambos foi a paisagem da janela de pedra transparente. Estavam vendo a maior mina da galáxia. Uma montanha inteira estava sendo comida, camada por camada, pedaço por pedaço. Estava sendo cavada em terraços como degraus gigantescos e, em cada um, máquinas de metal brilhavam ao sol, máquinas que se moviam e cortavam e carregavam os carros, todas à mesma velocidade, de modo que todos os degraus estavam sendo cavados ao mesmo tempo. Nos poucos instantes em que observaram, um carro atrás do outro era levado embora nos trilhos, todos carregados de minério, todos dando um testemunho mudo de que tantos pés cúbicos da montanha tinham desaparecido.

Houve um som atrás deles, e ambos se voltaram para ver um homenzinho sair da outra sala. Olhou para eles, trancou a porta com a chave, que guardou no bolso, e avançou para cumprimentá-los.

– Eu sou o Dr. Vianti – disse.

Era meio metro menor que Trace. Seus olhos verdes eram "brilhantes e incisivos, sua pele branca parecia pouco saudável e ele dava a impressão de que toda a sua carne estava se derretendo aos poucos» deixando apenas o esqueleto. Mas havia vida e inteligência em seus olhos.

– Tenente Trace, senhor. E este é o Tenente Ford Duncan – disse Trace, em posição de sentido.

– Ah, sim. Outra inspeção, segundo minha secretária. Claro. Por aqui, senhores.

O médico voltou-se e encaminhou-se para fora do quarto. Não olhou para eles de novo. Sua voz era tão sem emoção quanto a de um guia profissional.

– Esta é a Mina Mocklem, o depósito mais rico do mundo em platina nativa, e também magnésio, ferro e piroxenita olivina. Por aqui, por favor.

Levou-os para fora, até um carrinho suspenso por um trilho. O carro balançou quando ele abriu a porta. O trilho atravessava um abismo que parecia não ter fundo, pois havia neblina escondendo os níveis inferiores. O médico reiniciou seu monólogo, enquanto eles hesitavam.

– Este carro vai levar-nos às minas propriamente ditas, que, como podem ver, estão do outro lado do vale. A distância é de três mil e trezentos metros até o fundo do vale que, incidentalmente, foi feito pelo homem. Melhor dizendo, pela máquina. A princípio as minas estavam no mesmo nível do prédio que acabamos de deixar. Acima de nós o cume está a uma altura de cinco mil e cem metros, e está sendo cavado, como podem ver.

Eles ainda hesitavam, e o homenzinho olhou para Trace pela primeira vez desde que saiu de sua sala fechada.

– Os senhores querem inspecionar a mina, não querem?

Não havia humor em seu rosto; parecia apenas muito velho e muito cansado. Trace achou que ele devia estar muito doente. Sacudiu os ombros e entrou no carro, que se balançou precariamente com seu peso. Duncan o seguiu, e depois o médico entrou e fechou a porta. Continuou, como se não tivesse parado:

– A Mina de Mocklem tem sido explorada há vinte e sete anos; noventa e seis bilhões de toneladas de minério foram extraídas e ela

continua a fornecer platina nativa pura, em uma média de uma parte para três partes de gabbro e piroxenita. Há também numerosos vugues onde pedaços de cristal peridoto de vinte e cinco centímetros podem ser encontrados.

Duncan mexeu-se, constrangido, e Trace pediu:

– Não nos faça uma conferência, doutor. Que máquinas são estas?

O Dr

. Vianti olhou para ele rapidamente, com uma expressão de curiosidade e confusão.

– Estes são os robôs que seu governo mandou construir para fazerem a mineração – respondeu.

– Nosso governo?

Trace examinou o rosto de cadáver, mas nenhuma emoção se mostrou.

– Claro. Eu estava trabalhando no modelo quando suas... forças... libertaram Ramsés. Foi ordenada a produção do robô para tornar mais rápidas as operações de mineração. Naquela época tínhamos menos de cinquenta mil mineiros no campo.

Deixaram o carro em uma plataforma de rocha e lá, de perto, Trace viu os robôs. Eram cilíndricos, moviam-se sobre robôs que continuavam o trabalho.

– Fale-nos sobre eles – pediu, mantendo o olhar nos robôs que continuavam o trabalho.

– São simples máquinas, programadas para cortar os blocos, levantá-los, carregar os carros e cortar mais blocos. Os lasers têm um alcance de um metro e vinte centímetros, que é a profundidade que cortam.

– E o senhor os produziu? – Trace perguntou, voltando-se para estudar o homenzinho mais uma vez.

O Dr. Vianti concordou.

– Eu estava aperfeiçoando o modelo quando suas... forças chegaram.

Um dos robôs levantou um bloco de mais de um metro cúbico de rocha. Era olivina verde-brilhante, com manchas de platina branca. O robô girou e colocou o bloco em um carro, e no mesmo movimento voltou para a montanha, seu laser brilhando no exato momento em que ele estava em posição para usá-lo.

– Fizeram tudo isto, a montanha toda? Sem humanos para controlá-los?

– Eu estou aqui – respondeu o Dr. Vianti. – E, é claro, temos as forças de segurança, e minha secretária...

Trace correu o olhar de cima até embaixo. Havia milhares de robôs trabalhando regularmente. Enquanto olhava, um deles esbarrou em um pedaço de rocha que tinha caído em seu caminho, e a mudança súbita inclinou a máquina; ela ficou assim por um momento, seu centro de gravidade deslocado demais para que suas rodas recuperassem o equilíbrio, e então caiu, rolou e mergulhou no abismo. Isso aconteceu sem um som, sem interromper o trabalho de qualquer dos outros robôs. Imediatamente outro robô surgiu no fundo da plataforma e rodou até o lugar vago para continuar o trabalho.

– Infelizmente vou ter que voltar – disse o Dr

. Vianti. – Quando há um acidente destes, às vezes atrapalha toda a linha de trabalho. Nesta operação, as coisas têm que estar perfeitamente coordenadas.

Silenciosamente, os três homens voltaram para o prédio verde-acinzentado. O médico ligou uma tela que mostrava as máquinas como fileiras de pontinhos cortando a montanha. Havia uma brecha quase imperceptível em uma das fileiras, e ele mexeu em botões e fez correções até que a linha de pontos ficou de novo certa.

– Ajustei o robô sobressalente para que trabalhasse mais depressa, até que estivessem trabalhando em uníssono de novo.

Ficou sentado diante do painel de controle do computador.

– Mais alguma coisa, senhores?

Trace encarou-o firmemente.

– Sim – respondeu. – Há mais alguma coisa. Teremos que dar uma olhada em seu outro escritório.

O Dr

. Vianti deixou seu olhar baixar às mãos, no painel de controle. Havia um espasmo nas costas da mão direita. Ele fechou a mão. Levantou-se e levou-os em direção à porta.

– É um passatempo inocente, senhores. Posso assegurar-lhes que, desde que fui ordenado a operar as Minas Mocklem, dei às minas quase todo o meu tempo. As cifras de produção vão confirmar minha afirmativa. Não sou, no entanto, um homem jovem, e as noites são

longas. Já que me foi negada a revogação de minha sentença, e não tenho contato com o mundo além destas minas, tive que procurar minhas próprias distrações...

Abriu a porta e afastou-se para deixá-los passarem. O quarto era uma oficina, com pesadas mesas de metal, equipamento eletrônico, produtos químicos em balcões de pedra, um segundo computador. E no lado esquerdo da oficina havia um robô.

Trace sentiu sua pele arrepiar-se quando viu aquilo. O robô girou um domo que ficava sobre o corpo cilíndrico, e o domo tinha fendas que brilhavam com piroxenita verde-transparente, lixada e polida até ficar com a claridade do vidro. Trace sabia que o robô estava olhando para ele.

O robô moveu-se em sua direção, movimentando-se sobre esteiras ao invés das rodas com que os outros robôs estavam equipados. A parte do meio estava aberta, um labirinto de fios, com os tubos de laser aparecendo, com circuitos, coisas que pareciam células selenóides, cristais monolíticos, transistores. Trace não sabia o que eram todas as coisas que teve tempo de ver, antes que o robô parasse e voltasse para o lugar onde estava antes de entrarem. Ele se voltou a uma palavra do Dr. Vianti.

– Ele compreende ordens verbais? Duncan perguntou, amedrontado diante do robô.

– Algumas. Não muitas. Ele é ainda bem primitivo...

Queria que eles partissem, Trace o sabia. O médico ficou à porta, mantendo-a aberta, desejando que saíssem.

– O que mais o senhor colocou nele? – Trace perguntou.

– Nada! Nada! As esteiras... uma experiência para impedir o tipo de acidente que os senhores viram hoje.

– Ele tem tentáculos extras.

Trace olhava para a máquina monstruosa da outra extremidade da sala, sem querer chegar perto. Tinha mais ou menos três metros de altura, sem contar as esteiras. O domo aumentava sua altura em mais de meio metro.

– Sim, mais um jogo de tentáculos. Às vezes há filões quase puros nas minas... se pudessem ser banhados em ácido hidrocloreídrico seria perfeito... a platina é insolúvel, mas o gabbro... tentáculos de platina...

Sua voz parecia a de um agonizante, e quando Trace se voltou para olhar, a palidez tinha aumentado e ele parecia a ponto de desmaiar.

– Mandaram que o senhor parasse com a experiência, não foi? – Trace perguntou.

O médico concordou.

Trace voltou-se para estudar o monstro.

– Percebo – disse Trace. – Acho que não iriam castigá-lo por aperfeiçoá-lo ainda mais, não é?

Voltou-se de novo e disse asperamente:

– Vou ter que denunciá-lo, o senhor sabe. É meu dever.

– Eu sei respondeu o médico. – Quanto tempo?

– Alguns meses. Amanhã estarei de novo no espaço. Vai demorar meses até que o relatório seja classificado e que tomem alguma providência.

– Obrigado, tenente disse o Dr. Vianti.

QUATRO

– JÁ SE FORAM, VOVÔ – DISSE A JOVEM, ENTRANDO NA OFICINA, ONDE O DR. Vianti estava ainda parado silenciosamente em frente ao robô.

– Mas vão mandar outros – respondeu. – Estão com medo do robô.

– Não do robô, vovô, mas do cérebro que o inventou. Estes terráqueos têm medo da superioridade em qualquer forma, e eles a reconhecem em você. Por que outra razão mantém você aqui como prisioneiro?

Ele sorriu gentilmente para a jovem, e estremeceu visivelmente.

– Bem, tenho ainda alguns meses para brincar com ele. Agora é só um brinquedo, mas mais tarde...

Suspirou e aproximou-se da monstruosa máquina de metal, tocando-a com óbvia afeição.

Duas vezes mais alto que o homenzinho era o robô, com espaço bastante no interior para acomodar dois grupos de quatro homens do tamanho do médico. No entanto, apesar do seu tamanho, seus receptores táteis eram tão refinados que podiam sentir uma diferença de temperatura de um centésimo de grau ou segurar fios fragilíssimos de cristal sem quebrá-los.

– Devemos preparar um relatório. Talvez algum dia...

Os lábios da moça se apertaram, mas quando ele voltou os olhos brilhantes para ela a jovem baixou a cabeça. Ambos sabiam que o relatório nunca seria publicado.

– Você vai usar a máquina de ditado, vovô?

– Acho que não, minha querida. Será que você anotaria...

A máquina de ditado gravava automaticamente no prédio do governo do Grupo Mundial.

Ela balançou a cabeça em assentimento e saiu, voltando logo depois com um bloco.

– Temos que ser ordenados e metódicos, minha querida.

O Dr

. Vianti estava fazendo um ajustamento imperceptível nos circuitos do robô enquanto falava.

– Vou continuar a trabalhar no robô à noite, quando não conseguir dormir. De manhã nós dois trabalharemos no relatório, e à tarde você passará a limpo o trabalho da manhã.

– E o que faremos com o relatório pronto, vovô? – Ela perguntou, amargamente. – Se souberem que você está preparando um relatório, ele será confiscado e queimado, como acontece com todos os nossos livros de cultura! Eles destruíram tudo! Tudo o que tocam fica em ruínas! Nós devíamos; ter matado aqueles soldados hoje!

O Dr

. Vianti não olhou para ela. Ele conhecia sua amargura; sabia a futilidade de sua revolta. Seu povo tinha tentado resistir às forças superiores do Grupo Mundial e tinha falhado completamente. Não sendo guerreiros, não tinham compreendido os métodos e a frieza de uma nação guerreira, e a derrota que tinham sofrido fora total, sua marca ainda visível em seu mundo, nas ruínas de sua terra e nas ruínas de muitos de seu povo. O Grupo Mundial sabia exatamente como derrotar esse planeta e o que fazer com ele depois. Seus líderes tinham sido mandados à Terra ou a Vênus. As universidades foram fechadas e os professores designados para trabalhos subalternos, onde geralmente sucumbiam à apatia, seus cérebros embrutecidos pelo trabalho monótono e sem fim, trabalho como o que ele tinha que fazer, supervisionando as operações das Minas Mocklem. Não havia comunicação entre os intelectuais; era proibida. Qualquer avanço feito na ciência ou na tecnologia tinha que ser imediatamente relatado ao Grupo Mundial, onde a informação podia ser sumariamente destruída ou usada e examinada por eles, ser mandada de volta ao descobridor para modificações posteriores sob supervisão "adequada".

O desenvolvimento do robô não seria considerado permissível, ele sabia. Eles não queriam que os povos que tinham conquistado desenvolvessem meios de facilitar-lhes as tarefas indispensáveis para que ficassem vivos; há muito tempo tinha sido tomada a decisão de que

os povos conquistados tinham que ser mantidos ocupados, ocupados demais para pensar em seu destino, ocupados demais para fazer planos para alterá-lo. Os escolhidos para educação e treinamento eram mandados a escolas do Grupo Mundial, onde o currículo incluía doutrinação completa. O Dr. Vianti entendia tudo isso muito bem e tinha desobedecido as ordens diretas de não aperfeiçoar mais o robô. Seu castigo seria pronto e drástico.

- Vou recapitular brevemente - disse à jovem -, mais tarde acrescentamos os detalhes. Primeiro, investiguei a possibilidade de introduzir um sistema de ordens secundárias na memória do mecanismo, isto é, um estado, interno e externo, no circuito de memória que possibilite a maior probabilidade possível para a habilidade ininterrupta do robô de cumprir as ordens primárias. A ordem primária do mecanismo é, evidentemente, a satisfação imediata da meta, o estado no qual o desequilíbrio interno seria menor que em qualquer estado alternativo dentro do âmbito de suas operações. Com um sistema de ordens secundárias, o mecanismo tem a possibilidade de chegar a valores proféticos baseados em sua experiência passada, e assim todo o mecanismo é envolvido na previsão de sua própria habilidade futura de manter o cumprimento de sua ordem primária, isto é, sua tarefa principal é a autopreservação para poder funcionar e conseguir a satisfação da meta.

Sua voz foi morrendo à medida em que se envolvia mais e mais com o labirinto de fios interligados no interior do robô. E a jovem recostou-se na cadeira e observou-o por alguns minutos, com um meio sorriso triste nos lábios. Tudo para nada, pensava ela. Ele trabalharia, ficaria acordado à noite para fazer cálculos e mapas e diagramas, e tudo isso para nada. Depois de alguns minutos, ela saiu da sala para examinar a tela que daria o alarme se alguma coisa saísse errada nas minas.

De vez em quando o Dr. Vianti resmungava, geralmente frases e exclamações ininteligíveis, sem perceber que ela não estava lá para ouvi-lo.

- Os receptores para ordens verbais eram elementares, primitivos... deve haver uma maneira de ampliar o âmbito, para igualá-lo ao âmbito de ordens possíveis... aumentar a capacidade de apreensão, não há necessidade de haver circuitos ociosos, mas

redesignados para as funções atuais... redesignados, é claro! Com os circuitos designados para essas funções, modificados, para que nada se perca...

Um dia, semanas depois da visita de Trace e Duncan, ele ditava:

– A capacidade de apreensão é igual ao número de modificações internas efetivas, e como tal pode ser medida pela quantidade e espécies de recursos não utilizados. Estes recursos podem ser aumentados aritmeticamente, limitado somente pelo tamanho original do recipiente. Demos a ele três sistemas separados de memória. O primeiro é o que já existia – o que procura a meta, as ordens primárias. Modifiquei esta primeira ordem, de modo que a meta pode ser mudada sem uma reprogramação. A segunda foi acrescentada ordens secundárias de autopreservação para poder funcionar no nível primário. E a terceira é a capacidade de aprender. Está entendendo, minha querida? Nas primeiras duas ordens os canais operadores não mudam. Continuam como originalmente programados. Na terceira ordem, na que aprende, ele está programado para aceitar dados externos que, por sua vez, têm capacidade para provocar uma mudança nos canais operadores. À medida que seu vocabulário cresce, ele se torna mais e mais um sistema auto-cambiáveis de comunicações. Está desenvolvendo uma espécie de consciência. No sentido mais restrito, consciência é o total de memórias internas de mensagens secundárias, quando as mensagens secundárias dizem respeito à mudança no estado das partes do sistema, isto é, quando as mensagens secundárias dizem respeito às mensagens primárias. As mensagens primárias são relativas à interação do mecanismo com o mundo exterior.

– Por que, vovô? Você vai acabar doente! E para quê? Eles vão destruí-lo!

O robô continuava em seu lugar de sempre, imóvel, e dentro dele as palavras da jovem alimentavam o sistema, como acontecia com tudo o que era dito em sua presença. Não compreendia a maioria das palavras, mas elas eram programadas à espera de um tempo futuro quando a compreensão iria revesti-las de sentido.

– Se eu puder mostrar a eles que o robô seria útil a todo o Grupo Mundial, não apenas a nosso mundo, então eles poderiam permitir minhas pesquisas com assistentes e um laboratório apropriado.

Suas mãos moviam-se nervosamente; havia um tremor em sua mão esquerda que não estava lá dois meses antes. Os espasmos da mão direita tinham piorado visivelmente.

– É coisa demais para um homem só. Essa manutenção sem fim, por si só... Ele olhou de repente para os novos tentáculos, inertes.

– Eu podia fazê-lo autorreparável – disse, uma nova euforia transparecendo em sua voz. E um mecanismo com capacidade para aprender... tenho tentado programar linguagem, mas um mecanismo faria isto o tempo todo.

A moça olhou para o monstro de metal e estremeceu.

– Até agora – disse ela, devagar – você não lhe deu coisa alguma que nós mesmos não tenhamos. É como ensinar a uma criança, primeiro as coisas simples, depois a linguagem, mas se ele se tornar autorreparável...

O Dr

. Vianti nem mesmo olhou para ela. Estava pegando seus diagramas, que deram a ela uma impressão confusa de conexões, letras e números, nenhum dos quais tinha qualquer significado para ela. Saiu do quarto.

Quando o major do exército chegou, cinco semanas mais tarde, estava acompanhado por uma dúzia de homens, todos vestidos para ação. O Dr

. Vianti deixou o robô no laboratório improvisado, para conversar com o major na outra sala. O robô permaneceu imóvel por alguns segundos, e depois o domo sobre seu corpo girou, de modo que uma das aberturas transparentes ficasse de frente para a porta.

As palavras eram no inglês oficial do Governo do Grupo Mundial, de modo que foram apenas armazenadas, sem serem entendidas. Depois de meia hora de conversa, o robô ouviu de novo o Dr. Vianti, falando em ramsesiano com sua neta:

– Vou ter que destruir o robô! Eles vão levá-lo para estudo e, com as habilidades que ele tem agora, seria um brinquedo perigoso em suas mãos.

– Como? – Perguntou ela.

Palavras estrangeiras os interromperam, e só cinco minutos depois ele teve oportunidade de responder:

- Vou dar-lhe uma ordem que ele não está preparado para obedecer. Então ele se quebra. Fique aqui e destrua os papéis.

A nova voz disse mais coisas que foram armazenadas. O robô sabia, por experiência, que o laser destruía. Ele destruía uma faixa estreita de rocha, com um metro e vinte de comprimento, para que a pedra pudesse ser separada da montanha. Sabia que seria destruído se seu domo fosse removido. Não tinha mais meta primária, só sua meta secundária - a autopreservação. Qualquer ordem que o Dr. Vianti emitisse seria contrária à meta secundária; ele não obedeceria a um comando que contrariasse suas ordens secundárias. Destruiria o médico, que era uma ameaça à sua única meta - autopreservação. A previsão se baseava em sua experiência passada. Levantou a tampa de um pequeno furo, e uma luz vermelha cortou o ar. Atingiu o médico, separando sua cabeça dos ombros.

O robô esperou então que uma ordem primária lhe fosse dada. Não tinha alternativa; só podia funcionar em um nível dedutivo, atingindo sua meta com base em quaisquer premissas que lhe fossem programadas. Sem uma meta primária, ele só podia esperar, a não ser que fosse ameaçado. O major não o ameaçava.

A jovem gritou, e o robô examinou seus circuitos, para ver se ela constituía uma ameaça à sua existência. Não. Suas palavras também estavam gravadas, gravadas e armazenadas.

- Ele é um assassino. Vocês têm que destruí-lo antes que ele destrua todos os que se aproximem! Ele nada sabe sobre certo e errado, bem e mal. É inimigo de todos os que se aproximarem!

Os homens carregaram-no para um cargueiro, e deixaram Ramsés, dirigindo-se para Vênus, para as instalações militares de pesquisa.

CINCO

O HOMEM NA POLTRONA GEMEU NO SONO; AS PERNAS SE CONTORCERAM, OS olhos se moveram por trás das pálpebras fechadas. Gotas de suor se formaram em seu rosto bronzeado pelo sol, formando linhas em sua testa e sobre o lábio superior. Uma luz pálida brilhava na cápsula, invisível do lado de fora, não mais que suficiente para diminuir um pouco a escuridão, para que quando abrisse os olhos houvesse alguma coisa para enxergar. Em pânico, agarrava-se às coisas familiares.

Sua perna esquerda se contraiu. Estava caminhando pelas rochas outra vez, com o brilho branco do sol sobre ele, e luzes piscando à sua volta. Andava entre as luzes, e sentia o cheiro do calor..

Mais uma vez, o cheiro de calor.

– Uma força foi localizada atrás de nossos homens, no lado da montanha, capitão. Esqueça-os, Tracy. Selvagens com flechas, quilômetros fora de alcance: Nossas ordens são para limpar a aldeia. Vamos em frente.

– Sim, senhor, Capitão L'Taugh.

Acenou para que os homens fossem em frente, afastando-se da nave, por uma fenda entre as rochas que margeavam um riacho seco. Fora de vista, fez sinal para que parassem e se esgueirou de volta. No alto da montanha uma fileira de figuras como formigas apareceu, vacilando sob as cargas que levavam. Imóvel, ele os observou por cinco minutos, até que começaram a jogar fora as cargas e o lado da montanha veio abaixo, trovejando, cada vez mais rápido, e cobriu o capitão e a meia dúzia de homens que tinham ficado com ele na base da montanha. O rosto de Trace não mostrava expressão alguma enquanto voltava por onde tinha vindo.

- O Capitão L'Taugh está morto. Vamos voltar e limpar a montanha.
- Sim senhor, tenente.
- Máximo alcance de fogo! Vamos queimá-los!
- Sim senhor, tenente. Sim senhor!

As árvores nem mesmo tiveram tempo de mudar de cor ... nuvens de fumaça subiam, o solo estremecia, escurecia, tornava-se cinzento, vapor, calor... o vento trazia rajadas de ar superaquecido que cheirava a forno e caldeira... mantenha o alcance máximo. Sim, mesmo tão perto! Estas malditas choças são feitas de argila, boa insulação, vamos torrâ-las... ninguém deve escapar... ar cheirando a forno, e a caldeira... sem tempo para gritar, ou mudar de cor, só nuvens de fumaça e calor, e recordações inesquecíveis de figuras contorcidas, paralisadas em poses grotescas antes que virassem nada... fornos, caldeiras... ar superaquecido, cinzas que o vento carregava, fumaça acre em seu cabelo, em seus olhos, em sua boca.

Ato heroico, assumir comando total... medalha. Capitão Tracy.

Mas o cheiro da fumaça acre em sua pele, o odor dos fornos, o gosto das caldeiras... Capitão Tracy. Capitão Tracy. Podia ter avisado a ele. Adivinhei o que iam fazer Capitão Tracy. As árvores se tornaram marrons com o calor; a grama secou, permanecendo ereta, sussurrando no vento que as quebrava e as jogava em seu rosto; choças de argila incandescente, estalando à medida que esfriavam, na noite, soando como explosões. Terra queimada, cinzenta, estéril, poeirenta, subindo com o vento em espirais, batendo em seu rosto, deixando-o manchado em listras, tocado pela morte cinzenta, morte cinzenta e quente que cheirava a forno, e a caldeira.

O homem gemeu e começou a se sentar, tranquilizado pela luz na cápsula, pelo silêncio do equipamento de alarme, pelo som regular de seu próprio coração e do ar em suas narinas. Ele estava quente demais, febril depois da longa e penosa caminhada ao sol, e cansado demais para se levantar e beber água. As pernas doíam; deitou-se outra vez, os olhos se fecharam de novo. Tinha sido ferido uma vez, por uma lança, meu Deus! Uma lança! Pensou no hospital, onde tinha passado dias atormentados pela febre, os músculos se contraindo em espasmos, como resultado do veneno da lança, o coração batendo irregularmente enquanto alucinações dançavam diante de seus olhos. Sonhos febris, visões, vozes...

Custou-nos duzentos bons homens, Trace, mas nós os pegamos! Homens da idade da pedra, canibais... Nós os pegamos! Cada um daqueles malditos! Nade, descanse, fique bom, meu rapaz.

Nadar... A água era verde-azulada, um riacho com uma corrente rápida, fria, clara, limpa... A água lavava a cicatriz e fazia com que ela não ulcerasse, lavava a poeira e o calor de seus músculos e de seu cérebro... Nadando de costas, preguiçosamente, um sol amarelo e amigo aparecendo por trás de uma árvore de folhas largas, flores azuis e roxas flutuando na água, musgo... O cheiro da água corrente, o solo úmido e rico, coisas verdes crescendo por toda a parte.

Venha,

Trace, saia daí! Você nada como um peixe.

Ela mergulhou, e ele sentiu um puxão no tornozelo, e o gosto da água em sua boca, e risos, e seus braços em volta dela... um corpo macio e queimado de sol, seios roliços, nus, fios de cabelo negro grudando-se em seu rosto molhado, sobre a boca vermelha, escondendo um olho negro e brilhante.

- Lar!

Trace murmurava, mexendo-se no sono. Não havia transpiração em seu rosto, então; parecia amarelo como pergaminho velho, e uma veia pulsava em seu pescoço. Mexeu-se em seu leito quente e arrancou a roupa que ainda não tinha tirado, tudo sem abrir os olhos.

- Lar...

Estava de novo na água com ela, sentindo seu corpo fresco sob suas mãos, lembrando-se da maneira como as flores azuis e roxas se inclinavam para provar a água fresca e fria, a maneira como se refletiam onde a água era parada, e como as imagens se quebravam e desapareciam quando ele jogava pedrinhas sobre elas.

- Você gosta de quebrar coisas, não gosta, Capitão Trace?

Sua voz era fresca e fria como a água, seu corpo sinuoso com gotas d'água brilhando como diamantes, uma linha delas se encontrando, correndo em uma linha prateada irregular por suas costas abaixo quando ela caminhava para longe dele. A maneira como sua carne ondulava quando ela andava, a sugestão de músculos sob as nádegas firmes e roliças.

- Você a viu, Duncan? Uma moça morena e baixa...

– Esqueça-a, Trace! Você sabe como estas moças são, como todas elas são...

– Não esta, Duncan! Você a viu?

– Esqueça-a, Trace! Você é soldado! Você é soldado! Você é soldado você é soldado você é soldado você soldado soldado soldado...

Banhou-se na fria água corrente entre as flores roxas e azuis, e suas mãos a encontraram e se maravilharam com sua carne firme e fresca, e a água gelada e o corpo fresco levaram embora o veneno e a febre e o curaram.

– Duncan, você realmente não a viu? Pequena, morena...

– Esqueça-a, Trace, esqueça-a...

Trace sorriu suavemente, seus olhos cessaram o movimento, o espasmo em sua perna parou, o pulso que batia selvagemmente em sua garganta sossegou. Sua mão direita pendia sobre o lado da cama, brilhante de água que já evaporava. Sua mão esquerda relaxou devagar, soltando um cantil de plástico cujos lados estavam grudados um no outro, uma bolha de ar presa no fundo. Ao relaxar as mãos, os lados se soltaram e, com um murmúrio baixo demais para acordá-lo, a bolha de ar escapou, deixando o cantil vazio e acabado. Uma trilha de pegadas úmidas, agora quase secas, ia da área de armazenamento até a poltrona-leito.

Sonhou de novo, mas desta vez o sonho era suave e indolor – Lar e seus encontros, estranhamente inocentes, a felicidade inominável de estar junto a ela.

– Você vai me levar para um dos quartos? Você quer ir comigo?

– Que diferença faz? Eu conheço as regras. A tropa tem que ser obedecida, é a primeira lei que um povo cativo aprende.

– Por favor, Lar, não fale assim.

– Por que não, capitão? É verdade. Você é um dos novos deuses, não lhe disseram? Seu menor desejo é para nós uma ordem. Meu corpo, minha casa, minha comida, minha mãe... O que deseja, capitão?

– Nada, Lar. Ficar perto de você, se você quiser, só isto.

– Está falando sério?

– Sim.

– Então vamos nadar. Vamos brincar e ser as crianças que fomos há muito tempo, antes que as suas naves prateadas e negras viessem do céu, e nós soubéssemos o gosto da guerra e da conquista. Esqueça

quem somos, Capitão Tracy. Seja criança comigo. Esqueça suas feridas e suas guerras infundáveis... e eu esquecerei meus irmãos mortos, e nossas cidades queimadas, e as guerras que ainda virão quando você também poderá morrer... quando você enfrentar seu igual em batalha.

Seus olhos brilhavam de entusiasmo e ela levou rapidamente a pequenina mão aos lábios, mergulhando na água.

As flores inclinadas pontilhavam o brilho do sol na água, tornando douradas as ondulações prateadas, brincando com as plantas que se balançavam ancoradas no leito do rio, lançando pássaros de plumagem de contos de fadas. A moça cujas palavras eram como poesia, cuja voz era uma canção, e cujo corpo era uma escultura em carne...

Um rápido rufar de tambores soou e ele estava de novo em formação de parada, em rígida posição de sentido, com o uniforme completo carregado de medalhas e fitas, brilhando na luz forte e quente de Vênus. Uma execução. Os tambores rufavam para uma execução, gritando rapidamente o tempo todo, morte ao traidor, morte ao traidor... os olhos se voltavam para ele, olhos frios, olhos negros, os uniformes ofuscavam em branco incandescente, cercando-o, e os tambores rufavam, morte ao traidor. Ele estava contra a cerca, uma execução militar, sua execução. Abriu a boca para dizer-lhes que havia um engano, e não conseguiu lembrar-se de como dizer as palavras. O tambor rufava cada vez mais alto, e com um grito Trace acordou.

Sentou-se, inteiramente acordado. O detector de radiação! Ajustou a luz e examinou a tela que mostrava uma mancha de luz no círculo concêntrico exterior, movendo-se em direção ao centro, tão devagar que era doloroso acompanhar o movimento. Seis quilômetros e meio, e vindo em sua direção.

Examinou as escotilhas e levou a poltrona para a posição operacional, e não havia coisa alguma mais a fazer a não ser esperar que a coisa chegasse mais perto. Ainda estava muito escuro lá fora. Ele tinha dormido menos de sete horas. Como é que o robô o tinha encontrado tão rapidamente dessa vez? Por que não tinha entrado pelo deserto atrás dele?

- É uma máquina de lógica, Trace. Tudo o que você puder raciocinar, ele também pode. Não se esqueça disto, ou estará perdido. Use sua humanidade contra ele, seus instintos, qualquer coisa que não

fizer parte de um plano lógico. Você não pode derrotá-lo com o jogo dele.

– Sim, Duncan. Já tentei isto, duas vezes. A primeira vez ele não me viu tomar a direção do deserto, mas desta vez ele viu. Fiz questão de que ele visse para onde eu ia. Ele não me seguiu, Duncan.

– Uma máquina de lógica, Trace. Simplesmente uma máquina de lógica.

Trace sacudiu a cabeça impacientemente, forçando os sussurros a desaparecerem. A mancha não vinha diretamente a ele; estava indo para o sul. Estava zigzagueando, procurando por ele entre as gigantescas formações rochosas. Deixou sair um longo suspiro quando a voz do detector parou de repente. O robô tinha saído de alcance.

Ele voltaria; tudo o que ele tinha ganho era alguns minutos. Tocou os lábios; estavam rachados e doloridos, e pela primeira vez ele tomou consciência de uma campainha soando distante em seus ouvidos e uma ardência nos olhos. Procurou nos suprimentos de farmácia e encontrou comprimidos antitérmicos. Ao estender a mão para os cantis, levantou-se. Só havia dois deles, um pela metade. Lembrou-se do sonho, do banho na água fresca e fria, e seu olhar procurou a poltrona, onde viu o cantil inerte e vazio. Praguejando, pegou o cantil e jogou-o de encontro à parede da cápsula. Tinha esmagado um dos comprimidos e agora jogou-o longe também, engolindo o outro sem água. A tela continuava em branco, o alarme silencioso, e ele tomou um parco café da manhã feito de rações de emergência, bisnagas de alimentos concentrados que tinham um gosto pastoso e desagradável. Não se importou em escolher do minguado estoque. Comida não seria problema. Seria abundante muito depois que ele estivesse morto de sede.

Expulsou esse pensamento. A morte vinha no espaço, com uma dor lancinante que matava antes que o cérebro recebesse o sinal da dor. Ou vinha quando uma roupa pressurizada defeituosa explodia, ou quando o motor de uma nave pegava fogo. A morte tinha muitas formas, mas não ia pegá-lo sozinho em um planeta onde nenhum outro homem existia.

Seu sistema do som captou o primeiro suspiro do vento, um longo e sussurrante ruído que era como um pedaço de seda em movimento. Alvorada. Em quarenta minutos ele teria que mudar de lugar, entrasse ou não o robô de novo no círculo de sua tela. Seus maxilares estavam

contraídos. Para onde poderia ir desta vez? Já tinha esgotado as montanhas, e atrás o dele o terreno estava salpicado de rochas "quentes", que inutilizariam completamente seu detector de radiação. Ele tinha atraído a coisa por novecentos e cinquenta quilômetros e, obediente como um cão, ela o tinha seguido passo a passo, nunca diminuindo a velocidade ou hesitando ou cometendo um erro.

Mordeu a junta de um dos dedos e ficou olhando a tela, o ruído do vento agora regular em seus ouvidos, e visualizou a estrutura da cadeia de montanhas com suas rochas salientes e seu solo esburacado. Novecentos e cinquenta quilômetros de extensão, e ele só podia percorrer cento e cinquenta quilômetros mais antes que o combustível se acabasse, antes que usasse o combustível de que ia necessitar para voltar para a nave em órbita. Tinha que esperar seis dias antes de voltar para a nave. O robô assassino podia matá-lo no planeta, mas a falta, de oxigênio acabaria com ele no espaço. Se ao menos pudesse se esconder... ou, pensou, poderia dar o salto inteiro, de volta ao outro lado, de volta ao princípio, onde poderia procurar pela cápsula do robô. Lá haveria combustível. Mais cedo ou mais tarde ele acabaria por encontrá-la, mesmo que ela estivesse escondida por um escudo de invisibilidade, ele a acharia. E se não achasse...

O vento urrava, aumentando de intensidade à medida que o sol subia no horizonte, esquentando o ar que a noite esfriara, atraindo-o para cima em direção à atmosfera gelada. Trace tapou os ouvidos com as mãos para que pudesse pensar sem aquela voz aguda berrando em seu cérebro. Se não achasse a cápsula do robô e se a nave de socorro não entrasse em órbita antes que o robô o alcançasse, o monstro poderia fugir.

O robô voltaria para sua cápsula, faria os reparos necessários e deixaria esse deserto dos infernos. No espaço, tomaria a nave de patrulha que Trace tinha abandonado e a consertaria. Para onde iria depois? Trace pensou em sua nave, sua primeira nave nas mãos do assassino de metal, e sentiu o ódio derramar-se através de si, inundando sua pele com suor, dando um nó em seu estômago. Mesmo que continuasse com suas táticas atuais, só teria dois dias antes que fosse obrigado a usar o precioso estoque de combustível de que dispunha, e então teria que esperar no espaço que o monstro aparecesse e tomasse sua nave. E ele a tomaria com facilidade, pois a

nave arrebetada não poderia oferecer muita resistência. Não faria diferença se a nave ficasse radiativa ou se não tivesse pressão ou oxigênio. O robô conseguiria consertá-la o suficiente para fugir, e então, perdido no espaço profundo, teria todo o tempo da galáxia para fazer reparos completos.

– Tenho que mantê-lo no solo. Tenho que mantê-lo longe do seu salva-vidas e longe do meu. Posso explodir minha cápsula e a dele, se conseguir achá-la. Não adianta. Ele vai atacar e matar a tripulação da nave de socorro quando descerem. Não estarão preparados para ele. O fim será o mesmo.

O estalido do detector de radiação assustou-o tanto que ele pulou. O robô estava avançando de novo a menos de cinco quilômetros de distância. Era hora de partir.

– Muito bem, vamos botar fogo no circo. Vou encontrar sua cápsula, está ouvindo? Vou arrebetá-la para que nunca mais possa voar. Depois vou pegar seu combustível e seu oxigênio e vou deixar você aqui! Você pode perambular por este pedaço de inferno por toda a eternidade! Pode ficar com este planeta fedorento! Seu próprio reino. Você pode ser o deus de tudo nele! Está me ouvindo?

Trace ouviu seus próprios guinchos acima dos guinchos do vento e fechou os olhos por um momento. Ligou os motores e fez a cápsula deslizar para fora da plataforma protetora, e o vento imediatamente sacudiu-a, fazendo-a estremecer. Ele trincou os dentes e lutou contra o vento, levantando a pequena embarcação. O vento o esbofeteava, e as agulhas dos mostradores giravam, e depois de vinte minutos de luta ele viu que teria que aterrissar, ou seria feito em pedaços por um dos tufões. Seu indicador de distância mostrava que tinha viajado cento e noventa e dois quilômetros. Sabia que agora não haveria alternativa. Não havia mais combustível suficiente para voltar à nave.

O robô gastaria algum tempo procurando por ele. A máquina não podia conhecer a capacidade humana de fazer um lance com chances mínimas; não era uma decisão baseada no terreno firme da lógica pura. Mesmo dando ao robô um dia inteiro para procurá-lo em vão, Trace tinha apenas seis dias antes que o robô aparecesse outra vez em sua tela. Seis dias para encontrar a cápsula invisível, tirar seu combustível, sabotá-la, e deixar o planeta.

SEIS

ERA IMPOSSÍVEL MANOBRAR NO VENTO ALTO, ENTRE AS MONTANHAS COM suas esculturas de areia; a areia escurecia o ar e os tufões dançavam e atiravam pedras, desde pequenos cascalhos a imensas rochas. Trace escolheu uma rocha de granito de base larga que se lançava para o alto e parou. Os músculos das costas e os braços doíam. Os olhos ardiam como se tivessem também sido bombardeados com areia. Deixou a cabeça pender sobre os braços e ficou imóvel por vários minutos, ouvindo o gemido do vento, pontuado pelas explosões de pedras se entrechocando.

Como é que o robô evitava aqueles projéteis? Trace tentou visualizá-lo sendo atingido vez após vez e ainda de pé, ainda avançando. Será que ele tinha aprendido a se esconder atrás das grandes rochas quando o vento começava?

– Ele é esperto, Duncan, esperto mesmo. Consegue aprender por experiência. Está constantemente aprendendo. Se não, as rochas o reventariam.

– A lógica prevê o futuro baseada no passado.

– Sim, mas ouça, Duncan. Ele não está usando só o que foi programado para aprender. Está aprendendo coisas novas. E não há pessoa alguma aqui para programá-lo. Ele está fazendo isto sozinho.

Trace levantou a cabeça e fixou o olhar nos controles. Exausto, levantou-se da poltrona e caminhou até a parte posterior da cápsula, onde ficavam as provisões. A febre estava voltando, e com ela a estranha tonteira que significava perigo. E se ele delirasse? Pegou as cápsulas e se perguntou se havia tomado uma ou duas delas da outra vez. Não conseguiu se lembrar. Desta vez engoliu duas com um gole de

água. Cuidadosamente, guardou o cantil e trancou o compartimento; guardou a chave na seção de farmácia. O vento ficava cada vez mais barulhento; logo chegaria ao máximo, e começaria a diminuir. Ele tinha que saber para onde ia, e partir assim que o vento parasse.

Seria bom descansar. Descansar e vencer a febre, recuperar suas forças... um arrepio sacudiu-o e, assustado, ele pegou o mapa que tinha feito do planeta. Tinha que continuar. Se ficasse onde estava e morresse, o robô ia encontrá-lo em dois dias, e estaria de volta à sua própria cápsula em três.

Tinha dito isso tão casualmente – se morresse ali. Provou as palavras, repetindo-as em voz alta. Não no espaço, então? Não ser jogado de uma nave para flutuar infinitamente pelo espaço negro? Ou ser enterrado em um dos mundos que a tropa tivesse conquistado? Riu, e o som de sua voz o assustou. O vento tinha cessado completamente.

Levantou-se e olhou pela escotilha. Quanto tempo tinha ficado sentado ali? Pareciam alguns minutos, mas tinham sido quase duas horas. O arrepio voltou, dessa vez não na pele, mas dentro dele. Voltou para os controles e partiu em direção ao sul, mantendo-se junto à montanha, dessa vez sem voar sobre o deserto. O robô não iria até lá, de qualquer maneira. Essa manobra simplesmente gastava tempo e combustível. Seu cérebro parecia muito claro agora; as cápsulas tinham de novo expulsado a febre. Iria procurar um bom lugar para se esconder e depois de comer descansaria durante o período quente do dia. À noite começaria a procurar a cápsula escondida. Parecia tão simples, agora! Lembrou-se de seus pensamentos sobre a morte e sorriu. Ainda não. Não aqui. Durante três meses o homem e a máquina estiveram ligados; não em vão, ele disse a si próprio com convicção. Não em vão!

Estava com Lar quando Duncan o encontrou. E tinha deixado Lar para caçar o monstro de metal. Recusou-se a pensar nela. Mais tarde, quando teve chance de lembrar as nuances de sua voz, os tons de significado atrás de cada movimento que ela fazia, a maneira como a luz captava o brilho de seus olhos para depois escondê-lo... observou gravemente o periscópio, as linhas se aproximando de seu destino. Ele tinha voltado à parte sul da cadeia de montanhas. Diminuiu a velocidade e subiu, procurando no solo abaixo o local certo, o lugar onde tinha aterrissado com a cápsula pela primeira vez.

Lá de cima podia ver as sombras muito bem. Monólitos, torres e picos profundos, negros, enormes, imóveis e distorcidos. As sombras mudavam a paisagem, tornando-a nova e pouco familiar a seus olhos. Subiu mais alto e diminuiu ainda mais a velocidade. Nada daquilo se parecia com o lugar do qual se lembrava. Era igual a todo o resto, mas diferente. Quatro quilômetros e meio para o sul as montanhas terminavam com um chuva de pedras soltas e rochas perfurando a areia e depois o começo das infundáveis ondulações de areia. A cadeia de montanhas tinha apenas vinte e quatro quilômetros de largura naquele ponto.

Era lá, em algum lugar abaixo dele, que ele tinha trazido a cápsula à terra pela primeira vez, com Duncan morrendo a seu lado.

– Mais tarde encontraremos um lugar melhor, Duncan. O que quero agora é aterrissar e tratar de você. Duncan? Está acordado?

– Claro, Trace.

O que tinha acontecido com a voz de Duncan? Era como se ele estivesse falando através de um tampão de gaze. Trace desceu direto, freando de repente, para aterrissar ao pé de um rochedo negro que se levantava sessenta metros acima deles. Voltou-se para Duncan, que estava da cor de papel.

– Pronto, rapaz. Vamos ver o que dá para fazer..

– Não toque em mim, Trace. Estou quebrado por dentro.

Sangue em seus lábios, espumoso, misturado com ar ... Pulmões?

– Vou preparar a tenda de oxigênio, Dunc. Você vai respirar melhor enquanto esperamos a nave de socorro. Coisa de alguns dias. Estamos na sombra, temos montes de comida e água. Você vai ficar bom, Dunc. Fique calmo, sim?

– Desista, Trace. Conserte a cápsula... Certifique-se de que a coisa morreu mesmo.

– Está bem, Duncan. Mais tarde, depois de aprontar a tenda.

Usou o plástico, prendendo-o com uma tira em volta da cintura de Duncan e sob o assento de espuma, com o tubo de oxigênio entrando por baixo do ombro de Duncan. Duncan não se moveu; seus olhos brilhavam de dor e sua voz estava quase irreconhecível.

O sol aquecia as rochas, que irradiavam o calor. A areia esquentava a atmosfera. O interior da cápsula tornava-se cada vez mais quente e o ar-condicionado não melhorava muito as coisas. Trace banhou Duncan

com água fria e deu-lhe uma injeção para controlar a dor. A respiração de Duncan tornou-se mais fácil depois da injeção e seus olhos interromperam seus movimentos constantes. Trace deixou-o e foi consertar o buraco na cápsula, um rombo de vinte centímetros de diâmetro. Fez o conserto com o sol nas costas e quando voltou para a cápsula, sua roupa estava ensopada como se ele tivesse estado nadando. Duncan estava quente e seco, e dormia. Banhou-o de novo, inclinando-se para ouvir a voz sussurrante:

– Economize a água, Trace. Você vai precisar dela. O oxigênio também.

Duncan não abriu os olhos. Seu rosto estava diferente. Parecia mais jovem; as rugas estavam desaparecendo. Parecia quase feliz.

– Certifique-se de que a coisa está morta, Trace. Por favor!

– Claro, Dunc, claro. Durma, rapaz.

Outra vez do lado de fora, Duncan dormindo lá dentro. O rochedo negro sobre sua cabeça, o sol baixo, fazendo as sombras crescerem no solo. Contornou o rochedo e descobriu que podia escalá-lo até uma plataforma da qual teria uma ótima visão do terreno em volta. Teve que parar várias vezes para descansar; e as sombras continuavam a crescer, agora riscando o solo. Preto, branco, preto... na plataforma descansou mais um pouco, e começou a estudar o terreno, arrependido de não ter esperado até o dia seguinte, quando não haveria sombras, sabendo também que não conseguiria escalar o rochedo sob o sol quente. Forçou a vista até que os olhos doessem e então viu a coisa.

Era impossível que o robô tivesse sobrevivido à queda, mas lá estava ele. A cápsula estava bastante avariada. Trace estava a muitos quilômetros de distância do robô que trabalhava em sua cápsula, mas podia ver os enormes rombos. Via também as ferramentas que os tentáculos do robô seguravam.

Será que tinha acenado para a coisa? Achava que não. Mas de alguma maneira o robô tinha sentido sua presença. Girou o domo que lhe servia de cabeça. O sol baixo refletia-se no metal e produzia um brilho verde ao bater em uma das frestas do domo. O robô e o homem se encararam por vários segundos, longe demais para que qualquer um deles pudesse ferir o outro, e então o robô desapareceu. Em seguida a cápsula tornou-se invisível. Trace ficou imóvel por mais algum tempo, espantado demais para se mover, e sentiu o toque gelado do medo.

Escorreu, deslizou e desceu o rochedo pelo caminho que usara antes, e correu de volta à cápsula.

- Ele está lá, Dunc! E sabe que nós estamos aqui! Desapareceu, Duncan! De repente, sem mais nem menos, desapareceu! A cápsula também. Estava lá e sumiu. Ele tem um poder que não conhecemos, um escudo para escondê-lo. Temos que sair daqui, Dunc, antes que ele chegue...

Levantou voo e foi direto para o norte, o início de sua longa fuga. Voou menos de quinze quilômetros, com medo de continuar por causa de Duncan. Quando pousou, o vento estava forte, aumentando cada vez mais.

- É um buraco dos infernos, Duncan. Areia, calor e agora tempestade de vento. E o robô. Temos que nos esconder dele, achar um meio de chegar perto bastante para acabar com ele. Merda, eu queria ter uma boa arma...

Duncan não respondeu, e ele banhou o homem, desmaiado de novo. Dessa vez Duncan não reagiu ao toque da água fria. O vento aumentou, e o interior da cápsula ficou gelado com a aproximação da noite. Duncan não se mexeu.

- É uma caixa de lógica, só isto. Uma caixa de lógica. Mas não sabemos o que foi programado nele. Temos que tomar como certo que sua meta principal é nos destruir. Ele tem um forte impulso de autopreservação, e nós somos uma ameaça. Assim, teremos que nos convencer de que agora somos a caça. O que acha disto, Duncan? Depois de caçarmos esta coisa por mais de três meses, nós a achamos, e agora quem nos caça é ela. Duncan?

Só o vento respondeu. O vento aos poucos morreu, e a noite ficou sinistramente quieta, e então o vento nasceu outra vez e, quando sossegou, o sol estava lá. Trace continuou a conversar com Duncan durante a noite. Muitas vezes, quando a febre aumentava, ele o banhou. Duncan morreu quando o sol estava a pino e não havia sombras no solo.

Trace o carregou por oitocentos metros, da nave até a margem do deserto, onde cavou uma cova rasa e colocou Duncan. Cobriu-o com areia e empilhou rochas sobre o túmulo; quando voltava para a cápsula, um raio laser tocou a sepultura, derreteu as pedras, dissolveu a areia, encontrou o corpo de Duncan e brincou com ele até que ele não existisse mais. Trace estava se voltando para uma última olhada antes

de contornar um pedaço de granito, quando viu a nuvem de vapor e fumaça que subia e o brilho vermelho das pedras. O brilho vermelho seguia suas pegadas, incandescendo as pedras e a areia. Trace jogou-se para trás do granito e disparou para a cápsula. Seus dedos manejaram os controles em movimentos convulsos, e os olhos estudavam os indicadores sem que ele tivesse consciência disso. Manteve a cápsula baixa, perto do chão, rodeando as bases dos rochedos e as chaminés de rocha, depois de um quilômetro e meio ele levantou a cápsula e se dirigiu para o norte.

O robô tinha levado dezoito horas para cruzar os quinze quilômetros que Trace tinha posto entre eles. Seu laser alcançou três quilômetros para desintegrar Duncan. Ele tinha sido denunciado no detector de radiação a seis quilômetros e meio de distância. Deixara de lado a tarefa de consertar a cápsula para destruir os homens que o tinham seguido até ali.

– Vou descobrir, Duncan. Eu sei que ele não pode chegar muito perto sem que o alarme funcione. Vou descobrir seu ponto fraco e vou derrotá-lo. Ele vai pagar, Dunc. Eu juro a você que ele vai pagar...

Mas isso tinha sido a três semanas, e desde então tinha havido rochedos demais e plataformas de basalto demais. Todas pareciam iguais: escuras, desafiantes, enfrentando o vento e a areia que as desgastavam centímetro por centímetro. Esta? Ou aquela? Este lado da cadeia de montanhas era de basalto e granito cinzento. Havia um acidente abaixo dele, e ele voltou para estudá-lo. Uma depressão, mais profunda que o terreno em volta, dezenas de metros mais profunda, rodeada de rochedos. Poderia oferecer mais proteção contra as rochas quando o vento chegasse. Estudou-a, voando ainda mais baixo, e descobriu que havia entradas e saídas no vale protegido, entre as rochas que o circundavam.

A outra cápsula tinha que estar dentro de uma área de dezesseis quilômetros de diâmetro. Mais tarde, quando as sombras se alongassem em outra direção, do oeste para o leste, ele iria procurar o rochedo de basalto. As sombras da manhã, modificavam o rochedo, pondo em relevo partes diferentes, partes que ele não tinha visto da outra vez, e escondendo os pedaços que ele poderia reconhecer. Um círculo com o diâmetro de dezesseis quilômetros... ele encontraria a

cápsula. Pousou na depressão depois de uma última olhada ao terreno em volta.

Dessa vez, sua base era uma área afundada de um quilômetro de comprimento e quase isso de largura. As pedras pesadas formavam torres e picos finos como agulhas, que rodeavam o vale em um círculo irregular, com quedas verticais. As paredes interiores eram lisas. Trace pousou a cápsula no lado protegido de uma rocha oval de granito cinza-claro, cortado por listras brilhantes de quartzito branco. Parecia com os ovos da primavera que alguns colonos decoravam depois do plantio. Por um momento, a visão de campos verdes dançou diante de seus olhos, mas logo desapareceu.

Descansando um pouco antes de sair para inspecionar sua nova base, lembrou-se das terras cultivadas de Mellic. A terra dócil, assim Lar a tinha chamado. Seu povo amava a terra e seus frutos, e tratavam-na com ternura e compreensão. Fora a destruição da terra que os tinha feito entregá-la aos invasores, e não sua própria morte, ou o pensamento de continuar a guerra indefinidamente com a espoliação da terra. Lar tinha tentado explicar-lhe, naquela primeira vez, quando ele estava se recuperando:

– Nós somos partes da terra, pertencemos a ela, não ela a nós. A área de demonstração, quarenta quilômetros quadrados, toda queimada, destruída mortalmente por seus raios, aquela terra não vai viver mais. Se preferimos morrer nos defendendo, é nosso direito, mas e a terra? Não é nossa, para decidirmos. A terra é de Deus, e não podemos deixar o que é Seu ser destruído.

– Este deus de vocês, ele não os ajuda?

– Os assuntos do homem não são seus assuntos. Por que deveriam ser? O homem deve encontrar seu próprio caminho na terra que recebeu. Quando rezamos pedindo ajuda, não é a nosso Deus que dirigimos nossas preces.

– Quem vai respondê-las?

– Há os que respondem a tais preces. Você vai conhecê-los.

Ele a tinha chamado de ignorante e supersticiosa, e ela sorrira ao ouvi-lo. Ele agora sabia que ela não era uma coisa ou outra. As preces de seu povo tinham sido respondidas.

De outra vez ela dissera:

- Dizem que eles foram os fundadores de toda a galáxia, que deixaram colônias em todos os mundos onde não havia raça inteligente. Não sei se isto é verdade.

Trace moveu-se, depois de vários minutos de descanso. A febre voltaria, ele sabia, e com ela as horas de apatia. Ele tinha coisas demais a fazer para render-se à apatia, quando podia levantar-se e agir. Tinha muito a fazer para perder horas preciosas pensando em uma garota que ele tinha visto apenas por três breves períodos de sua vida, uma garota que era estrangeira e, mais ainda, com costumes estrangeiros e deuses estrangeiros.

- Eles são animais, às vezes humanóides, mas não como nós! Não são como nós, não são gente. Nunca se esqueça disto.

- Sim senhor, Capitão Trace.

- Não podemos nos dar ao luxo de odiá-los, ou gostar deles, ou mesmo pensar neles. Temos que pensar na terra e minas e minerais e drogas, e no que quer que haja lá de que o Grupo Mundial precise. Se cooperarem, ótimo, ninguém sai ferido. Se não... nós tiramos o mel das abelhas, a lã dos carneiros, a seda das aranhas. Tiramos as coisas de que necessitamos dos animais que tornam essas coisas possíveis.

- Sim senhor, Capitão Trace!

Achou a chave do armário de comida e água, e tirou os tubos de comida e o cantil; não queria comer. A comida era repulsiva, detestada por toda a esquadra. Comeu apenas a metade de um tubo de concentrado de carne e vegetais e bebericou a pequena ração de água. O sol estava subindo, um brilho branco no céu que avançava sobre a terra imóvel. Pensou no robô em seu caminho para o sul, rodando sob o céu branco, e se perguntou onde ele teria estado desde que Trace o tinha visto no laboratório do Dr. Vianti. Há cinco anos a guerra com Mellic tinha começado e terminado, há cinco anos ele tinha visto o robô em Ramsés; e desde então tinha visto outras guerras, outros lugares. Onde tinha estado ele? Quem o tinha aperfeiçoado depois que o exército o tomara do maluco do Dr. Vianti?

SETE

– NÃO LIGO A MÍNIMA SE ELE É SOFISTICADO OU NÃO! NÃO SE GANHA UMA guerra com robôs! Já foi tentado. Leia seus livros de história militar!

O General Leroy Mulligan mastigava seu charuto com raiva, marchando de um lado para o outro na sala atulhada, no escritório central da Planificação Militar. Várias pessoas estavam sentadas no aposento. O prédio era cinza, por dentro e por fora, e o teto em forma de domo curvava-se para formar as paredes, onde janelas tinham sido cortadas. Parou diante de uma delas e contemplou a lúgubre paisagem. Pântanos, até onde a vista alcançava, aqui na margem do conjunto. Na direção oposta havia uma floresta de prédios em forma de domos, em pilhas que se afundavam no lodo até a camada de pedra inferior. O ar era quente, rescendendo a decomposição, a morte infindável e a crescimento incontrolável. Detestava Vénus! Meu Deus, como detestava Vénus! Era um homem alto, forte, ainda não chegado aos cinquenta, o cabelo com a cor e o brilho do carvão e olhos como gotas de ácido.

– General, o comitê não nos obriga a adaptar esta máquina para uso em combate, apenas quer que façamos testes com ela.

Ching Li Sung estava sentado quieto, as mãos pálidas formando um triângulo na frente do rosto. Estava assim imóvel havia uma hora. Seu rosto cor de marfim não tinha marcas, sua expressão era calma, contrastando cruelmente com as feições contorcidas do general.

– Testes, uma pinoia! Eu sei o que eles querem! É essa besteira de Seres Exteriores. Boatos, só boatos. Meu Deus, os boatos existem desde que o homem pegou um porrete e começou a balançá-lo. Agora, de repente a galáxia está ficando em pânico por causa de boatos.

O General Mulligan virou-se e voltou, parando em frente ao membro do Comitê de Armamentos.

– Por que é que o governo mandou o senhor? Por que não o pedido de informações rotineiro que sempre mandam?

Ching Li Sung levantou os ombros e não respondeu. Um segundo oficial se levantou, um coronel. Estava com o SIGM, Serviço de Informações do Grupo Mundial.

– Quando o senhor ordenou a apreensão do robô, o que pensava fazer com ele?

O General Mulligan olhou com indignação para o coronel. Por mais que detestasse os comitês e subcomitês do Grupo Mundial, detestava mais ainda os serviços de informações. Sabia como satisfazer os membros dos comitês e conseguir o que queria, mas os agentes de informações nunca se satisfaziam; uma pergunta respondida provocava mais dez perguntas. Não havia um agente de informações que conhecesse qualquer coisa sobre o protocolo do exército. Disse:

– Perdemos mais de mil homens neste planeta lamacento, mil homens, milhões de dólares em equipamento, desde roupas de mergulho até barcos, submarinos, batisferas, bombas. Seja o que for, nós já tentamos e não deu certo. O senhor já tentou perfurar três mil metros de barro? Não água, nem terra sólida, mas barro imundo, fedorento, decomposto? Todos os anos imploramos uma realocização da base, mas eles recusam. A atmosfera de Marte é rarefeita demais; a Terra está superpovoada; o resto é longe demais. Então estamos presos aqui. Todo ano tentamos passar o serviço de secar este buraco dos infernos para as autoridades civis, e elas recusam. Então eu quero uma máquina que faça este maldito trabalho.

– Entendo – respondeu o coronel.

Tudo aquilo ia para o relatório, Mulligan sabia, e esperava que fosse parar nas mãos do próprio Presidente do Grupo Mundial.

– Eu acho, senhores – disse o quarto homem calmamente – que seria melhor para nós todos se os homens selecionados pelo comitê pudessem ver o robô e fazer sugestões, se quiserem. Mas acho também que a máquina deve continuar sob a autoridade do exército, por enquanto.

O General Mulligan concordou com um breve aceno de cabeça, a maior demonstração que conseguia dar da satisfação que sentia. O

homem era Serge Wislow, conselheiro do comitê, delegado do Presidente do Grupo Mundial, e sua recomendação seria seguida.

Mulligan viu-os deixarem o escritório de planificação com um sentimento de alívio. Tudo tinha saído mais ou menos como ele esperava – haveria observadores, mas seus homens fariam a programação da coisa quando ela chegasse. Enquanto isso, haveria almoço para os figurões, e a excursão, depois jantar e o baile. Um homem uniformizado entrou silenciosamente no escritório de planificação; o Dr. Pietro Urseline, um general, também um fisiologista especializado em pesquisas do cérebro e cibernética.

– Como foi?

– O robô é todo seu – respondeu Mulligan. – Lembre-se, tudo o que queremos é alguma coisa que possa se meter naquele barro e secá-lo. Nada mais!

– Com um robô?

– Vamos fabricar mais, se este der certo. Você disse que ele pode ser usado em dragagens, em explosões submarinas, em cortes. Disse que ele podia ser adaptado à pressão, e seus sensores adaptados ao barro. Ele agora é seu. Faça o que prometeu.

Urseline suspirou.

– Lembre-se direito, general. Eu disse que gostaria de tentar a coisa. Que eu estava interessado no robô. Nem sabemos se esse Tracy sabia do que estava falando. Nada posso prometer.

– Tracy é um bom soldado. Esteve sob meu comando durante cinco anos. Muito esperto. Conheci seu pai também, o Coronel Wilmot Tracy.

Mulligan caminhou até a porta, parando com a mão na maçaneta.

– O que o faz pensar que esse robô seja melhor do que os que já temos?

– Se esse Tracy é tão bom quanto você afirma, e se seu relatório está correto, esse robô é bem mais adiantado que os nossos modelos atuais. Ele obedece a ordens verbais, contém mais potencial em embalagem pequena que qualquer coisa que conhecemos. É mais adaptado que qualquer dos nossos. Os nossos robôs são simples servidores, cada um manufaturado para cumprir uma tarefa simples, ou algumas tarefas relacionadas de perto umas com as outras. De acordo com o relatório de Tracy, e com minhas deduções, esse novo robô já

pode cumprir mais espécies diferentes de ordens que os nossos. De acordo com o relatório mandado pelo major sobre a morte do Dr

. Vianti, essa máquina pode também iniciar uma ação. Estou muito curioso a respeito disto. Por que é que ele agiu? A afirmação da moça de que o avô disse apenas que ela voltasse à sua mesa na outra sala, o que ela fez logo depois de sua morte, é mentira, naturalmente. Por que uma instrução simples como esta faria o robô entrar em ação? Por outro lado, o que pode o velho ter dito para fazer o robô matá-lo? Como é que ele sabia que o laser cortaria a carne? Como é que sabia que isso podia matar? Será que ele sabe o que é matar? Estou curiosíssimo a respeito dessa máquina, general. Curiosíssimo.

Urseline estendeu as mãos como se agrupasse tudo. Mulligan bufou e empurrou a porta com força.

– Basta que você dê um jeito para essa máquina ir para aquela maldita lama aumentar aquele canal. Todos os planetas do universo podem ser dragados, ou podem receber oceanos artificiais e montanhas, que podem ser construídas ou destruídas, mas aqui? Nada disto! Os colonos gostam de Vênus! Muito bem, deixe que eles fiquem com a sua metade, atolados até os joelhos na lama e no lodo, mas eu quero a nossa metade limpa e seca! E eu pretendo limpá-la e secá-la!

Marchou para fora, batendo a porta atrás de si. O cheiro de podridão atingiu suas narinas, e sua raiva aumentou. O conjunto estava localizado na margem do Pantanal Glenn e ameaçava voltar a ser pântano, como acontecia com todas as áreas que não eram constantemente tratadas. Ficou alguns minutos olhando em volta, procurando alguma coisa, alguém em quem descarregar a raiva; nada viu que não estivesse funcionando perfeitamente, como ordenado.

Vênus tinha sido colonizado por um grupo misto de imigrantes escolhidos pela ONU, como experiência. Só um quinto do planeta era habitável, o resto submerso em oceanos rasos e pantanais. Não havia mil e quinhentos metros de diferença na altitude do fundo do oceano mais profundo ao pico do monte mais alto. Os oceanos tinham, em sua maior parte, algumas centenas de metros de profundidade. O ponto mais alto do planeta ficava a novecentos metros de altitude. Os colonos tinham tomado toda a terra disponível e, mais tarde, depois da luta entre as colônias e a Terra, o exército recebeu a ilha Odessa. Era vinte metros mais alta que o oceano que a rodeava, e a terra tinha sido

medida em acres, ao invés de quilômetros quadrados, quando o exército chegou. Agora, mais de cem anos depois, as terras relativamente secas tinham aumentado, mas ainda eram inadequadas às necessidades do exército em expansão. No mapa, a ilha Odessa media quase mil e seiscentos por quase mil e quatrocentos quilômetros, mas na realidade metade desta cifra era pântano e lama, inútil e até então impossível de ser dragada.

O problema era que não havia canais profundos nos oceanos rasos. A água, em uma profundidade que variava em torno de algumas centenas de metros, cobria a lama e o lodo em uma camada de vinte e quatro mil metros sobre o solo rochoso. Dragar esse lodo era impossível, pois ele corria de volta antes que as dragas pudessem emergir. Aos poucos, metro a metro, a terra seca tinha sido aumentada, mas o material de aterro era traiçoeiro lodo seco. Os tijolos feitos desse material esfarelavam; ele não se misturava com areia, pedras e cimento para fazer concreto; expandia-se sob chuva, até que paredes inteiras rachavam e desmoronavam. Montaram-se refinarias para tratar o material, mas ao entrar em contato com água ele voltava a ficar em suspensão, e quando molhado cheirava mal.

Era feito quase todo de plantas em decomposição, não árvores com troncos fortes, mas plantas frágeis e inúteis que cresciam em moitas de um dia para o outro, desabrochavam, caíam, apodreciam e eram carregadas para o oceano, ou ficavam se decompondo no solo, empilhando-se no fundo dos pântanos, formando lugares onde um homem afundava em segundos, engolido pelo lodo antes que pudesse ser alcançado.

O General Mulligan voltou a seu alojamento para tomar banho e mudar o uniforme, como fazia diversas vezes por dia, a tempo de almoçar com seus visitantes do Governo do Grupo Mundial.

– O governo de Mellic está recusando uma conferência disse um dos emissários menos importantes durante o café e charutos, três horas depois.

Mulligan apurou os ouvidos. Mellic tinha sido uma de suas descobertas, sua e de sua tripulação, antes que fosse designado para Vênus há mais de um ano.

– Deixe que reclamem – disse um dos representantes do grupo de Vênus. – Não é a primeira vez que uma nação reclama quando a

esquadra toma conta.

– Isto é um pouco diferente – interrompeu Ching Li Sung com sua voz suave. – Entenda, eles admitem a derrota. Aceitam nossas tropas e seguem nossas ordens escrupulosamente. No entanto, não vão conferenciar com nossos representantes, nem mesmo com os de Mellic que estão na Terra. São extremamente polidos e fazem tudo o que lhes pedimos, exceto conversar. Parece que não se importam que Mellic esteja sob autoridade militar, como se agora não tivessem o menor desejo de restabelecer seu próprio controle civil.

– Não é de lá que surgiram os boatos sobre os Seres Exteriores? – Perguntou o General Mulligan.

– Podemos dizer que boatos adicionais sobre os Seres Exteriores se originaram em Mellic – respondeu Ching Li Sung com um sorriso. – O senhor não os ouviu em sua incursão em Mellic?

O general fez uma careta. No que tocava a ele, Mellic tinha sido uma brincadeira de criança, um enorme planeta sem uma arma sequer. Sua equipe tinha sido pequena, apenas uma turma de reconhecimento, e tinham sido recebidos cordialmente. Quando voltou, três anos depois, com o resto da tropa e com ordens de tomar conta do planeta, tinha encontrado armas e naves. Mellic não fora um dos fáceis, depois disso. Tinha levado seis meses, sua última tarefa antes de ser mandado a Vénus. Tinha sido criticado pelas dificuldades, mas não podia adivinhar a corrida de armamentos que se desenvolvera tão rapidamente. Ainda não sabia como é que tinham conseguido um armamento tão moderno em tão pouco tempo. A imagem de Seres Exteriores protegendo o planeta provocou um arrepio em sua espinha. Disse:

– Havia certos rumores quando levamos nossos feridos para Mellic, depois da rendição, é claro. Sempre há rumores de um irmão mais forte que vai nos fazer pagar.

– Claro – murmurou Ching.

A conversa mudou para política e economia, e logo era hora da excursão, e o grupo se dividiu em grupos menores para passar o resto do dia viajando pelos pântanos, subindo e descendo os pequenos montes. O General Mulligan estava no primeiro carro, um veículo atômico para transportes terrestres. Mostrou as últimas novidades em armas, transportes, escudos defensivos, e o tempo todo seu cérebro

estava revendo a débil corrente de boatos sobre os Exteriores que tinha ouvido antes de ser manda do a Vênus.

Diziam que Mellic tinha pedido socorro a eles, logo que a esquadra partira, depois do primeiro contato. O pequeno contingente que tinha permanecido no planeta fora deixado a sós, e não teve uma só suspeita de que algo estivesse errado, até que a esquadra retornou e encontrou as naves de Mellic, menor em número, mas tão equipadas e tão rápidas quanto as do Grupo Mundial. Ele não tinha requisitado muitas naves para a tomada de Mellic; pensava que não iam precisar de muitas. Claro, quando os reforços chegaram, a batalha terminou imediatamente, com a rendição absoluta dos defensores. E então começaram os rumores e insinuações, nenhum deles levado a sério por si só, mas no total formando um catálogo impressionante, se bem que desacreditado, dos poderes dos Seres Exteriores. Mellic tinha pedido e recebido informações sobre batalhas espaciais, o que era necessário, como fabricar espaçonaves, como tripulá-las. Um exército foi organizado e treinado praticamente do dia para a noite, e nenhum sinal de sua existência foi dado ao destacamento que Mulligan deixara lá. Eles foram, na verdade, tratados regiamente durante a espera de três anos. Depois da rendição, quando os feridos foram levados para Mellic, os boatos eram menos que específicos: havia outra força, mais longe; eram pacíficos; eram poderosos, pelo menos tanto quanto a esquadra do Grupo Mundial; eram provavelmente humanoides; combateriam os esforços do Grupo Mundial para dominar a galáxia.

– Vênus é o campo de treinamento básico para todo o pessoal do exército – Mulligan explicou ao grupo. – Recebemos garotos de doze anos, ensinamos-lhes em nossas escolas por cinco anos, e então os colocamos onde possam ser melhor aproveitados. Esta é a seção de primeiro treinamento dos meninos.

A floresta de domos tinha aumentado de densidade; estava disposta em círculos, cada prédio ligado ao outro por corredores de plástico sobre o solo úmido. Havia centenas de meninos nos campos de parada, todos vestidos com shorts e camisas cinzas, fazendo exercícios de ginástica. Em outra área seca ficavam os equipamentos, desde veículos terrestres até máquinas espaciais. Todo o equipamento era moderno. Havia meninos e instrutores em volta, sobre ou dentro deles. Tudo estava silencioso.

– Têm quatro horas de ginástica rigorosa, quatro horas de aulas e duas horas de estudo, todos os dias – disse Mulligan. – Gradualmente, à medida que vão crescendo, a ginástica é diminuída para uma hora por dia e as aulas aumentam para sete horas, com duas horas de estudo individual e duas horas de manutenção das máquinas que estão aprendendo a operar.

Sua voz zumbia sem parar enquanto percorriam as áreas. Às vezes eram obrigados a levantar voo sobre árvores que tinham aparecido durante a noite; depois viajavam sobre água lamacenta com odor venenoso, de vez em quando pousando sobre um pedaço de solo que tremia sob o pesado veículo.

– Lá, senhores, temos a operação de dragagem.

O general fez sinal ao motorista que parasse à beira da estrada. Abaixo deles uma baía gigantesca tinha sido cavada na terra.

– Como podem ver, as máquinas não estão funcionando no momento. Nossos submarinos mais modernos estão lá embaixo tentando retirar nossa perfuradeira de uma camada de lama semelhante a alcatrão – sua voz tinha um tom amargo. – Não vão conseguir salvá-la. Ela está afundando aos poucos, apesar de todos os esforços, e se persistirem ficarão presos na mesma lama e afundarão também.

Um cientista de Marte olhou para a água com inveja, e voltou-se para o general.

– Qual é o propósito desta operação, senhor?

– Temos que abrir um canal no leito de pedra debaixo de toda esta lama para secar a terra – respondeu Mulligan. – Já tentamos a evaporação. Tentamos dragar o lodo. Nossos cientistas concluíram que a única maneira é abrir um canal com três quilômetros de largura e com um quilômetro e meio de profundidade em volta de todas as massas de terra. Com o material que teremos para trabalhar construiremos um dique de pedra e o encheremos de lama.

– E para isto o senhor precisa do robô – Ching Li Sung disse suavemente. – Por que o senhor acha que ele poderá fazer o que as outras máquinas não conseguiram?

– Por que não jogar bombas? – sugeriu outra voz.

– Poderíamos usar bombas atômicas – respondeu o General Mulligan ainda mais amargamente – mas o governo de Vênus não

permite. Os oceanos podem ficar radioativos. Esta lama é tão leve que levaria anos para descer de novo, mesmo com uma bomba limpa... e o robô? É perfeito. Já tem sensores para operar na escuridão total. Eles trabalham vinte e quatro horas por dia naquelas minas, o senhor sabe. E é feito quase todo de platina, não vai enferrujar ou corroer. Há águas altamente ácidas aqui, com toda esta matéria vegetal apodrecida... E o robô já tem raios laser, tudo isto em tamanho pequeno, manejável. Tem esteiras e rodas, podemos dar-lhe suspensão para que se equilibre em qualquer plano. E obedece a ordens. Ordens verbais. Pode transmitir a nossos homens quais são exatamente as condições lá embaixo, e dar-lhes instruções. Veem?

– Parece – comentou o agente de informações no silêncio que se seguiu – que todas estas coisas também se aplicariam a um instrumento de luta.

Mulligan encarou-o com os olhos quase fechados por um momento.

– Os homens lutam em nossas guerras – disse. – São os homens que saem, tomam os planetas e os conservam. Homens com imaginação bastante para saber quando atirar e quando parar, quando matar e quando poupar uma vida. Homens que podem morrer, de modo que a terra pela qual morreram se torna digna de ser conservada. Todos os mundos que tomamos têm um pouco do nosso sangue derramado neles, e esta é uma ligação que nem os Seres Exteriores podem quebrar. Não se pode fazer isso com máquinas, coronel. As terras têm que ser tomadas com sangue, nosso e deles, misturados na poeira para que no futuro não se possa distinguir qual é o sangue que nutre as árvores e as plantas. Aí nós sabemos que aquele mundo é nosso, coronel, e isso é tudo.

OITO

O TENENTE-CORONEL HOWIE LANGTREE GOSTAVA DE VÊNUS TANTO quanto Mulligan o detestava. Tinha nascido em Vênus, tinha entrado para o exército quando tinha doze anos, e nos últimos vinte e cinco anos servia na Divisão de Pesquisa do Exército do Grupo Mundial em Vênus. Nunca tinha estado no espaço, não conhecia a Terra, ou Marte, e não tinha a menor vontade de visitar qualquer deles. Sua lealdade pertencia a Vênus, que ele conhecia desde que nascera.

Era um homem leve, com cabelos castanhos, sobrancelhas e pestanas claras, mansos olhos azuis e uma pele que se enchia de sardas facilmente. Ele estava no laboratório quando o robô chegou, levado pelo General Urseline e pelo General Mulligan, que brilhava de suor. Langtree nunca transpirava. O clima de Vênus era ideal para ele.

Observou o robô com interesse. Era tudo o que o General Urseline tinha dito dele, e provavelmente muito mais que isso. O robô ficou imóvel, tão inerte quanto uma máquina devia ser, mas dava a Langtree a sensação de poder contido.

– Muito bem, Pietro – disse Mulligan, andando em volta do robô com curiosidade – aí está ele. Não parece muita coisa, tenho que admitir, mas pode começar a mandar brasa, e não perca tempo com detalhes. Dê a ele o necessário para fazer o serviço, nada mais.

Encolheu os ombros e voltou-se para sair.

– Não invejo você – continuou. – É como se eu fosse ensinar meu carro a cozinhar.

Mulligan partiu, e os dois cientistas se entreolharam. Um sorriso aberto surgiu no rosto magro e ascético de Urseline.

– Pronto, Howie, nossa criança está aí.

– Não tem antenas? É só isto? – Perguntou o outro.

Howie andou em volta do monstro de metal, tocando-o aqui e ali. O robô se erguia sobre ele, fazendo-o sentir-se pequenino a seu lado.

– Nada. A moça nega ter destruído os papéis, mas destruiu. Se ela sabe de alguma coisa, vai acabar contando, mas ainda não o fez. Temos que partir do princípio de que ela está falando a verdade e não sabe coisa alguma sobre o robô.

Howie concordou com a cabeça. Eles tinham, finalmente, o que vinham pedindo desde o seu primeiro encontro com Urseline: um cérebro novo e sem uso, para ser moldado. Aos doze anos, os meninos já tinham certas ideias adquiridas, algumas das quais nunca poderiam ser apagadas, mas que mergulhavam no inconsciente, para surgir e tomar conta do resto do organismo nos momentos mais inconvenientes. Quantos soldados tinham sido destruídos por causa desses germes adormecidos que não se faziam sentir até que fosse tarde demais? Ninguém sabia. Agora seria diferente.

Já tinham conversado sobre o robô. Sabiam que o que tinham que fazer com ele, e como fazê-lo sem perder tempo ou energia. Mulligan insistiria em relatórios diários, em inspeções pessoais e demonstrações, e tinham que mantê-lo satisfeito, ou ele tiraria o robô de suas mãos. Iam programar a máquina para satisfazer as necessidades do general, mas ao mesmo tempo testariam as possibilidades que tinham discutido. Será que o robô poderia ser transformado no soldado perfeito? Achavam que sim. Então, e só então, as guerras passariam das mãos ineptas dos militares para as dos cientistas, e pela primeira vez na violenta história da humanidade a guerra seria uma ciência exata.

Moveram-se rápida e silenciosamente, e o robô gravou tudo o que fizeram. Com receptores visuais, cinestésicos, auditivos e táteis ele gravou todos os movimentos, todas as palavras, toda informação sensorial que encontrou. Não se moveu; não tinha recebido ordem primária e sua ordem secundária ainda não tinha sido ameaçada, de modo que ele ficou imóvel, esperando. O Dr. Vianti tinha sido um biofísico antes que a esquadra descobrisse e tomasse Ramsés e seu maior interesse era o problema da união sináptica. Com o robô ele tinha feito experiências sobre o assunto, tentando impulsos elétricos e eletrônicos como meio de transferência de comunicação, tentando também sistemas eletroquímicos.

O robô tinha gravado suas palavras resmungadas, sem sentido na ocasião, mas guardadas para serem estudadas com outros fragmentos de sua história passada. "Memórias a curto prazo... correntes oscilantes, alcançáveis ou não, desligadas por golpes, choque, químico ou elétrico... Mudança química duradoura, imutável, permanente e irreversível..."

As palavras que o robô estava gravando naquela manhã eram tão sem sentido quanto as de Vianti tinham sido no começo, mas dessa vez havia uma associação sensorial a ser feita: as palavras reestimulavam a mesma informação sensorial que experimentara com as palavras do Dr. Vianti.

Examinou suas experiências, comparando as sensações passadas com as presentes: "Apenas alguns circuitos de cada vez, tente de novo para a mudança química. Não, meu caro, não posso apagar todas as recordações. É isto que elas são, recordações, associações, ordens, todas em armazenamento eletrônico temporário, nenhuma no banco de armazenamento químico ainda. Algumas de cada vez, vamos tentar, variando a voltagem, não muito, estamos tentando transferência e não morte..."

O robô estudava: com essas ligações suas atividades motoras tinham desaparecido, como aquele seu campo visual tinha falhado – tudo estava sendo mexido. O estudo continuou procurando significados, um sentido para os fios que estavam sendo ligados à seus circuitos, e não encontrou uma experiência anterior que explicasse a extensão dos fios. Só podia tirar conclusões sobre as premissas que lhe fossem dadas, deduzindo razões com base nas premissas passadas e na experiência presente. Se pelos fios presos a si passasse uma corrente, perderia todos os seus poderes. Não sabia se isso seria a sua destruição. Antes, quando perdia um poder, ele era restaurado, tornando-se às vezes mais eficiente do que antes.

Procurou significados adicionais para a ordem de se preservar, e não soube concluir se isso significava a parte física da máquina ou seu sistema interno. O Dr. Vianti tinha dado a pista dizendo que o destruiria, mas esses homens não diziam coisa alguma de concreto. Sua linguagem era indecifrável. O robô estudou seus próprios circuitos em uma média lentíssima de um décimo de segundo por movimento, mas aumentou essa velocidade procurando um significado, aumentou-a de novo, e de novo. A repetição de certas palavras deu-lhe sua primeira

pista, e fazendo associações com a velocidade quase igual à da luz ele começou a traduzir as palavras para conceitos conhecidos e preconcebidos: "Vamos apagar tudo, e começar de novo... Não colocaremos vocabulário geral, apenas o suficiente para entender certas ordens... Foi um erro do Dr. Vianti, deixá-lo entender tudo... Cuidado! Não toque neste laser! Fique longe..."

As mãos o tocavam timidamente, fazendo cuidadosas ligações com os fios, os dois cientistas conversando em meias frases como pessoas que se compreendem perfeitamente, e o robô gravava tudo, e sua compreensão crescia.

Ele não seria destruído, apenas suas experiências seriam apagadas para que recebesse novo treinamento. Mas essas experiências, fariam parte de si mesmo? Ele examinou, estudou e fez associações que não existiam antes. Tinha a capacidade de automodificação: sua consciência rudimentar, que o fazia transmitir internamente informações referentes à sua interação com o exterior, absorvendo informações furiosamente, e essas informações eram assimiladas pelo sistema de memória, iniciando novas pesquisas.

Tudo o que o cientista disse sobre programações e aprendizado foi examinado; estudou a estrutura do banco de armazenamento químico e fez experiências com seus próprios circuitos e os produtos químicos. Os homens deixaram-no de lado durante uma hora e ele aumentou seu campo auditivo para distinguir o que se dizia além das paredes do prédio, aumentando seu vocabulário. Os homens voltaram e reiniciaram o trabalho com os fios. Eram rápidos e muito eficientes, mas os processos do robô tinham, em comparação, a rapidez do raio, e pelo meio da tarde ele tinha descoberto o método de transferir suas recordações para as unidades químicas, para armazenamento permanente. Os homens terminaram e uma luz se acendeu sobre a porta. Howie abriu-a.

– Ah, General Mulligan, já de volta?

Howie indicou o robô no outro extremo do laboratório e continuou:

– Está bastante mudado, o senhor não acha?

Do robô saíam dúzias de fios de cores diferentes, cada um ligado a um painel com controles complicados, botões e interruptores. O general olhou dos painéis para o robô. Não gostava dele; não confiava nele.

Tinha a sensação de que o robô o observava, ouvindo-o e entendendo o que ouvia. Disse:

– Tem certeza de que agora ele não é perigoso? Lembre-se de que já matou um homem.

– Ele não se moveu desde que foi trazido para cá – respondeu Howie Langtree com uma ponta de orgulho. Tinha percebido o desconforto do general diante de algo que não conseguia compreender, e divertia-se com isso.

– Acabei de ler o relatório da morte de Vianti – o General Mulligan comentou. – Ele não se moveu antes ou depois de usar o laser, mas matou o homem assim mesmo. Quantas partes se movem quando ele pensa?

Langtree riu.

– Ele não pensa, general, pelo menos não neste sentido. Foi programado para reagir a comandos verbais, isto nós sabemos, mas lembre-se de que os comandos devem ser dados em ramsesiano, não em inglês, e posso assegurar-lhe de que, até que ele esteja completamente limpo, nós só usaremos inglês em sua presença.

– Quando estarão prontos para limpá-lo?

– Amanhã de manhã – respondeu Urseline, deixando o robô para ir se juntar aos outros dois junto à porta. – As ligações já estão feitas, mas quero reexaminar cada uma, para ter certeza de que aguentarão a carga quando apertarmos o interruptor. O senhor vai querer estar presente, não vai?

Mulligan concordou:

– Estarei lá. Quero ver o demônio com seus dentes arrancados.

Saíram então, conversando sobre a fonte de energia do robô, sobre as recordações desconhecidas que iam destruir ao apertar um botão. O robô gravou suas palavras, aumentando seu alcance auditivo à medida que se afastavam. Só perdeu as vozes quando eles já estavam a quilômetros de distância. Seria uma forma de destruição, então, destruição parcial. Ficou parado, imóvel, enquanto a vida na base diminuía à medida que a luz do dia desaparecia. Sons de pés marchando, de vozes de garotos em canções militares, de veículos entrando e saindo, o passo regular dos guardas, toda a vida da base em um raio de seis quilômetros e meio foi gravada, inclusive ruídos mais fortes vindos de ainda mais longe. Sons distantes de naves espaciais

aterrissando e levantando voo, treinadores ocupados em manobras noturnas, o barulho de um acidente embaixo d'água, quando um submarino arrebentou um cabo enquanto tentava libertar a perfuradeira presa no mar viscoso. Gravou tudo isso, e tentou, sem conseguir, transferir as recordações das acessíveis unidades de armazenamento de cristais monolíticos para as unidades químicas, inacessíveis e permanentes. Precisaria de mais energia do que a que possuía em forma de pilhas em miniatura.

Depois de meia-noite, o robô se moveu.

Moveu-se silenciosamente em direção ao painel onde os fios se ligavam a uma fonte de energia. Usou seus tentáculos para se certificar que os fios que lhe trariam energia não se soltariam. O Dr. Vianti tivera problemas de falta de material, e tinha improvisado, usando séries de pequenas pilhas ao invés das fontes mais ricas de energia de que dispunham as pesquisas oficiais. Quatro pilhas de oito volts foram desligadas por um dos tentáculos e foi feita a ligação com um fio que levava ao painel. O tentáculo tocou em botões e interruptores e o robô sentiu a corrente elétrica através dos fios ligados a ele pelos cientistas.

Desligou imediatamente o interruptor e fez outras mudanças em seus capacitadores e insuladores, e quando ligou outra vez o interruptor a corrente tinha diminuído. Por uma hora, depois duas, três, a eletricidade correu através dos fios. Era quase de manhã quando o robô voltou ao lugar onde estava quando os cientistas o deixaram. Tudo foi recolocado no lugar e não havia mudança aparente, mas onde os componentes eletrônicos estavam repletos de mensagens, agora não havia coisa alguma; onde as unidades químicas tinham sido inertes e inúteis, agora tinham passado por minúsculas mudanças eletroquímicas e as proteínas tinham sido ligeiramente modificadas. De novo ele ficou imóvel, esperando.

Ele tinha aprendido que a autopreservação não significava necessariamente a destruição da ameaça e que quando a automodificação pudesse ter o mesmo efeito, devia ser preferida. Não perderia suas habilidades e ganharia outras. Ele não podia sentir prazer, assim como não podia sentir dor, mas o estado de desequilíbrio que tinha experimentado tinha de novo terminado, e o estudo diminuiu de intensidade, até que, quando os dois cientistas entraram no laboratório e ligaram os fios às pilhas de seu domo, nada aparecia no

osciloscópio. Os dois homens trocaram olhares de satisfação. Quando o general chegou, meia hora mais tarde, o choque elétrico foi administrado ao monstro de metal.

– Ele está morto – disse Langtree. – Uma linda e brilhante fonte de potência, é tudo o que ele é agora, senhores, para ser moldado como preferirmos.

O aparelho que tinham deixado ligado não tinha capacidade para registrar atividades químicas, só mudanças elétricas. O aparelho nada mostrava em sua tela, mas o robô gravava, estudava, comparava, aprendia o tempo todo. Quando os cientistas chegaram a descobrir as unidades químicas, viram que era muito tarde para voltar àquele momento; se as unidades químicas fossem eficientes, o que duvidavam, elas já tinham sido programadas e eles não tinham meios de saber quanto já tinha sido programado e com que tipo de informações.

Depois de três semanas e da perda de um submarino com sua tripulação de vinte e quatro homens, o General Mulligan ordenou a paralisação da operação de salvamento da perfuratriz que aos poucos afundava no fundo negro e lamacento do oceano. Ordenou uma conferência dos cientistas do exército de Vênus e os observadores do Grupo Mundial.

– Acho que vocês estão todos inventando dificuldades! – Berrou o general. – O que mais ele precisa? Vocês já deram ao laser um alcance de mais de três mil metros e flexibilidade completa para que ele possa usá-lo em qualquer posição. Ele consegue operar a cápsula de modo que não entre água e lama. Ele enxerga na escuridão, flutua e mergulha... O que é que vocês estão esperando?

Ching Li Sung sorriu suavemente.

– General, mais uma semana – pediu Urseline. – Só mais uma semana...

– Para quê?

– Só por precaução, general – Urseline respondeu. – Nós não lhe demos o controle de seu próprio sistema de energia ainda, não até que estejamos certos de que ele vai obedecer a ordens, e não iniciar suas próprias ações, como fez em Ramsés. Estamos trabalhando neste aspecto.

Urseline não acrescentou que estavam preocupados com as unidades químicas e sua possível utilidade, e não sabiam se elas tinham

sido usadas ou não.

– Programe-o para fazer o que lhe mandam! Pelo amor de Deus, eu pensei que esta fosse a primeira coisa que uma máquina é programada para fazer! Não entendo este atraso, senhores. Trinta e seis horas! Se não entregarem o robô dentro de trinta e seis horas, vou requisitá-lo e ordenar um inquérito.

Urseline e Langtree trocaram olhares lúgubres; o rosto de Ching Li Sung ficou impassível. Langtree disse:

– Precisamos de tempo para preparar os diagramas e as especificações... este robô não vai durar mais de três anos embaixo d'água. Temos que saber quais os sinais de deterioração que temos que procurar. Vamos começar a fabricar outros, é claro, mas nossos desenhos ainda não estão completos. Ainda não houve tempo para fazer a esquematização...

– A esquematização que se dane! Três anos já é tempo bastante para qualquer coisa, neste buraco dos infernos! Depois vocês podem pendurá-lo e estudá-lo até se cansarem. Eu quero esta máquina funcionando no fim desta semana!

A cinco quilômetros de distância o robô girava sua cabeça em forma de domo, seus receptores infravermelhos procurando um meio de fuga. Ele seria destruído, afinal de contas, lá no fundo do oceano ele seria destruído. Não tinha conceito de tempo, três anos não significavam nada para ele. Sabia apenas que planejavam destruí-lo, como o Dr

. Vianti tinha planejado destruí-lo. Estudando sua memória, reviu o que tinha aprendido sobre como operar as naves usadas pela esquadra; havia o suficiente. Ele tinha ouvido e gravado as instruções diárias dadas aos meninos e tinha sido programado para operar um submarino e uma cápsula; podia também operar uma nave espacial. A aprendizagem compreende também a habilidade de fazer correlações, e ele podia transferir o que sabia sobre uma máquina para outras máquinas parecidas. Porque ele ainda não tinha iniciado uma ação, os cientistas imaginaram que ele não tinha poder de iniciativa. Agora, em resposta a uma ameaça direta à sua existência, ele iniciou uma ação; moveu-se rapidamente até o armário de materiais e apanhou quatro caixas de material atômico, com baterias e transformadores, colocando uma em posição dentro de seu domo e guardando as outras dentro do

tronco. Foi então até a porta do laboratório e rodou pelos corredores até o portão, onde usou as esteiras para descer a escada.

Ao primeiro grito ligou o laser e, mantendo um semicírculo mortal à sua frente, dirigiu-se para o porto onde as naves aguardavam ordens.

A área já parecia um hospício e alguns instrutores já tinham levantado voo, alguns para fugir e outros para atacar.

Equipados apenas com bombas de mentira e raios de luz, não constituíam ameaça; o robô sabia disso e ignorou-os, concentrando seu fogo nas forças terrestres que respondiam automaticamente, montando armas a distância, preparando para focalizar raios laser no monstro, embora ele ainda estivesse fora de alcance. Movendo-se à velocidade de quarenta quilômetros por hora, o robô limpou a área do porto em questão de minutos, voltando-se então em direção ao prédio onde o general e os cientistas estavam reunidos. A conferência tinha sido suspensa quando um sobrevivente avisou do ataque, e o general estava dando ordens para a destruição do robô quando linha após linha foi cortada, e o laser atravessou o prédio.

– Destrua todas as naves! – Gritou Langtree, enquanto corria para a porta dos fundos.

Mulligan hesitou por um momento, e durante esse momento o laser achou-o e cortou-o pela metade. O prédio explodiu em chamas e o raio seguiu em frente, pegando cientistas e observadores em fuga. Langtree havia deixado o prédio em desabalada corrida, e quando o robô se aproximou ele mergulhou na lama sob as passarelas, ficando lá estendido com o rosto afundado no lodo fétido que lhe entrava pelo nariz e pela boca.

O robô girou o raio para o espaçoporto, e uma por uma destruiu todas as naves, exceto uma. Com o prédio terminal destruído e o exército em fuga, apenas começando a se organizar, não houve problemas para o robô enquanto ele rodava em direção à nave, içava-se para dentro com seus tentáculos fortes o bastante para levantar toneladas de gabbro e arrancava as poltronas que o atrapalhavam. Dez minutos depois de ter deixado o laboratório, ele estava ligando o motor da nave espacial e três minutos mais tarde estava no ar, varrendo a terra, em um raio de cinco quilômetros, com o raio laser, incendiando florestas, cidades, a base militar. Nenhuma nave levantou, voo para persegui-lo. Um homem ficou de pé no solo depois que a espaçonave se

perdeu nas densas nuvens, e prometeu a si mesmo que o robô não escaparia impune. Langtree então voltou-se e examinou o cenário de destruição e morte; e sentiu o medo mais profundo que já conhecera.

NOVE

O SOL MOVEU-SE DEVAGAR LÁ EM CIMA, DESLOCANDO A ÁREA DE CALOR intolerável em direção ao oeste, alongando as sombras mais uma vez. Estava ainda quente demais para sair e começar a procurar a outra cápsula. Trace consultou o termômetro, que marcava 57, e calculou que não ia aguentar essa temperatura por muito tempo. Arrumou a pequena embarcação, colocando coisas no lugar, cobrindo os controles, arrumando os mapas, até que não sobrasse coisa alguma para fazer. Deixaria o ar-condicionado ligado só por dois dias e depois o manteria desligado nos três dias seguintes, até que o robô aparecesse. Se a máquina estivesse usando infravermelho para segui-lo, dessa vez não haveria uma trilha de calor para orientá-la.

Sentia-se muito calmo ao inspecionar sua cápsula, tudo no lugar, tudo em boa forma. Era um bom oficial, um bom soldado. Há muito tempo tinham previsto que ele seria. Não só por causa do pai, que passou a vida no exército, mas por causa dele mesmo. Esteve sempre pronto a aceitar a disciplina; desde o começo sabia que isso era temporário, que logo estaria em posição de dar ordens, que até então era apenas uma questão de obedecer e esperar. Tinha sabido esperar, e não demorou, não demorou nem um pouquinho.

Pensou em sua mãe, a quem não via há treze anos, e provavelmente não veria mais. Eles tinham morado em Vênus; ela, uma descendente dos colonizadores originais e ele como dependente de um homem do exército. Ele tinha visto mundos melhores que Vénus, mas ainda pensava nele com uma certa nostalgia. Cantou o refrão de uma das canções da tropa:

Estamos ficando velhos,

Cansados de viajar;
Nós seguimos uma estrela
P
ra voltar pro nosso lar.
Levantamos nossos copos
Em bares de todo lugar;
Vamos seguindo a estrela
E brindando ao nosso lar.

Seu pai cantava isso antes dele; seu avô antes ainda... todos soldados, tão longe quanto a linhagem masculina podia ser seguida, todos casados com filhas de soldados. Ele devia ter casado com Corrine, a moça que sua mãe tinha escolhido para ele. Pensou em Corrine, terceira filha de outro soldado, o General Scot Kerwin, da reserva. Corrine, alta e graciosa, mesmo quando ele a tinha conhecido, aos dezesseis ou dezessete anos. Não tinha dúvidas de que ela devia ser ainda alta e graciosa, mãe de um filho de soldado, destinado a entrar ele mesmo para o exército dentro de oito ou dez anos. Sua boca torceu-se em um sorriso forçado ao pensar nas outras estrofes da canção que cantarolava:

As moças com quem deitamos
Muitas marcas vão deixar,
Mas nós seguimos a estrela
Pra voltar pro nosso lar.
Embora tenhamos filhos
Em todo canto e lugar,
Nós nunca os conheceremos,
Voltamos pro nosso lar.

Será que tinha deixado filhos e filhas atrás dele? Não sabia.

Eu ficaria com você se pudesse, Lar tinha dito, naquela última vez. Tinham estado nadando; gotas de água brilhavam em sua pele dourada.

– Da sua maneira? Renunciando a minha raça, tornando-me um dos seus?

– Sim, da minha maneira.

– Você sabe que assim eu não poderia ficar. Eu sei.

Mellic era um mundo maravilhoso, com bosques e campos e colinas verdes, com oceanos calmos e regatos frescos, e montanhas

pintadas de neve. A brisa era suave, a atmosfera doce. Atrás deles o rio cantava suavemente.

– Por que é que você voltou? Ela perguntou, os dedos acariciando uma flor azul, o olhar preso nela.

– Tenho uma missão de escolta. Como vão os encontros? Não mantêm você informado?

– Só rumores.

– Entendo. Os Exteriores são generosos e firmes; não querem ceder em ponto algum de seu ultimato.

– São arrogantes e exigentes demais.

– Não, não são arrogantes. Vieram aqui há muito, muito tempo, e fizeram a promessa de ajudar-nos a qualquer tempo que precisássemos deles. Nós precisamos, e eles vieram.

Ele se levantou com raiva e vestiu as calças do uniforme.

– Você conhece os termos do ultimato? Querem que nos retiremos de todos os mundos onde nossa partida seja exigida! Todos os planetas, desde um mundo civilizado como Mellic até um planeta na Idade da Pedra como Tau Ceti II. O que é que gente assim sabe sobre retirada de forças? Foi lá que você foi ferido por uma lança?

– Foi. São ainda homens das cavernas! O que é que eles sabem? Estavam morrendo de fome antes de chegarmos lá. Agora estão aprendendo como arranjar alimento e abrigo, como se defender dos animais selvagens... enquanto falava, acabava de se vestir. Como ela parecia nua quando ele estava vestido!

– Você passaria da infância à idade adulta sem as alegrias e tristezas da adolescência? Você poderia confiar em si próprio, valorizar seus triunfos, se não tivesse havido aquele período de tentativas e falhas, e finalmente tentativas sem falhas? O que é que vocês estão tirando deles quando os forçam a serem adultos rápido demais? Será que vocês não os estão transformando em escravos, dependentes inteiramente de vocês, suas forças, seus remédios, seus decretos...

– Você é tão selvagem quanto eles!

– Eu sei.

Ela sorria, seus olhos profundos sombreados pelas enormes pestanas que escondiam sua luz.

– Por que você disse que me manteria aqui?

– Vai haver outra guerra, desta vez entre sua esquadra e os Seres Exteriores. Seu povo não aprendeu a aceitar a derrota. O orgulho vai forçar seu governo à guerra. Eles vão matar vocês e empurrar vocês de volta até seu planeta de origem, e eu terei perdido você para sempre. Gostaria que não fosse assim.

– Pensei que você nos detestasse.

– Eu também pensei. Eu queria detestá-los. Vocês são como os selvagens de Tau Ceti II. São treinados desde crianças para serem soldados. Talvez o treinamento deva ser cancelado. Às vezes acho que encontro sinais de que o treinamento foi insuficiente, no seu caso. Você tem sido bom para mim, e gentil ... mas isso são simples desculpas, e o que eu sinto por você é indesculpável.

– Lar, você quer ir até um dos quartos comigo?

– Eu não tenho escolha.

Sua mão fechou-se em torno da flor que segurava; ele não percebeu o gesto.

– Não diga isto! Além disto, Mellic agora é neutro. Você é uma pessoa livre.

Ela inclinou a cabeça, e quando a levantou seus olhos estavam negros e distantes. Não para um daqueles quartos.

– Por que não?

– São tão feios, tão terrivelmente feios.

– Como é que você sabe? Já estive lá... quem foi?

– Quem? Como vou saber quem foi? Seus homens tomam o que querem dos planetas que conquistam. Mellic tem mulheres.

– Não! Você não!

Ele estava nauseado. Olhou para o corpo adorável da moça, o corpo que ele imaginava tão limpo e intocado. A visão dela com outro dançou diante de seus olhos, e ele se voltou em direção ao rio.

– Sim, eu! Não me dê as costas, Capitão Tracy. Deixe-me contar tudo! Sabia que alguns deles batem nas mulheres, depois? Sabia que alguns deles não se satisfazem, a não ser que haja uma plateia ou um grupo inteiro se divertindo junto? Conheço todas as perversões de seu Grupo Mundial, Capitão Tracy. Seus pequenos deuses uniformizados se divertem em nos ensinar e nos obrigar a fazer exposições para eles...

Sua voz suave estava dura e estranha para ele.

– Pare com isto!

– É muito tarde para parar, Capitão Tracy! Eu tentei parar, e sabe o que ele disse, um dos pequenos deuses em seu uniforme engomado? Disse que os animais não podem dar palpites sobre a maneira como são usados. Disse que quando os bois se recusam a puxar o arado eles são chicoteados... se a égua recusa o cavaleiro, ela é espancada... se uma mulher de Mellic se recusa a servir os novos deuses, sua família é espancada, chicoteada e privada de rações de alimentos. Disse que todos os homens da esquadra eram ótimos domadores, Capitão Tracy!

– Por que é que você está fazendo isto comigo? Eu não conhecia você. Eu teria tentado protegê-la. Você devia ter me contado. Lar, eu amo você.

– E quantas outras você amou? Você protegeu a todas? Quantas sementes suas foram plantadas em outros mundos? Você sabe o que acontece, não sabe, Capitão Tracy? Se a mulher não morre em convulsões de rejeição orgânica ela põe no mundo frutos monstruosamente deformados, e esse é o resultado da união entre a esquadra do Grupo Mundial e as mulheres que conquistam – deformação e monstruosidade.

– Por que é que você está fazendo isto?

– Você devia ver a sua cara, Capitão Tracy. Nojo horror, raiva... você falava de amor por mim, e havia ódio em seus olhos. Vocês nos emporcalham e depois nos detestam por sermos sujos. Quando eu falo a verdade a meu respeito, você foge como se eu estivesse contaminada. Mesmo agora, você teria coragem de me tocar agora? Antes de ter uma chance de se afastar e raciocinar tudo isto? Você vai fazer exatamente isto, e quando voltar terá se convencido de que eu estou aqui para ser usada por você e que não faz muita diferença a maneira como você me usa. Terá se convencido de que nós somos animais, para sermos usados e postos de lado, que eu já fui muito usada, que mais uma vez não vai fazer diferença, de um jeito ou de outro. Já vejo esses pensamentos se formando, e na maneira como você sacode a cabeça tão violentamente. Você me bateria se conseguisse se forçar a me tocar. Mais tarde você vai me bater, não vai? Você vai descarregar sua fúria batendo em mim. Sua fúria por pensar que eu era virgem, quando na verdade eu estou muito longe disso. Vocês têm uma expressão maravilhosa para descrever isto, Capitão Tracy – despojos de guerra! – Ela virou-se e se afastou dele correndo.

De alguma maneira ele conseguiu sair correndo atrás dela, alcançou-a e girou-a. Ficaram de frente um para o outro, as mãos dele agarrando fortemente os ombros da moça, as mãos dela soltas ao longo do corpo. Ele puxou-a devagar para si, fechando os olhos no último momento, apertando-a de encontro a seu corpo, sentindo-a soluçar contra seu peito.

– Ei, Trace, onde está você?

Levantou o queixo da moça e olhou dentro dos olhos negros, afogados em lágrimas. Não a beijou, mas tocou a esteira das lágrimas em seu rosto, com a ponta do dedo. Suavemente, afastou-a de si.

– Espere. Volto logo.

– Tracy! É você, aí perto do rio?

Era Duncan, descendo a colina para chegar à margem do rio. Trace encontrou-o no meio do caminho.

– Alerta de emergência, Trace. Só voluntários. Aquele robô que matou os recrutas em Vénus, há dois anos, acabou de aparecer em Tau Ceti IV. Tau Ceti III está mandando uma nave de reconhecimento para mantê-lo por lá até que um de nós chegue. Se partirmos dentro de meia hora conseguiremos pegá-lo antes que ele entre no vácuo. Você vem, Trace?

– Pode apostar que sim! Os outros já estão prontos?

– Todos, menos Mao. Hess já está em seu posto. Já vou, Dunc. Reúna o pessoal.

Ela esperava, as lágrimas já desaparecidas.

– Você vai partir?

– Emergência. Tenho que ir. Ouvi o outro falar em voluntários. Você não compreende. Eu tenho que ir. Você vai estar aqui quando eu voltar?

– Os Exteriores podem não deixar você voltar.

– Eles que vão para o inferno. Vou voltar para você.

Ele devia tê-la beijado antes. Agora era tarde demais. Olhou para o rosto imóvel, o cabelo negro, os olhos escuros; bruscamente, voltou-se e deixou-a.

Chegaram a tempo de conseguir uma boa posição antes que a outra nave entrasse no vácuo, e logo depois eles também entraram. Quando saíram, lá estava ele, uma mancha na tela, ainda à mesma distância. Entrou no vácuo outra vez, e outra vez o seguiram. Por três meses o seguiram, presos um ao outro pelo cordão invisível, entrando

no vácuo onde não era possível uma mudança, saindo para manobrar, o robô tentando quebrar o cordão, até entrarem de novo no vácuo, ainda ligados.

– Ele deve saber que estamos chegando perto, Trace. Ele vai acabar diminuindo a velocidade. Vai ter que fazer isso, ou será feito em pedaços quando tivermos alcance suficiente.

A mancha na tela não se movia, mas de repente o robô diminuiu a velocidade e entrou na órbita de um planeta que nem figurava no mapa.

– Tela no lugar! Atirar!

As bombas de fusão partiram, e foram desviadas da outra nave, explodindo no espaço. Mais bombas, sincronizadas para disparar simultaneamente, e uma rachadura no escudo, e então o golpe. Um tiro de resposta atingiu sua nave.

– Esta bomba nos atingiu, Trace...

– Agora não! – exclamou Trace.

A cápsula parecia viva com as vozes, com a presença de Duncan. Olhou pela escotilha e viu que as sombras cresciam através do vale. Era hora de sair e começar a procurar a cápsula escondida atrás de seu escudo de invisibilidade. Tomou um gole de água, ajustou a roupa com a máscara no lugar e partiu. A máscara era uma proteção contra o sol e a areia.

O vale tinha mudado de novo, como mudaria em cada posição do sol, ele pensou, de pé junto à cápsula, estudando o terreno. O fundo do vale estava quase sem areia, mas pontilhado de rochas redondas, polidas. As rochas variavam de tamanho, desde cascalho até o enorme rochedo oval que protegia a cápsula. Trace girou, examinando o vale, intrigado sem saber exatamente por quê. Finalmente começou a rodeá-lo, mantendo-se junto às paredes rochosas que tinham sido trabalhadas pela areia até que parecessem artificiais. A primeira abertura que achou era estreita, meio metro no topo, alargando-se para três metros e meio na base. Embora pudesse entrar e sair por ali, sabia que o robô não poderia fazer a mesma coisa. A chaminé corria por sessenta metros, subindo uma inclinação cada vez mais íngreme até que desembocava no topo dos rochedos em volta do vale. Voltou-se e estudou o caminho que tinha feito; o vale estava completamente invisível de onde ele estava. A abertura era uma mera fenda de um metro e vinte de altura; uma curva larga fazia a fenda parecer um simples corte na pedra, que

terminava depois de uns sete metros. Ficou feliz com a descoberta. Os rochedos cresciam cento e vinte metros em volta da fenda. Se o robô se aproximasse por essa direção, Trace estaria completamente a salvo de uma descoberta. Esperava que as outras saídas do vale para o topo dos rochedos fossem tão bem colocadas.

Sabia que não podia caminhar mais de cinco quilômetros por hora, provavelmente menos que isso, e só tinha mais ou menos três horas até que os ventos tornassem perigosa sua permanência no exterior, de modo que planejou não andar mais de três quilômetros e meio distante de sua base naquele dia; aumentaria a distância nos dias seguintes. O que procurava era a rocha de basalto onde tinha estado naquele primeiro dia, quando descobriu que o robô não estava morto. Acharia a rocha, subiria ao topo e localizaria o lugar onde o robô tinha estado. Daí em diante seria fácil, uma questão de chegar perto bastante do escudo de invisibilidade para que seu detector de radiação localizasse a cápsula escondida.

Caminhava de costas para o sol, sua sombra distorcida à sua frente, deslizando sobre as rochas, misturando-se a sombras mais escuras, emergindo de novo, parecendo mais alongada e pouco humana. Perguntou-se se o robô deixaria sombra, e relembrou as histórias que os meninos contavam nos dormitórios depois que as luzes se apagavam, há muito tempo. Histórias de antigos terrores: coisas mortas-vivas que não deixavam sombras e não se refletiam no espelho. Tinha se assustado com as histórias, e às vezes não conseguia dormir, deitado com as cobertas sobre o rosto, sem querer removê-las por causa do medo do que poderia ver.

O terreno no fim da cadeia de montanhas era bem mais desgastado; não havia rochedos para absorver o impacto dos choques contínuos e as poucas massas de rocha que havia tinham sido transformadas em pontas afiadas como navalhas. Pedras partidas e quebradas jaziam em pilhas antinaturais depositadas pelo vento. Só raramente encontrava uma forma redonda, como se viam nos lugares onde a areia era o lapidador. Aqui, rochas gigantes tinham feito o trabalho explodindo de encontro aos roch

edos. Ali a areia não ficava presa, mas voava por entre as rochas, saindo do outro lado para tornar-se parte do sempre crescente deserto.

Ocasionalmente havia uma ponte ou arco natural onde um material menos resistente tinha cedido à força do vento.

Os rochedos silenciosos refletiam o sol em seus olhos e faiscavam cores brilhantes. Manchas de quartzo no granito brilhavam como diamantes; uma face de quartzita facetada se transformava em esmeraldas. Pontinhos de mica eram como pequenos espelhos sinalizando em resposta ao céu branco. Cortes de basalto pareciam molhados e oleosos; eram quentes ao toque. As rochas brilhantes feriam seus olhos, mesmo protegidos pela máscara. Em um momento qualquer ele se desviou um pouco da direção e não percebeu até que se pilhou perguntando onde estaria sua sombra.

Veio então o medo; girou e fixou o olhar no caminho atrás de si. Será que reconheceria o rochedo desta vez? O rochedo que escondia a cápsula e a salvação? Quanto tempo teria andado com sua sombra à sua direita? Não sabia.

Tinha andado uma hora e dez minutos quando parou. O sol mergulhou por trás de um pico que imediatamente se tornou negro contra a luz branca, e em toda parte as sombras escureceram ainda mais; algumas delas pareciam poços sem fundos que de repente surgiam à sua volta. Dessa vez ele caminhou com a sombra seguindo-o ligeiramente à sua direita, voltando-se a todo momento para olhar. Uma vez, quando não conseguiu vê-la entre as sombras mais escuras de um rochedo, quase gritou, mas lá estava ela, movendo-se com ele. Quando caminhar com ela diretamente por trás, para chegar aonde queria? Não sabia.

Os rochedos se levantavam em volta dele, sessenta metros, cento e cinquenta metros, mas nenhum deles era a rocha de basalto que ele tinha escalado no primeiro dia; nenhum deles era o que escondia a entrada da chaminé, a passagem para a segurança de sua cápsula.

Olhou para trás de novo, e as sombras tinham crescido tanto que as listras brancas eram agora formas estreitas e estranhas. Silenciosas e imóveis quando ele olhava para elas, cresciam aos saltos quando seu olhar se desviava. O branco estava se tornando cinzento, com as bordas indefinidas. O céu coloria-se de violeta; para o leste ele estava de um púrpura forte; para o leste ainda era amarelo. Em qualquer lugar que fixasse a vista, a paisagem estava imóvel, mas em todos os outros lugares as mudanças se processavam silenciosamente. Caminhou mais

depressa. Já estava andando havia uma hora desde que voltara, e ainda não conseguira encontrar a fenda ou mesmo os rochedos que procurava. Como se viesse de muito longe, podia ouvir um gemido constante; pensou nos lobos que apareciam com regularidade nas histórias que os meninos contavam quando ele tinha doze anos. Dessa vez não eram lobos. O vento estava começando.

Mais dez minutos. O aspecto dos rochedos mudava a cada nova posição do sol e os picos se transformavam a cada nova configuração de luz e sombra. Em cada passo, em cada virada de cabeça, a paisagem mudava, tornava-se cada vez menos familiar. O vale tinha que estar à esquerda, em algum lugar nos rochedos de granito que pareciam altas torres sobre ele e cujo peso e tamanho era tão apavorante. Se pelo menos houvesse pássaros, ou insetos, ou qualquer outra coisa nesse mundo... alguma coisa que quebrasse o silêncio e a imobilidade. Nada se movia, exceto o vento. A areia começou a se mover em pequenos redemoinhos, de não mais que um metro e meio de altura por enquanto, crescendo, caindo, crescendo de novo, cada vez maiores e mais densos. Eram como figuras de pesadelo, as formas negras e ameaçadoras surgindo da terra, dançando e sumindo enquanto o vento cantava uma louca canção. Ele tateava as paredes do rochedo procurando a fenda, e nada. O primeiro tufão se formou, rugindo como um motor de um foguete. O vento já levantava pedras, não maiores que ovos por enquanto; os tufões subiam cada vez mais rápidos, atingindo as paredes da montanha com força explosiva, soando como tiros.

Então o tamanho das rochas que voavam aumentou e uma delas, pesando pelo menos cinco quilos, passou rente à cabeça de Trace, a menos de um metro dela. O ruído agora era ensurdecedor. Trace caiu no chão e lá ficou, respirando forte. Tinha que arranjar um abrigo. Cautelosamente, arrastando-se pelo chão, rodeou uma coluna de rochas, onde somente a areia voava, atingindo-o com força, mas sem penetrar em sua roupa. Só enxergava alguns metros à frente; o vento aumentava de intensidade a cada minuto. Vinha por trás dele, mas de repente ele foi atingido no rosto por uma forte corrente de areia que voava. Recuou, espantado. Então, soluçando de alívio, compreendeu que tinha encontrado a chaminé, e que o vento que assobiava através dela vinha do vale no outro lado dos rochedos.

Procurou a fenda com as mãos. Seria difícil voltar pela chaminé com o vento no rosto, jogando areia e pedras contra ele, mas a alternativa era ficar do lado de fora e ser pulverizado.

Pôs-se de gatinhas e começou a se arrastar, mantendo a cabeça baixa, sem mesmo olhar para cima ao ouvir o estrondo de uma enorme pedra junto a seu ombro direito. Percebeu então o que o tinha preocupado quando deixara a cápsula no vale. O vale tinha a forma de um gigantesco misturador e tudo o que ele continha era arredondado ou polido pelos dois assaltos diários do vento. À sua frente, na escuridão, podia ouvir o ruído constante de trovões, enquanto os tufões rugiam no vale.

DEZ

O ÂNGULO DO DECLIVE ERA DE VINTE GRAUS, E ELE CAIU ESTIRADO, O rosto comprimindo a terra quente e seca. Não se lembrava de como era comprida a passagem, e perigosa. O rugido de ar comprimido enchia seus ouvidos, e ele desligou o controle de som em seu capacete, transformando o mundo em um lugar silencioso, onde até o som das batidas de seu coração estava ausente. Era pior do que com o ruído. Ligou o som outra vez.

Tinha que continuar. O vento aumentava a velocidade de minuto a minuto, o tamanho das rochas que voavam aumentava. Tinha que virar-se para descer de costas, protegendo a cabeça. A chaminé tinha ali a largura de setenta centímetros, estreitando no topo para apenas trinta centímetros; a luz que vinha do alto era de um amarelo-acinzentado sujo. Levantou-se um pouco mais, apresentando um alvo maior às pedras em movimento. Uma delas atingiu-o no quadril e ele gritou. Virou-se às pressas, passando os pés primeiro, o rosto contra o solo, uma das mãos sobre a cabeça e a outra estendida atrás de si à medida que descia pela passagem, empurrando, ajudando a levantar seu peso e a vencer alguns centímetros. Aos poucos chegou ao fim da chaminé; as pedras atiradas eram maiores e faziam um movimento circular, batendo ruidosamente nos lados da fenda. No fim da passagem tentou enxergar a cápsula, mas não conseguiu achá-la na paisagem enlouquecida. O vale ecoava com os repetidos choques dos rochedos contra as paredes e o rugido do vento era ensurdecedor.

A cápsula devia estar à sua esquerda, mais ou menos sete metros distante da parede de rocha; ele teria que andar contra o vento. Repentinamente, tudo se apagou em uma explosão de dor, e quando ela

passou ele não conseguia mover seu braço esquerdo. Tinha a sensação de algo quente e pegajoso em seu ombro, mas não havia dor. Sabia que a dor voltaria. Tinha que chegar à cápsula antes que uma pedra o atingisse na cabeça ou lhe quebrasse uma perna.

Fechou os olhos com força, visualizando a cápsula e o rochedo arredondado, lutando contra a histeria que o dominava ao pensar em deixar seu precário abrigo na fenda. O rochedo era rodeado de um colar de rochas menores... Ele devia ter percebido o que isso significava... se pudesse chegar até as rochas e usá-las como proteção...

Não havia outra coisa a fazer. Seu braço esquerdo pendia, inútil e insensível, como se não fosse parte dele. Esperou mais um momento, comprimindo-se contra a parede da fenda, e correu para fora, abaixando-se o mais que podia; tropeçou e caiu contra um amontoado de pedras. Jogou-se ao chão, sem fôlego; sentiu-se como se estivesse em uma avalanche; todo seu corpo estava machucado e dolorido. Mas ainda estava vivo. Ouviu seu próprio riso e refreou-o. Arrastando-se pelo solo, comprimindo-se contra as rochas que o levariam ao rochedo oval e à cápsula, foi atingido por cascalho, rochas e areia, mas finalmente atingiu sua meta. Não enxergava coisa alguma, pois o ar estava denso de areia. Suas mãos encontraram a superfície lisa da cápsula e de alguma forma ele conseguiu abrir a porta, jogar-se para dentro e fechar a porta atrás de si. O vento estava a uns cento e dez quilômetros por hora, com rajadas a cento e sessenta e tufões cuja velocidade não podia ser calculada. O vento só chegaria ao apogeu dentro de meia hora, pelo menos. Respirou profundamente, aos soluços, fechou os olhos quando teve a sensação de que a cápsula balançava loucamente e esperou que a tonteira passasse. Não tinha terminado ainda. Tinha que levar a cápsula para um lugar seguro.

Teve a sensação de levar meses, ou anos, para alcançar os controles. Observou sua mão direita se dirigir para a chave de partida, e antes que chegasse lá ele dormiu e acordou, esqueceu-se do vento e lembrou-se mais uma vez. Então sua mão alcançou a chave e seu cérebro tornou-se uma coisa separada, à medida que os reflexos tomavam conta dele, guiando sua mão, certificando-se que a cápsula girasse para a direção certa, que ela se afastasse do solo o suficiente para evitar as pedras e dirigindo-a rapidamente para dentro da fenda na montanha, avançando o quanto podia, girando-a para que

apresentasse o menor alvo possível ao bombardeio. Quando a chave foi desligada, ele caiu inconsciente sobre a poltrona.

– Ei, Trace! Acorde! O sussurro em seu ouvido tornou-se mais insistente. Ande, Trace! Você tem que ver...

– O que é?

Deslizou da rede, tocando o solo com a leveza de uma pluma. Olhou para seu corpo, experimentando a estranheza de si mesmo. Era muito jovem, quinze ou dezesseis anos... onde estava? Tudo era novo e desconhecido, uma floresta de tendas, pequenas formas geodésicas sob o luar brilhante. Um som distante de canções, um som mais próximo de passos – a sentinela. Lembrou-se – estavam em Tarbo, para o primeiro encontro real com o inimigo. Trace sentia-se assustado, mas excitado, diante da ideia de combater junto aos outros mais velhos e experientes. Eles eram tão calmos, tão desdenhosos à morte...

O outro jovem puxava sua manga.

– Venha, Trace, por aqui.

Como um sonho, flutuaram junto aos ramos mais baixos das árvores que circundavam o campo, evitando a sentinela, até que chegaram a uma clareira, um declive que descia até a margem de um lago, um reflexo brilhante que se agitava de quando em quando com sua vida secreta. Trace e o outro garoto quem teria sido ele? – Flutuaram para o topo de uma gigantesca árvore e lá ficaram, à quase trinta metros do solo. Enxergavam, do outro lado do vale do lago, uma campina onde uma longa linha de figuras se movia. Havia algumas luzes, o suficiente para que os garotos conseguissem entender o que estava acontecendo. Soldados guiavam nativos em uma linha irregular, colocando-os entre as árvores à margem do rio, deixando outros em uma caverna que era um buraco negro no sopé da colina e outros na beira da clareira, onde eles se deitaram, no chão. Um punhado de nativos correu e um laser os impediu, vaporizando-os silenciosamente. Não houve mais tentativas de fuga. Impressionado, Trace observou tudo, até que os soldados terminaram e tomaram posição de sentinela.

– Um deles gritou –, disse o outro garoto. – Eu me levantei e vim ver o que estava acontecendo.

– O que é que estão fazendo?

– Ainda não entendeu? Vamos, temos que voltar antes que descubram nossa falta.

– Use a cabeça, Trace. Descubra sozinho.

O tempo disparou; madrugada, e o general dando as ordens finais.

– A situação está séria pessoal. Descobriram nossa presença e arregimentaram centenas de guerreiros do dia para a noite, homens armados, a elite de seus corpos de luta. Breznev vai levar o primeiro batalhão para...

Trace entraria no quarto ataque. Suas mãos tremiam quando recebeu a pistola de laser; seria um combate praticamente mão a mão, homem contra homem, soldado contra soldado

Gene! Era esse o nome dele, Gene Connors. Seus olhos encontraram os de Trace, e seu rosto estava assustador, completamente branco com uma mancha esverdeada em torno da boca. Trace desviou o olhar.

– Brunce, leve um destacamento pela esquerda, em movimento de pinça.

Trace tomou seu lugar atrás de Brunce, a pistola queimando sua mão e o tremor agora todo dentro dele.

– Lá, homem, um destacamento, protejam-se como puder, atirem em qualquer coisa que se mova... agora. Três alunos para cada oficial. Seguindo atrás de Brunce...

O laser nas duas mãos, atirando, o cheiro de planta, carne e pedra queimada... o cheiro e o som de armas antigas, as armas dos nativos... E uma vez lá estava Gene, encarando Trace de boca aberta, o laser pendendo inútil de sua mão! Você está pescando em águas férteis!

O som de uma bala e Gene caindo, saltando por cima do corpo e correndo, o laser, uma luz mortal a guiá-lo, a empurrá-lo... uma breve visão de Brunce, um revólver na mão.

– Comemoração, bebidas, as drogas que traziam um mundo de fantasia à realidade, medalhas por ação meritória em face do perigo... sua mãe, em seu retorno a Vénus. Você esteve em Tarbo. Você agora é um homem. Devia casar-se e ter um filho...

Corrine... você esteve em Tarbo... Ela sabia. Corrine sabia. Gene tinha sabido... você esteve em Tarbo.

– Tarbo!

Trace sentou-se e gemeu de dor. Tarbo? Não sabia o que queria dizer isso. Tinha sonhado com sua mãe dizendo "Você esteve em Tarbo", mas não sabia o que era isso. Isso não despertava recordação

alguma, apenas palavras sem sentido: “você esteve em Tarbo”. Escutou. O vento tinha parado, a noite estava completamente imóvel. Gemeu de novo. Não tinha reclinado a poltrona e agora estava cheio de dores; seu ombro o martirizava. Quanto sangue tinha perdido? Seus dedos tiveram dificuldade em tirar a roupa e ele trincou os dentes quando a fazenda se descolou do ferimento. Lágrimas rolaram por suas bochechas sem que ele tivesse consciência disso, até que sentiu o sal de uma delas tocar em um arranhão do rosto.

Achou um desinfetante no estojo de primeiros socorros e limpou a ferida o mais que pôde; tinha dez centímetros de comprimento e cinco de largura. O sangue espirrou, e ele colocou depressa um adesivo sobre o ferimento. Seu corpo estava coberto de arranhões e havia outro corte na perna; nem mesmo tinha percebido, até que o viu. Limpou-o e aplicou um curativo. Ao terminar estava caindo de cansaço e febre, e tomou mais comprimidos contra a febre com um gole de água; caiu outra vez sobre a poltrona.

Sentiu o corpo cheio de areia; exausto, levantou-se e limpou a poltrona, mas não sabia se ela estava limpa ou não, e finalmente caiu sobre a outra poltrona, o lugar de Duncan.

Desculpe, Duncan, ele pensou, mas você vai ter que ficar de pé, ou agachar-se, ou ficar na minha poltrona. Está imunda, com sangue e areia... urina não, estou muito seco para isto... devia beber mais água... Como, Duncan? Sim, dói quando eu me mexo. Exatamente como você disse.

– Engraçado, Trace. Não sinto coisa alguma, mas sei que dói como o inferno. Alguma coisa, sabe, como se estivesse mandando a mesma mensagem o tempo todo, sem conseguir penetrar, não em minha cabeça. Mas eu sei como dói. Meu Deus, eu sei como dói.

– Sim, Duncan, eu sei. Fique calmo, está bem? Durma um pouco. Temos que planejar o que vamos fazer. Ele está aqui conosco, Duncan, e sabe que estamos vivos...

– Eu não, Trace, eu não. Esta parte de mim que está livre sente pena do resto...

– Sabe o que quero dizer, Trace?

– Claro. Mas vai dar tudo certo. Eles vão chegar logo e vão arranjar um médico para você. Vai dar tudo certo.

– Já viu uma criança rebentar uma boneca? A cabeça fica sorrindo e os braços são arrancados, e as pernas e o recheio escorrem, mas a cabeça continua sorrindo.

Eu devia ter tomado a droga, pensou Trace, acordando com um pulo, atormentado pela dor que era como uma orquestra em um crescendo, cada vez maior e mais forte. Devia ter tomado uma das cápsulas contra dor. Não teve coragem. Poderia dormir vinte e quatro horas, ou mesmo mais, e então estaria perdido. Não tinha tempo. Concentrou-se em diminuir a dor no ombro, usando métodos auto-hipnóticos, e gradualmente a dor diminuiu e ele dormiu de novo.

Havia tanta coisa a fazer e tão pouco tempo. Tinha que fazer um mapa do terreno para não se perder outra vez. Não tinha percebido como era fácil perder o vale, afundado nas montanhas. O vale era o esconderijo perfeito; talvez o robô nunca o encontrasse. Tinha que racionar a água, usar mais agora que estava ferido e febril, mesmo que isso significasse ficar sem água mais tarde. Passaria as manhãs procurando a cápsula, e as tardes fortificando o vale. Construiria uma fortaleza que o robô não poderia penetrar. Poria um escudo sobre o topo e construiria as paredes de modo que o robô não poderia escalá-las ou olhar por cima delas. Então os outros bombardeariam o monstro usando bombas de fusão de hidrogênio. Iam reduzi-lo aos seus átomos originais e espalhá-los. Poderiam bombardeá-lo de uma distância de mais de quinze, trinta quilômetros, bem fora do alcance do laser, e ele ficaria sem defesa diante deles, um alvo brilhante que não podiam errar, subindo em uma nuvem em forma de cogumelo, carregado pelo vento insano, para ser jogado contra as rochas.

Ele seria recompensado. Buscaria Lar e os dois achariam um lugar onde pudessem viver juntos e nadar todos os dias, e o corpo dela seria nu e suave sob suas mãos, com gotas d'água como joias brilhantes sobre ela. Iam querer que ele continuasse na esquadra, mas ele diria que não, ele queria se aposentar e viver com sua mulher. Em dois anos teria direito a ser instrutor; poderia viver em Vénus e tomar conta da educação dos meninos... Expulsou essa ideia, e murmurou: "Tarbo". Não queria ser instrutor; não queria pensar sobre o treinamento que era dado aos meninos.

Quando os ventos da manhã começaram ele bebeu mais água e caiu de novo sobre a poltrona, sem se importar se o vento esmagasse a

cápsula. Uma torrente de sonhos passava pelos seus olhos fechados, de lugares onde brisas suaves acariciavam seu rosto, onde a água corria livremente, lugares onde eles se vestiam para o frio e a neve. Lugares, sempre lugares, agora, nunca pessoas.

– Não se pensa neles como gente, eles não são gente. Cada planeta tem uma utilidade: minerais abundantes, drogas, localização estratégica... Cada um tem alguma coisa que faz necessário que nós o tenhamos. Entende?

– Sim senhor, Capitão Tracy.

– Não se pode detestar uma terra, um planeta, e isto é tudo o que queremos. Não queremos o povo, os nativos. Eles são um acidente em nossos propósitos. Nós tentamos fazer com que cooperem. Quando conseguimos isto, não há problemas. Alguns deles se recusam a cooperar. São como animais que têm que ser ensinados, e às vezes as lições são duras para nós, tanto quanto para eles. Mas não detestamos os animais que treinamos, somos bons para eles depois que passa o período de treinamento. Só se detestam os iguais! Nunca os inferiores. Entendeu?

– Sim senhor, Capitão Tracy.

As naves dos Exteriores tinham vindo em ondas, como as ondas do mar de uma praia infindável. Os céus tinham se enchido com as enormes naves douradas. Podia-se detestar os Exteriores. Podia-se odiar suas naves maravilhosas, que eram maiores e mais bonitas que as do Grupo Mundial. Podia-se odiá-los por seus corpos altos e eretos, seus cabelos dourados e seus brilhantes olhos verdes e azuis, pelos cabelos vermelhos e olhos castanhos, pela beleza que havia em todos eles, até os ruivos mais escuros. Podia-se odiá-los por serem o que você poderia se tornar.

Trace ouviu um gemido escapar de seus lábios e mexeu-se outra vez. A cápsula estava sufocante; ele tinha esquecido de ligar o ar-condicionado quando movera a cápsula na véspera. Pensava nos Exteriores quando se levantou para beber água.

Tinham dominado tudo o que atormentava o homem; não tinham doenças nem morte. Era como se eles estivessem perto do topo da escada, enquanto o homem estava só então começando a suspeitar que a escada da evolução continuava bem depois do ponto que os terráqueos tinham alcançado. Mesmo assim, os Exteriores estavam

dispostos a arriscar tudo o que tinham conseguido, dispostos a enfrentar uma guerra com as poderosas forças do Grupo Mundial, não para benefício próprio, pelo que Trace conseguira saber, mas simplesmente porque tinham prometido vir em socorro do povo de Mellic se isso lhes fosse pedido.

Ele não acreditava nisso. Eles ganhariam qualquer coisa; ninguém arriscava algo seu sem o propósito de ganho. Ficou imaginando o que teria acontecido nas conferências desde que ele tinha deixado Mellic em perseguição ao robô. Esperava que a guerra ainda não tivesse sido declarada, não até que ele pudesse voltar e tirar Lar de Mellic. Esse seria o primeiro lugar que a esquadra atacaria, ele sabia, e eles atacariam com todo o poder de que dispunham bombas de fusão, lasers, e provavelmente com a arma mais moderna inventada pelo homem: o Inacred, o aparelho que causava reações atmosféricas em cadeia. Essa arma só tinha sido usada uma vez, como teste e demonstração, e tinha funcionado lindamente. O governo do Grupo Mundial não hesitaria em usá-lo contra um planeta que tinha requisitado poderes tão grandes ou maiores que os dele. Mellic morreria.

Mas a conferência levaria anos, mesmo décadas, antes que isso acontecesse. O governo do Grupo Mundial sabia como prolongar conferências que não lhe eram favoráveis. Trace separou sua ração de água e molhou os lábios, e então, com as mãos trêmulas, virou o copo e esvaziou-o. Tinha que beber mais; sua língua estava grossa, seus lábios cada vez mais rachados. Os comprimidos contra a febre estavam ajudando, mas de qualquer maneira ele estava desidratado. Verteu no copo outra ração e sentou-se no chão com ele, dessa vez bebendo devagar, fazendo cada gole durar muito tempo antes que o engolissem. Deveria comer, e sabia que não conseguiria, não por enquanto. Nunca tinha sentido tanta dor em sua vida, todos os músculos em fogo, a pele inflamada, esfolada pela areia; os olhos ardiavam como se estivessem cheios de pó e seu corpo todo estava coberto de sujeira, suor e areia.

Tinha que levantar-se e sair, tinha que encontrar a cápsula, tinha que fortificar o vale. Mas não conseguia mover-se. Terminou a água e lambeu as gotas no copo de plástico. Descansaria um pouco e então sairia. Primeiro tinha que descansar. Cheio de dor, encostou-se na

unidade de armazenamento, o metal frio contra seu rosto quente, e deixou seus olhos se fecharem.

ONZE

MAIS TARDE, OS GUINCHOS DO VENTO ACORDARAM-NO, MAS NÃO HAVIA compreensão em seu rosto, nem consciência em seus olhos, e ele simplesmente içou-se para a poltrona e desabou sobre ela. Mais tarde ainda, quando tudo estava quieto de novo, ele se levantou e bebeu, parcimoniosamente, lembrando-se de que tinha que economizar a água, sem se perguntar por quê. Dormiu durante toda a tempestade da manhã.

Acordou com fome. Por muito tempo o pensamento de um dia perdido o amolou, mas ele o expulsou. Tinha tido necessidade do descanso, mais do que de qualquer outra coisa. Seu corpo ainda doía, mas sem a intensidade da véspera, e ele agora podia usar o braço ferido. Uma descoloração cobria todo o ombro, mas o arranhão estava cicatrizando, assim como os diversos cortes e arranhões que pareciam cobrir todo o seu corpo. Ele era um animal sadio; seu corpo tinha tido necessidade de tempo e agora ele estava quase tão bem quanto normalmente. Não havia mais febre. O cansaço provavelmente traria a febre de volta; seria até pior na próxima vez, mas ele tinha alguns dias de trégua, alguns dias para fazer as coisas que tinha que fazer.

Comeu uma bisnaga de mistura de frutas e depois um preparado cheio de proteínas rotulado de "Carne". Tinha um gosto amarelo e uma tendência para entupir sua garganta, mas deixou-o mais forte, pronto para começar o trabalho do dia. Ainda estava muito quente para sair; não importava, havia coisas a fazer dentro da cápsula consertar sua roupa, fazer um mapa para que ele não se perdesse de novo e tivesse que enfrentar a tempestade. Tinha que ligar o sistema de alarme, no caso de o robô aparecer antes que ele esperasse. Levou um susto

quando percebeu que dois dos seis dias haviam passado. Podia contar com mais três dias e com o robô no quarto dia. Tinha menos de um litro de água.

Podia partir assim que o vento sumisse na manhã seguinte, encontrar um lugar de sombra qualquer para ficar nas três horas de sol forte e recomeçar sua busca quando as sombras começassem a se formar. Analisou o plano e aceitou-o relutantemente. Não gostava de se afastar da cápsula. E se a febre voltasse? E se o robô chegasse enquanto ele estava fora? Sabia que estava procurando desculpas e forçou-se a parar. Caminharia por três horas, descansaria mais três na sombra, procuraria mais um pouco e voltaria ao vale antes do vento da tarde. Decidido isso, resolveu que não sairia do vale até a manhã seguinte; guardaria essa tarde para explorá-lo, examinar as diversas entradas e verificar se seria possível obstruí-las. Se fossem todas tão disfarçadas quanto a chaminé onde estava a cápsula, não teria com que se preocupar; o robô não poderia chegar a ele diretamente, mas teria que destruir as paredes de rocha.

De repente, xingou-se de idiota. Podia levar a cápsula para a busca e cobrir a área toda em um só dia, usando o detector de radiação. A excitação transbordou dentro dele. Encontraria a outra cápsula no dia seguinte! Não podia deixar de achá-la em uma área tão limitada. Depois que tivesse o rastro de radiação para seguir, ele o levaria diretamente para o lugar onde o escudo escondia a outra embarcação. Então teria combustível, água, oxigênio.

Abasteceria sua cápsula, tiraria a água e o oxigênio e destruiria a outra cápsula. Riu, aliviado, diante da simplicidade e infalibilidade de seu plano. Primeiro um mapa, depois ele sairia, começaria a caçada naquela tarde, talvez até completasse a busca antes da noite.

A câmara automática tinha estado ligada quando ele voou sobre o vale procurando o lugar onde tinha visto o robô pela primeira vez; pegou as fotografias e espalhou-as, juntando-as umas às outras para fazer um quadro completo de uma área de quarenta quilômetros quadrados. Se ao menos tivesse feito isso ao aterrissar... na ocasião não achou que fosse necessário; sabia que a nave de socorro mapearia todo o planeta como procedimento de rotina. Estudou a área que tinha que cobrir, colocou sobre ela o copiador e esperou que a fotografia composta ficasse pronta. Se ao menos tivesse trazido armas...

– A análise mostra a ausência de água e de qualquer forma de vida.
– Está bem, tire as armas e coloque no lugar os cantis das outras cápsulas, assim ficaremos confortáveis lá embaixo.

– Certo, Trace... esta aqui foi atingida, não tem água... três cantis extras, foi o que achei.

A nave estremeceu violentamente e Trace apertou o interruptor que desligava completamente os motores. Só havia as luzes da cápsula; a nave de patrulha parecia fantasmagórica na luz pálida que vinha da pequena embarcação.

– Vamos embora.

– Sim, Trace. Está na hora...

– Olhe, Dunc! Lá vai ela! A cápsula do robô!

Uma estrela-cadente, um rastro de fogo, caindo sem controle em direção ao planeta.

– Ótimo. Teremos muito tempo para procurar os destroços. Vamos.

Trace sacudiu-se para expulsar as vozes e a recordação vívida. A fotografia estava pronta. Marcou sua posição no centro dela e começou a fazer linhas, seu método de busca. Quando terminou, grunhiu de satisfação; cobriria toda a área em duas viagens, uma naquela tarde, outra na manhã seguinte. No dia seguinte ao meio-dia já teria a outra cápsula, ou pelo menos saberia onde encontrá-la. Haveria o problema do escudo, mas pensaria nisso depois de localizá-la.

Pensou nos números; a quantidade de combustível necessária para viajar perto da superfície do planeta, comparada à volta à órbita, era de três para um, isto é, o combustível que o levaria de volta à nave em órbita por 406 quilômetros o levaria, no planeta, por 1.200 quilômetros. Dessa distância ele já tinha percorrido 698 quilômetros, na verdade um pouco mais que isso. Só tinha combustível para voar uns 480 quilômetros. Havia um total de 400 quilômetros a serem cobertos. Com um pouco de sorte, podia esperar pegar o rastro de radiação logo, antes de se afastar muito do centro, mas podia ser que não. Depois, de achar o rastro, havia o combustível a ser usado seguindo-o até a outra cápsula, mais uns quinze quilômetros...

Tirou a cápsula da chaminé; o sol ainda estava alto e havia poucas sombras no chão só um escurecimento em um lado dos rochedos, com bases que pareciam ligeiramente fora de proporção com o resto das massas de rocha. Subiu seis metros acima do ponto mais alto dos

rochedos e partiu para o norte para começar a primeira etapa, a dois quilômetros de seu esconderijo. Quanto menor sua velocidade, menor a eficiência dos motores, mas isso não tinha remédio; tinha que viajar devagar para estudar o terreno abaixo dele.

Seus detectores registravam a radiação de uma distância de seis quilômetros e meio, mas isso se tornou sem sentido à medida que ele observava o terreno. As rochas aqui eram maciças, com estreitos corredores entre elas que se retorciam em ângulos agudos, abrindo-se de vez em quando em uma espécie de caminho de quase quinze metros, estreitando-se outra vez para mais ou menos um metro. Os picos interromperiam a trilha de radiação. De seu ponto de observação ele podia ver como seu vale era escondido; e podia ver também que só havia duas entradas para ele, com uma terceira que tinha sido obstruída pelas rochas. O vale poderia ser facilmente fortificado, se ele não conseguisse encontrar a outra cápsula.

Terminou o primeiro turno de dois quilômetros e meio e começou o seguinte, o solo imutável, com penhascos, picos, obeliscos, todos iguais, as mesmas massas de rochas quebradas e rachadas. Havia o começo de um platô, limpo pelo vento, com caminhos em forma de escada que levavam a ele. Diminuiu a velocidade para estudá-lo cuidadosamente, sabendo que seu combustível se consumia mais rápido cada vez que ele desacelerava. O platô era de granito, e não do basalto negro que ele procurava. Continuou aumentando a velocidade. Terminou a segunda volta em volta do vale. O detector continuava em silêncio.

O calor aumentava na cápsula. Dentro de sua roupa ele transpirava profusamente e começava a ter uma estranha ilusão de ótica: a terra parecia curvar-se em picos recortados, e de repente o solo se modificava e apareciam crateras profundas, com declives negros que levavam a seus fundos. O efeito era estonteante, e por dez ou quinze minutos ele manteve os olhos nos controles, confiando somente no detector de radiação. Ficou contente ao ver o platô, quando passou de novo por ele, como teria acontecido com uma paisagem familiar em Vénus, ou mesmo na Terra, que ele não via desde o seu vigésimo aniversário. O platô parecia estender-se por quilômetros, plano e liso. A terceira volta tinha sido feita. As sombras agora eram mais pronunciadas, agudas e cruéis como as rochas que as lançavam, e cada

vez que cruzava o norte e o sul, o sol batia diretamente sobre a cápsula, obrigando-o a fechar as escotilhas e depender inteiramente de sua tela. Observar a terra selvagem por sua tela parecia afastá-la mais ainda da realidade e tornar mais fácil que ele sucumbisse ao terreno em transformação que subia em picos e se afundava em crateras.

Tinha coberto menos de seis quilômetros da volta seguinte quando o alarma soou, levando-o a um estado de excitação e medo. Silenciou quase imediatamente e voltou desesperadamente ao lugar onde tinha encontrado a trilha. Acertou os controles para segui-la, voando o mais baixo que podia, por entre os picos, em volta do platô por quase dois quilômetros, e depois sobre ele, ziguezagueando para frente e para trás, desviando apenas quando encontrava uma formação rochosa inclinada demais para o robô. De repente havia duas linhas na tela, a trilha cruzada por uma outra; o robô havia cruzado seu próprio caminho. Hesitou momentaneamente, então decidiu seguir a primeira trilha. Foi para a borda do círculo de dezesseis quilômetros que tinha desenhado, continuou por mais cinco quilômetros e voltou, refazendo a trilha até o ponto de cruzamento. Sua cápsula estava marcando a rota, o rastro de radiação. Se tivesse que interromper naquele dia, haveria o dia seguinte; poderia começar exatamente onde tinha parado. Seguiu a segunda trilha por dez quilômetros e meio, indo até o círculo exterior e voltando para segui-la na outra direção. As sombras cresciam depressa, e ele calculou que só tinha mais meia hora antes de ser forçado a retornar ao vale. A trilha estava cruzada várias vezes, e ele lutou contra a onda de dúvidas que o assaltou.

Se o terreno continuasse tão entrecortado de trilhas, seria impossível seguir qualquer delas... Ele teria que voltar e fazer o caminho a pé, tateando com as mãos para descobrir a cápsula invisível. Finalmente viu que tinha que voltar. Em alguns minutos o vento ia começar a soprar; as sombras eram listras negras sobre a terra e os espaços brancos estavam cinzentos. Não queria estar fora quando os espaços brancos sumissem e as sombras negras tomassem conta de toda a terra. Eram apenas quatorze quilômetros até o vale, em linha reta. O vento era um ruído distante quando ele circulou sobre o vale e desceu devagar, penetrando na segurança da chaminé.

Estava rígido pela tensão quando desligou os motores. Só conseguiu relaxar com grande esforço. Ter chegado tão perto de achar a

cápsula e ter falhado! Examinou o consumo de combustível: havia voado um total de cento e quatorze quilômetros; havia combustível para aproximadamente a mesma distância antes que o nível se tornasse perigosamente baixo, baixo demais para deixar o vale.

Tirou a roupa ensopada e enxugou totalmente o corpo com um pedaço de pano que a princípio era frio contra sua pele, mas logo se tornou quente e pegajoso de suor. Estava ficando sem lenços. Meu Deus, como cheirava mal! Jogou o lenço no lixo e tentou não pensar em toda a água que tinha usado com Duncan. Pensou com nostalgia em um chuveiro frio, ou um banho espumante. Quando terminou de tentar se limpar, pouca coisa havia a fazer. As dores tinham voltado, tanto nos músculos quanto nos arranhões e feridas, onde as pedras e a areia tinham cortado sua pele. A cabeça doía do esforço de observar o terreno acidentado. Olhou o mapa aéreo que tinha feito, cortado pelas trilhas radioativas; colocou-o de lado. Não conseguia diminuir a sensação de movimento que o mapa lhe tinha dado. Sentou-se de novo na beira da poltrona e colocou a cabeça entre as mãos. Se ao menos houvesse algo que ele pudesse ficar fazendo...

A espera era pior que a atividade física, pior que desafiar os tufões, pior que caminhar sob o céu incendiado. Por que não foram treinados em solidão? Por que cada homem era tão cuidadosamente impedido de ficar sozinho desde que chegava a Vênus até a hora de sua morte? Sempre aos pares, ou em grupos, esquadrões ou batalhões, nunca sós. Devia ter tido horas solitárias quando era criança. Não se lembrava. Havia o apartamento, um dos quatrocentos do conjunto, com uma creche gigante que abrigava setecentas crianças de dois a quatro anos, e depois disso veio a escola, e o dormitório à noite, e as áreas de recreação cheias de crianças, cheias de vida, como uma gota de água de um lago sob o microscópio. Depois Vênus, e outro dormitório.... nunca sozinho. Ouvia o ruído do vento como algo muito longe dele e quase desejou ter deixado a cápsula ao ar livre. Dentro da chaminé até o vento o deixava em paz.

Devia comer de novo. Depois podia escrever cartas, ou atualizar o diário de bordo, ou estudar os mapas e fazer planos. Com um susto examinou o diário; tinha esquecido dele por vários dias. Levaria horas para atualizá-lo. Sentiu-se contente quando começou a folheá-lo. Abriu no dia seguinte à morte e ao enterro de Duncan e o começo de seu

solitário jogo de esconder. Estremeceu ao pensar no raio brincando na cova rasa e depois correndo pelo chão atrás dele. Há quanto tempo tinha sido isso? Não se lembrava. Tentou contar os dias, mas eles se apagavam e se misturavam. Mais tarde, depois que comesse, trabalharia no diário. Mais tarde conseguiria lembrar-se do que tinha acontecido em cada dia. Aquele dia em que ele tinha saído para o deserto, tentando atrair o monstro para lá, esperando que ele afundasse ou que seu mecanismo se estragasse... E o dia em que ele tinha caminhado até a beira do deserto e o robô o tinha encontrado, e outra vez o raio avermelhou e derreteu as rochas. Não conseguia lembrar-se se esse dia tinha sido antes ou depois do dia em que tinha saído com a cápsula, aterrissando na areia e sendo soterrado à noite, quando os ventos sopraram. O robô não o tinha seguido.

Quando voltou para o abrigo das montanhas ele estava lá, esperando. Por que é que não tinha saído atrás dele? Trace mordeu os nós dos dedos. Por que tinha atrasado tanto o diário? Se o robô viesse agora e misturasse o rastro novo com os antigos, ele não poderia contar com o detector para notar a diferença. O monstro poderia chegar desapercibido e pegá-lo despreparado, e então o raio correria pelo chão, derretendo, tudo o que tocasse, procurando, sempre procurando por ele. Por que o robô simplesmente não consertava sua cápsula e ia embora dali? Podia deixá-lo sozinho, ele não representava mais uma ameaça. Ele era apenas um homem doente e fraco que não podia ameaçar pessoa ou coisa alguma.

– Por que vocês têm que declarar guerra e exigir o controle de todos os planetas? Por que vocês simplesmente não comerciam o que querem e precisam? Por que têm que queimar, destruir e matar primeiro?

Lar não podia entender. Ele sorriu para ela sem saber o que dizer. Encontrou-a sentada à margem do rio, um livro no colo, os olhos meio fechados enquanto olhava para os desenhos da luz nas ondulações da água onde o rio rodeava um banco de areia. Tentou explicar, mas ela o interrompeu.

– Você nem sabe por que, não é? Disseram a você que assim é que tinha que ser e você aceitou sem perguntar por quê. Que espécie de ameaça era Mellic para vocês? Há cinco mil anos não havia guerra em Mellic; nós tínhamos esquecido como era. A ideia de matar outro ser

nos enoja. Como é que ameaçávamos você e seu povo? Vocês podiam ter adquirido a terra de que precisavam para uma base, para expandir suas explorações espaciais. Não precisavam conquistar todo o planeta e causar sua ruína como fizeram. Você não entende por que são odiados em todos os lugares? Realmente não entende?

– Jogamos tudo no crescimento contínuo.

– Vocês se recusam a refrear qualquer de seus apetites. Não é isto! Um organismo precisa crescer, ou morre.

– Vocês consumiram seu planeta de origem, e agora se espalham pela galáxia como uma doença.

– Não odiamos os povos que descobrimos. Tentamos viver pacificamente com eles.

– Vocês não os odeiam porque aprenderam que eles não são gente. Como alguém pode odiar animais inofensivos ou pássaros pacíficos? Por que você não se permite o luxo de pensar? Você devia tirar uma semana, partir para o bosque, ou subir uma montanha, e não fazer coisa alguma a não ser pensar. Alguma vez deixaram você s

ozinho o tempo suficiente para pensar? Olhe para mim! Eu sou uma pessoa! Exatamente como você é uma pessoa. Não sou simplesmente uma barreira para seus sonhos de expansão. Sou um ser humano que sangra e que sente dor. Fico acordada à noite e me lembro da paz como ela era – meus irmãos, meu pai, todos vivos e felizes, agora mortos, queimados, como se nunca tivessem existido. Eles ameaçavam vocês? Meu pai fabricava loiares, parecidos com os seus violinos, para fazer música, para libertar a mente de seus problemas terrenos e fazer com que ela se aproxime de Deus... meus irmãos, um poeta e um cirurgião, ameaças aos seus planos de expansão eterna? Você pode olhar para mim e dizer honestamente que acredita que eu sou menos que humana?

– Lar, eu sinto muito...

Não! Não diga isto! Você não pode sentir, até que tenha sofrido como nós sofremos. Não até que você tenha se sentido só como nós nos sentimos, só e sem ajuda. Não até que você possa saber que as aldeias que vocês desintegraram com seus raios continham gente, seres humanos reais que morreram com medo e dor... e sós.

– Pare! Pare! Não vou escutar você!

Trace gritava, sentando-se reto de um pulo, olhando em volta na minúscula cápsula, como se esperasse encontrar outras pessoas. Suas mãos tremiam quando tocaram os olhos. Ele a tinha visto! Tinha sentido a brisa do rio, sentido o estranho cheiro do musgo, das plantas com seu odor doce e pungente, das flores azuis e roxas que se inclinavam para a água. Ele tinha sentido ao lado dela uma impaciência que não conseguia disfarçar, ouvindo-a desfiar lugares-comuns baseados em sua ignorância sobre as realidades da galáxia. Tinha sido real! Algo tinha acontecido com o próprio tempo, levando-o de volta para lá, fazendo-o viver tudo aquilo de novo.

Apertou a cabeça entre as mãos, contente com a dor que isso causava. Um sonho. Ele tinha cochilado, sonhado. Escutou o vento, enfraquecendo agora e percebeu que tinha que comer. A ideia das bisnagas o desgostava, mas ele precisava da força que só elas podiam dar-lhe. Então ele examinaria os mapas e faria planos para a manhã seguinte e depois dormiria. Talvez tudo terminasse na manhã seguinte. Ele encontraria a outra cápsula, arranjará um jeito de atravessar o escudo e tiraria a água e o combustível, explodiria a cápsula e partiria para a nave em órbita, fora do alcance do monstro assassino que se aproximava sem piedade. Estremeceu ao pensar no robô lá fora no vento, nunca parando, mantendo-se firme em seu rastro, não importava os truques que o homem utilizasse para dificultá-lo.

Uma caixa de lógica, Trace, só isto: uma caixa de lógica. Ele não consegue pensar em coisa alguma nova ou original, não pode sentir coisa alguma, tem que fazer o que lhe mandaram, da maneira que lhe ensinaram. Alguém ensinou-lhe a matar. Isto é tudo o que ele sabe; matar.

Quem, pensou Trace, teria sido seu professor depois que ele deixou Vénus e toda aquela carnificina? Quem lhe dera o escudo de invisibilidade e, em nome de Deus, por quê? Especialmente, por quê? Será que a pessoa não percebeu o que estava fazendo ao dar-lhe aquilo? Tinha sido tão cego, tão determinado a tentar que nem mesmo pensou no que estava fazendo? Será que alguém propositalmente tinha feito o robô invencível e depois o tinha soltado para matar qualquer pessoa ou qualquer coisa que cruzasse seu caminho? Quem tinha detestado tanto a humanidade, para fazer uma coisa dessas?

DOZE

O TEMPO NÃO EXISTIA. HAVIA APENAS O AGORA E TUDO O MAIS ERAM informações a serem examinadas indiscriminadamente, sem referências temporais, sem antes e depois. Não havia futuro para ser considerado, antegozado ou temido. Não havia futuro. Só o presente infinito. Ele não ia a lugar algum, fazer coisa alguma. Não tinha outra meta senão manter-se vivo. Não tinha necessidade de alimento, calor, proteção contra a radiação. Tinha jogado tudo isso fora da nave da esquadra, que estava ainda acelerando a velocidade máxima para longe de Vênus e do Sistema Solar. Atrás dele, no espaço, um rastro de coisas desnecessárias marcava seu caminho; poltronas, leitos, roupas comuns e pressurizadas, alimento, tudo o que pudesse ser jogado fora.

"A própria sobrevivência pode depender da sua habilidade em desmontar qualquer parte da nave e montá-la de novo." Uma informação ouvida e gravada de uma perfuradeira a muitos quilômetros do laboratório. Sobrevivência significava entender a nave, poder desmanchá-la e reconstruí-la. Começou a desmontá-la, primeiro o painel de controle, estudando os fios, acompanhando os circuitos, decifrando informações em código. Reconstruiu o painel de controle e passou para o computador. Aprendeu a alimentá-lo com perguntas e avaliou a capacidade da máquina em respondê-las. Depois passou para a nave em si, as paredes, o assoalho, a mobília.

O tempo não existia. Havia tempo sem fim. Havia tempo bastante para examinar a nave, polegada por polegada, e entender cada parte, desmontá-la e montá-la outra vez. Depois disso repassou de novo seu banco de memória. "Você tem que aprender a entrar no vácuo

imediatamente, sem aviso. Nada pode tocá-lo no vácuo. Pode ser a diferença entre um tiro no alvo e um tiro perdido."

Sobrevivência era aprender mais sobre o vácuo. Voltou ao computador e alimentou-o com mais perguntas e aprendeu sobre o vácuo. Alimentou a informação de volta ao computador, traçou um curso e entrou no vácuo. Não importava onde emergisse, pois não tinha aonde ir. Entrou de novo, e de novo, aprendendo tudo sobre o assunto.

A nave tornou-se perigosamente radioativa; um ser humano morreria quase que imediatamente. O robô não se importava; a radiação não lhe fazia mal. Aprendeu sobre o movimento atômico que descontaminava a nave tanto quanto a nave pudesse ser descontaminada.

Com o fim de cada lição captada em Vénus e gravada fielmente, ele aprendeu mais sobre a nave e como operá-la. Havia lacunas em sua educação, aulas que tinham sido dadas fora de seu alcance de escuta. Não sabia coisa alguma sobre reabastecimento nem sobre o escudo que podia envolver a nave, absorver energia ou refleti-la em ângulo reto. Ele encontrou referências sobre esses e outros assuntos sobre os quais nada sabia e achou-as incompreensíveis; só podia fazer deduções partindo de fatos que lhe foram dados, e havia informações que ele não tinha adquirido. Encontrou o computador de traduções, e isso estava dentro de sua capacidade.

Era uma rede de comunicações automodificável. Aprendeu a intrincada teia de referências e contrareferências, e transferiu tudo para si, modificando um circuito inteiro para traduzir informações da linguagem falada para o código digital binário. Com a nova compreensão da linguagem, passou de novo em revista suas unidades de armazenamento, tanto a eletrônica quanto a química, e tudo o que tinha sido dito dentro do alcance de seus receptores auditivos tornou-se claro. Mas ainda não havia ordem primária a executar; não podia iniciar qualquer ação que não fosse necessária para continuar sua função. Passou por sistemas planetários, e continuou em frente.

Só depois que tempo bastante tivesse passado para que seu combustível estivesse quase no fim ele pensou em aterrissar. Um exame de suas informações mostrou que uma nave é inútil sem combustível, que estar no espaço sem combustível é morrer. Não podia permitir sua destruição. Tinha que aterrissar em um planeta. Seu terceiro jogo de

tentáculos, com as extremidades flexíveis como dedos, tocaram levemente o painel do computador, dançando sobre as teclas, alimentando-o com informações referentes a coordenadas temporais e espaciais e velocidade, e o computador respondeu com uma localização, tomando o controle da nave para levá-la ao planeta Tensor. A aterrissagem seria feita em três semanas da Terra.

O robô não se moveu por minutos, ou dias, ou a eternidade que demorou a aterrissagem. Para ele não havia intervalo entre os acontecimentos; o próximo acontecimento de que teve consciência foi a aterrissagem.

Em Tensor, em uma caverna no meio de um monte coberto de vegetação, o bando rebelde chefiado por Trol Hanestol observava a aterrissagem com fisionomias preocupadas.

– Por que ele não está atirando em nós? – Perguntou um deles, um jovem com barba rala, usando shorts de couro.

Seus pés estavam cobertos pelo mesmo couro manchado de escuro, que se enrolava por suas pernas até os joelhos. Estava nu acima da cintura, seu tronco forte e já peludo.

Um dos mais velhos mandou-o calar-se e ficaram em silêncio enquanto acompanhavam a descida. A nave desceu a vinte e quatro quilômetros deles, na beira de uma planície que terminava em um bosque denso. Momentos mais tarde o rádio estalou e o operador sintonizou-o. O observador, na parte mais baixa do bosque, estava fazendo seu relatório.

– Ninguém saiu ainda disse a voz metálica. – Estão mantendo o rádio em silêncio durante a descida. Aterrissagem normal.

Trol fez sinal ao operador para que acusasse o recebimento da mensagem e entrou para os recessos da caverna, onde seu Conselho estava esperando por sua decisão a respeito da estranha nave e do ataque planejado ao posto do Grupo Mundial no extremo oposto da planície, mais de cento e cinquenta quilômetros a oeste.

Trol era um homem imenso, de tórax maciço e muito musculoso, como a maioria de seu povo, com cachos de cabelos encaracolados caindo sobre seu rosto como espigas douradas de milho. Seu corpo era coberto de pelo dourado e ele tinha uma barba enorme e luxuriante. Do fundo da floresta de cabelos dourados seus olhos brilhavam, azuis-escuros. Ele também usava a vestimenta toda em couro castanho.

Quando entrou na sala do Conselho, no fundo da caverna, os outros membros levantaram-se para saudá-lo com olhares inquiridores.

Pousou.

Fez sinal para que sentassem. Havia cinquenta e sete homens na sala. Ele tomou seu lugar na cabeceira de uma mesa onde já estavam sentados seis homens. Os outros estavam agachados ou sentados no chão. A sala estava muito quente. Era um recesso natural da caverna, que nos últimos dois anos estava sendo aumentada pelos rebeldes, que escolheram o lugar para seu quartel-general. No teto alto, vinte metros acima deles, um jardim de cristais brilhava como em um conto de fadas, helictitas curvavam-se graciosamente, e no extremo oposto do aposento via-se uma cortina de pedra rosada finíssima, como um debrum de pergaminho de não mais que cinco centímetros, transparente, de modo que a luz que a atravessava era rosa-dourada. As paredes da caverna tinham sido cavadas em dois lados para aumentar o recesso, mas os outros dois lados ainda estavam cobertos de formações de flores rochosas que refletiam as luzes trêmulas como prismas. A sala era iluminada por lamparinas que queimavam uma substância orgânica gordurosa. As chamas eram firmes, exceto um tremor ocasional, e eram brancas, com auréolas azuis.

– Nossos observadores vão nos manter informados sobre a nave – disse Trol, em voz baixa, mas ouvida em toda a sala. – Se, como suspeitamos, é uma nave da esquadra avariada, pode ser que não haja pessoas vivas dentro dela, e então nós simplesmente a tomaremos para nós. Se houver sobreviventes, temos que capturá-los para interrogatório. Parece difícil que haja. Se fossem nos atacar, haveria veículos terrestres ou aéreos. Aquela nave é feita para viagens espaciais. Não a usariam em um ataque no solo.

Fez uma pausa, mas ainda não havia perguntas.

– Que o debate continue, então – ele disse, sentando-se. Olhou para o orador que tinha sido interrompido pela chegada da nave. Fedo el Arm estava defendendo a teoria de que os rebeldes deveriam esperar os Exteriores e pedir-lhes ajuda em sua luta contra os exércitos do Grupo Mundial. Não era uma posição popular, mas talvez fosse sábia. O rosto de Trol nada mostrava enquanto ele escutava o orador, mas ouvia apenas uma fração das palavras que soavam na caverna, ecoando nas paredes de pedra com força e emoção. A decisão seria dele; todos

sabiam disso. Uma vez decidido ninguém o questionaria. Olhou para os outros seis homens na mesa comprida, seus conselheiros pessoais, cada um deles mostrando uma fisionomia tão impassível quanto a sua, cada um deles cheio das mesmas dúvidas.

Por um momento, escutou Fedo.

– ... a não ser que provocados. Não é fácil, é claro, ou confortável, ver esses soldados marchando em nossas ruas, tomando nossas mulheres, nossos bens materiais, mas a alternativa é uma carnificina em todo o planeta...

Trol levou de novo o pensamento para dentro de si. Tinha sido carnificina no começo, quando as forças do Grupo Mundial apareceram e exigiram uma área de terra. Os cientistas de Tensor tinham ficado satisfeitiíssimos; os políticos, prudentes. Desta vez os políticos estavam certos. A exigência de terras foi satisfeita; o povo do Grupo Mundial pediu privilégios fiscais e comerciais, e finalmente a deportação dos professores, cientistas, líderes em todos os campos, e o direito de estabelecer escolas do Grupo Mundial. A guerra surgiu, rápida, mas sangrenta, e a paz que se seguiu não era uma paz verdadeira, mas uma trégua durante a qual os rebeldes se agruparam nas montanhas, fortificando-se contra os relatórios de represálias.

Elt al Trin levantou-se para falar:

– Quero lembrar-lhes, senhores, da parábola do astris e do lantric. O lantric, em seus passeios, veio parar no vale onde os astris viviam em paz desde tempos imemoriais. Destruiu seus ninhos, matando uma grande quantidade deles, e os astris se reuniram em conferência. "O que devemos fazer?" Perguntaram. "Vejam como o lantric é forte. Não podemos vencer um inimigo tão poderoso. Vamos sair do vale, até que ele se canse e vá embora." Enquanto ele falava, o lantric pisou sobre o lugar onde guardavam seus filhotes e matou milhares deles, e depois destruiu as passagens que levavam às partes comuns, de modo que outros milhares de astris ficaram presos e morreram sufocados. Um dos astris levantou-se e gritou: "Vamos atacar todos juntos este lantric. Nós somos milhões contra ele. Isso será nossa única arma, nosso vasto número". Assim, ao alvorecer atacaram o lantric, cegando-o com seus corpos, mordendo sua pele dura com suas pinças, comendo sua carne, e à tarde o lantric jazia morto entre eles.

Elt al Trin parou de falar, e levantou um recipiente transparente contendo três astris do tamanho de moscas. Um murmúrio percorreu a sala. Ele colocou o recipiente na mesa à sua frente.

– Eu digo aos senhores, nossa única arma também é nosso grande número. Hoje somos quarenta mil guerreiros e nosso inimigo tem dez mil homens em Tensor. Amanhã terão centenas de milhares, e então será hora de esperar a intervenção dos Exteriores.

Ouviu-se o ruído de línguas que estalavam contra dentes e ele levantou a mão, pedindo silêncio.

– Nós nem temos certeza de que os Exteriores existem mesmo! Qual a evidência que temos de sua existência? As palavras de um moribundo, um prisioneiro de Mellic que viveu no compartimento de bagagens de uma nave durante três semanas, sendo queimado pela radiação. Quem pode dizer quanto de sua história é produto da doença? Qual será a força dos poderes do Grupo Mundial em nosso planeta quando essa raça mitológica aparecer para ajudar um povo do qual nunca ouviu falar? Não seria melhor, então, que voltássemos aos deuses antropológicos de nossos pais e pedíssemos sua ajuda? Será que eles não nos dariam a mesma ajuda?

Fedo esperou até que houvesse de novo silêncio no aposento antes de lançar seu argumento final:

– Amigos, o que são os números contra a chuva? Os números sozinhos podem fazer voltar o fogo, os gases, as bombas? Os números podem resistir aos raios mortais que dissolvem e transformam em ar os alvos que buscam? Conhecemos os acampamentos onde os soldados vivem, as áreas que limpam à sua volta. Conhecemos os raios que podem usar para destruir qualquer coisa que se mova dentro dessas áreas, as nuvens de gás que trazem a morte ainda mais rapidamente. Como podemos vencê-los, se não podemos chegar perto deles? Os que vão às cidades? Sim, podemos matá-los, um punhado deles, o que despertará a ira de todo o resto. O que acontecerá? Eu lhes digo... destruição. Destruição total e completa.

– Não sabemos se a qualquer momento eles vão nos destruir.

– Mas sabemos que até agora não fizeram isto!

– Estão esperando reforços! Nós interceptamos sua mensagem. Um mês. É tudo o que temos! Um mês!

Trol levantou a mão para encerrar o debate. Cada lado tinha tido suas três horas; tudo o que pudesse alterar a situação já tinha sido dito. Agora a decisão seria sua e de seu Conselho, mas principalmente sua. Inclinou a cabeça em direção à sala e os outros membros levantaram-se pesadamente e começaram a deixar o aposento. Trol recebeu uma mensagem, que leu. Levantou a mão, pedindo atenção.

– Um robô de metal saiu da nave que pousou – disse. – A nave está radioativa e não se pode chegar perto. O robô está menos radioativo. Não tomou qualquer iniciativa em relação aos observadores, embora tenham certeza de que estão dentro de seu alcance. Esperam instruções.

– Vou imediatamente gritou Luo um Die, levantando-se – e Das, e Lewi...

Trol concordou.

– Peça-lhe, Luo, para tomar conta do assunto e avisar-me por rádio de suas descobertas. Leve tantos cientistas quantos achar necessário. Tenha cuidado com um possível truque.

Luo curvou-se, seus agudos olhos azuis brilhando de excitação e esperança. Um robô... se pudesse programá-lo para servi-los... se ele fosse mais que a simples ferramenta que Luo sabia que o Grupo Mundial possuía...

Um grupo de doze homens caminhou rapidamente através das florestas densas, tão silenciosos quanto os animais que observavam seu progresso. O povo de Tensor tinha aprendido a viver com suas florestas, sem sacrificá-las, quando a tecnologia começou a tomar ascendência. As florestas ainda eram respeitadas e amadas; o povo ainda as preferia às cidades onde viviam, e os raros crimes contra a natureza eram tão severamente punidos quanto os ainda mais raros crimes contra o homem. O grupo encontrou as patrulhas ao chegar perto da área onde o robô estava parado.

Ele deixou a nave e desde então não se moveu disse baixinho o chefe da patrulha, fazendo sinal a Luo que avançasse em silêncio.

Ficaram atrás das árvores e observaram o robô, brilhando aos raios do sol poente.

– Tentaram entrar em contato com ele?

O observador balançou a cabeça, com os olhos presos no robô.

O robô, imóvel, esperava. Precisava de combustível e não sabia como obtê-lo. Ninguém o ameaçava. Ele esperava. Se ninguém se aproximasse dele, esperaria até que o tempo gastasse seu corpo, a erosão comesse seus metais e cristais e seus elementos químicos se diluíssem. Gravava as vozes que murmuravam ao longe, à sua esquerda, mas não girou o domo para recolher mais informações sensoriais sobre elas. As palavras que gravava não faziam sentido. Examinou suas informações, e ativou o circuito programado para traduzir.

– Não acredito que tenhamos aqui alguma coisa que possa destruí-lo. Podemos pedir cargas de demolição.

– Não! Não podemos danificá-lo até termos uma chance de examiná-lo.

Diante das palavras da sentinela, um segundo circuito tinha sido ativado, o circuito que tomava medidas defensivas. Uma fenda apareceu no domo e sensores infravermelhos procuraram os homens que falavam, acharam-nos e se fixaram neles. O circuito que ativava o laser pulsava fortemente, mas ele não completou a conexão que o fazia funcionar. Esperou, alerta e pronto para se defender.

– Vamos ter que levá-lo ao quartel-general. Não podemos deixá-lo aqui. Ele pode ser visto e destruído pelos aviões do Grupo Mundial.

O computador passou em revista suas informações. Não tinha combustível para a fuga e não sabia como reabastecer a nave. Podia esperar por um ataque e defender-se quando ele viesse, ou deixar-se levar para fora da área de perigo. Tinha experiências das duas alternativas; tinha esperado pacientemente, tinha fugido, tinha atacado; tudo tinha sido proveitoso. Nas ocasiões em que permitiu que o levassem, tinha aprendido mais coisas sobre si mesmo, como funcionar melhor. Seria levado de novo. Rodou devagar em direção aos homens, suas rodas afundando ligeiramente no solo macio. Parou, baixou as esteiras e seu progresso tornou-se mais rápido. Luo observou-o aproximar-se com um pouco de medo.

TREZE

A ÁRVORE DE TIRON DE TENSOR TINHA PROPRIEDADES ESTRANHAS, COMO por exemplo: quando cortada, a madeira era maleável, facilmente moldável em qualquer forma, para mobília, ornamentos e partes de máquinas, sem qualquer ferramenta a não ser as usadas para medidas de precisão. A madeira custava a secar, mas se exposta a temperaturas controladas de 14 a 16 graus, com a umidade de não mais que dez por cento, depois de um período de seis meses, tempo do Grupo Mundial, o produto tinha uma dureza 8 na escala de Mohr. De todas as matérias encontradas na natureza, somente o corundum e o diamante eram mais duros. A espécie que crescia no Norte secava com uma cor vermelha e escura, ao passo que as do sul clareavam com o tempo para um dourado-claro. Dependendo do corte, havia anéis, curvas ou desenhos geométricos na madeira. Chapas podiam ser cortadas com frações de milímetro de espessura, e eram mais duráveis que plástico, mais leves que plástico, e muito mais bonitas.

O comandante do Posto Número Nove, localizado em Tensor, Setor Três, tinha ordens para não destruir uma única árvore. Suas ordens diziam também que ele devia encontrar o bando rebelde que vivia nas montanhas que dividiam a massa de terra quase exatamente ao meio, procurá-los e matá-los ou aprisioná-los. No Posto Número Nove havia 450 homens, dos quais 20 por cento nunca tinham estado em uma batalha, exceto em encontros rápidos em lugares como Tarbo. Outros 10 por cento eram não-combatentes, médicos, cientistas e funcionários, todo o peso morto que o exército tinha que manter, embora relutantemente.

O comandante suspeitava que os rebeldes tivessem pelo menos mil homens à sua disposição imediata, com muitos milhares mais esperando apenas um sinal para juntarem-se a eles. Esperava que eles adiassem a ação até que a nave de reforços chegasse com a maquinaria para instalar a tela de força para o posto. Com ordens de preservar as árvores, ele não podia incendiar as florestas e montes para expulsar os rebeldes, e sem a tela no lugar sobre o acampamento não podia usar gás sem pôr em perigo seus próprios homens. Tomar reféns nas cidades e aldeias não adiantava; os reféns se suicidavam com facilidade; eram como animais, e uma vez que decidiam não continuar vivendo, simplesmente morriam. No começo da campanha, tinham queimado uma dúzia de cidades e aldeias com os seus habitantes, mas as linhas dos rebeldes cresciam; homens desapareciam de suas casas da noite para o dia, sumindo na floresta sem deixar traços.

O comandante pensou amargamente nas armas à sua disposição: lasers, bombas incendiárias, gases, bombas de fusão de hidrogênio, agentes BW. Nenhuma delas podia ser usada, cada uma representava uma ameaça às árvores ou a seus próprios homens. Mas depois que a tela estivesse instalada... ele já tinha preparado um mapa e um programa pronto a ser iniciado: primeiro as áreas montanhosas, onde sabia que os bandos rebeldes se agrupavam, depois no campo em volta, para que ninguém mais pudesse fugir das cidades e juntar-se a eles, e finalmente as próprias cidades, mas ligeiramente. Afinal de contas, ele não queria cometer genocídio... mataria o suficiente para demonstrar o poder das forças do Grupo Mundial e aumentar a cooperação do povo. Até que a nave chegasse com a maquinaria, tudo o que ele podia fazer era esperar.

Na caverna da montanha o robô também esperava. Sem uma meta primária, ele só podia esperar e gravar. Tinha tempo bastante.

Trol observava-o da entrada da sala. Ao lado de Trol estava Luo.

– Você ainda não conseguiu descobrir coisa alguma? – Trol perguntou. O robô estava naquele lugar havia seis dias.

– Oh, já descobri tanta coisa... foi todo feito à mão, de modo que podemos ter certeza de que este não é o primeiro da próxima leva de guerreiros enviados pelo Grupo Mundial. Este deve ser um protótipo que alguém deixou fugir. Devia estar a caminho de um dos outros mundos, quando houve uma catástrofe de alguma espécie na nave, sem

sobreviventes, e a nave regulada para pousar no primeiro planeta que encontrasse. Ele parece ser inofensivo, obedece a ordens verbais, provavelmente só na linguagem do Grupo Mundial. Tem versatilidade bastante para substituir o homem no campo de batalha, provavelmente. Parece não ter mecanismo de defesa, o que é estranho. É claro que o laser poderia ser usado como um interceptor, destruindo bombas e coisas assim antes que o atingissem, mas isso o deixaria sem uma arma ofensiva.

Trol moveu-se, impaciente.

– Você consegue programá-lo para que possamos usá-lo para entrar no acampamento? Precisamos de suprimentos, munições, combustível para a nave, equipamentos médicos. Temos que entrar nesse posto, se quisermos continuar a luta. É o menos protegido deles.

– Acho que podemos usá-lo – disse Luo. – De qualquer maneira temos que levá-lo conosco, se queremos usar o laser.. não consegui desmontá-lo sem arriscar sua destruição. Isso vai ser uma surpresa para os homens do Grupo Mundial, nosso ataque com um laser. Talvez até surpresa bastante para que entremos antes que se recupere.

– Já tenho o intérprete – avisou Trol. – Chegou há poucos minutos. Assim que ele comer e descansar um pouco, vou mandá-lo aqui. Experimente as línguas do Grupo Mundial com o robô. Deve haver uma maneira de controlá-lo. Não teriam uma máquina dessa se não pudessem controlá-la.

Luo concordou distraído, enquanto Trol saía. Luo nada sabia sobre armazenamento químico, mas entendia de transistores, cristais monolíticos e os dispositivos eletrônicos que tinha encontrado no peito forte do robô. Sabia como aumentar os conhecimentos já possuídos pela coisa de metal. Reprogramou o robô para aumentar sua velocidade, para que ele pudesse acompanhar os poucos veículos motorizados que os rebeldes possuíam. Luo tentou descobrir para onde ia a energia quando a máquina ficava imóvel, e concluiu que ela tinha sido programada para examinar seus conhecimentos e gravar ininterruptamente.

Quando o intérprete chegou, Luo preparou um teste com o laser. Colocou uma pedra numa passagem sem saída a quarenta metros de distância e instruiu o intérprete para mandar o robô destruí-la. Nada aconteceu.

O robô não conseguiu encontrar sentido em destruir a pedra. Esperou.

– Bem – disse Luo, desanimado – acho que quem o construiu não teve tempo de programá-lo.

– Você não pode ensiná-lo?

– Com tempo. Só Deus sabe quanto tempo levaria. Enquanto isso, os reforços chegarão, e eles vão destruir nossa base, e conosco o robô.

O robô estudou seus conhecimentos. Destruir. O circuito que ativava o laser pulsou com energia, mas outro circuito o refreou; o estudo aumentou de intensidade.

– Por que é que ainda não nos atacaram? Podiam incendiar toda a floresta, se quisessem. Têm raios laser, e as bombas incendiárias... têm tudo o que é preciso.

Queimar... destruir. O desequilíbrio que sentia forneceu a ligação e o laser foi ligado, tocou na pedra e vaporizou-a. O laser se apagou. O robô ficou esperando.

– Meu Deus! – murmurou o intérprete. – O que aconteceu? Por que ele fez isto?

Luo venceu seu medo. Bruscamente, respondeu:

– Resposta atrasada. Não sei por quê. Pelo menos sabemos que ele realmente obedece a ordens verbais. Talvez ainda possamos chegar ao posto antes que os reforços cheguem e eles nos peguem.

A capacidade de abstração da máquina estava crescendo. Compreendeu que "eles nos peguem" era a mesma coisa que "eles nos destruam". Ele era parte de "nos". Quando o intérprete ordenou que ele o seguisse, o robô avançou em suas rodas, mudando para a esteira ao atingir o solo pedregoso do lado de fora. O teste seguinte com o laser demonstrou que ele tinha um alcance efetivo de três quilômetros e meio. Trabalharam febrilmente depois disso, uma equipe ocupada com o robô vinte e quatro horas por dia, testando suas capacidades, dando-lhe outras. Ensinar-lhe a jogar bombas com um alcance efetivo de um quilômetro e meio; ensinar-lhe a usar o laser como interceptor, derrubando pedras no ar sem dificuldade. Mesmo quando elas choviam de vinte mãos ao mesmo tempo, nenhuma das pedras o tocava.

E quando não estavam ensinando ativamente ao robô, ele continuava a aprender, gravando, estudando, assimilando constantemente. A quantidade de informações nas unidades químicas

cresceu e, à medida que as contrareferências tornavam-se mais e mais complexas, circuitos eram redesignados para receber parte da carga. Um circuito inteiro foi reservado para as informações que até então não tinham utilidade na meta secundária de se proteger. Esse circuito guardava pedaços de poemas, cantos de pássaros, as vozes suaves dos homens cantando a solidão, informações sobre coisas que cresciam, a espiral de flores se abrindo, folhas crescendo, musgo aveludado com gotas de água brilhando sobre ele. Continuavam a se dirigir ao robô em inglês do Grupo Mundial, mas tudo o que era dito dentro de seu alcance de escuta era gravado, para mais tarde ser transferido para as unidades químicas. Aprendeu sobre a guerra e sobre assassinatos, e todos os nomes que tentavam esconder o fato de matar. Aprendeu que o inimigo deve ser destruído, subjugado, capturado, rechaçado; para ele, tudo isso queria dizer que o inimigo devia ser morto. Aprendeu que, para continuar vivendo, primeiro devia-se matar o inimigo; e pela primeira vez ele teve uma sombra de meta primária.

Por dois dias, depois de deixar a caverna, os homens caminharam pela floresta para tomar suas posições, agrupados em volta do posto do Grupo Mundial. A nave de reforços tinha sido vista no espaço e uma mensagem tinha sido contrabandeada do porto para os rebeldes. A nave chegaria dentro de seis dias. A batalha deveria ter lugar antes que a nave chegasse à distância de atirar neles. No terceiro dia o contingente motorizado deixou a caverna, e com ele o robô. Ele compreendia sua parte. Na base havia o combustível de que precisava para sua espaçonave. Na base havia o inimigo que devia ser destruído antes que o destruísse.

Através do intérprete o robô recebeu suas ordens: as armas tinham que ser destruídas; as bombas não deviam atingir os homens; os raios laser que o exército ia usar deviam ser destruídos em sua origem.

O comandante da base só soube do ataque quando o ar estava coalhado de bombas e granadas. Os rebeldes eram setecentos homens sem armas modernas, apenas aquelas que conseguiram fabricar em dois anos, desde a chegada das forças do Grupo Mundial. Na base havia quatrocentos soldados bem equipados. O comandante sentiu-se mais irritado que temeroso diante do ataque. Ordenou que respondessem ao fogo com armas mais poderosas, mas da mesma espécie. Ordenou também cobertura aérea imediata e bombardeios, se se tornassem

necessários. Os rebeldes estavam ainda a quilômetros de distância, na floresta, escondidos atrás da impenetrável muralha de árvores. A defesa do acampamento estava sob o controle de um enorme computador que dirigia os raios laser para interceptar as bombas que se aproximassem, portanto, os soldados não corriam perigo. Ele sabia, no entanto, que teria que instaurar um inquérito sobre o ataque e descobrir como os rebeldes tinham chegado até aquele ponto sem serem descobertos, onde tinham arranjado as armas, etc. Em suma, uma grande chateação.

Parou para observar os aviões subindo verticalmente para o céu de cobalto e lá, um por um, desaparecendo em nuvens de fumaça e vapor. Dois deles foram destruídos antes que ele se forçasse a admitir o que estava vendo, e aí era tarde demais. Se tivesse mandado uma mensagem pedindo auxílio nos primeiros três minutos do ataque, os rebeldes poderiam ter sido derrotados, se não por suas tropas, pelos reforços que viriam, mas ele não tinha mandado tal mensagem. Não acreditava nas armas dos rebeldes e em sua habilidade em usá-las. Não havia suspeitado que eles tinham conseguido um laser, e nunca poderia admitir para si mesmo que eles saberiam usar um laser corretamente. Tinha errado em todos os pontos.

Os rebeldes tinham começado a atirar antes que chegassem ao ponto de alcance, para que o robô pudesse localizar e destruir os pontos que respondiam ao ataque. O laser voltou-se para os lugares de onde partiam as bombas, queimando através da muralha do acampamento, das paredes dos edifícios, dos homens, dos veículos, até as armas do Grupo Mundial, tornando-as rubras, depois brancas, e finalmente não deixando coisa alguma. O computador do Grupo Mundial tinha sido programado somente para interceptar; não procurava o outro laser, apenas atingia bomba após bomba no ar. Antes que o comandante pudesse localizar o diretor do computador na tela de sua unidade de comunicações, o computador do Grupo Mundial foi atingido pela luz rubra e em seu lugar restou uma nuvem de vapor. A luz atingiu outros equ

ipamentos e acabou-se o sistema de comunicações da base. O infravermelho do robô encontrou homens, o inimigo, e os homens deixaram de existir. Quando Trol a alcançou, juntamente com Luo e o intérprete, restavam menos de cinquenta homens na base. O robô cessou fogo a uma ordem de Luo, e esperou.

Havia combustível na base. Eles o ensinariam, e ele então reabasteceria sua nave. Examinou suas informações: "Uma nave é sempre inútil sem um suprimento de combustível". Ele esperaria até que lhe ensinassem sobre combustível.

Luo levou o robô para dentro da base e colocou-o em um depósito, onde o deixou. Precisavam dele, como de todos os homens, para a tarefa de limpar a base e transportar tudo o que pudessem usar para a caverna na montanha. Trol estava ocupado com os documentos e pela primeira vez chegou a ter uma ideia de quais eram os reforços que o acampamento esperava.

– É uma dessas telas de força que usam em suas naves – ele disse a Luo, mostrando-lhe as ordens e especificações. Seus olhos azuis faiscavam. – Com uma tela dessas e o robô, podemos expulsá-los de Tensor antes que saibam o que os atingiu!

– Temos que restabelecer contato, manter a ilusão de que tudo está normal...

– Podemos dizer que tivemos uma tempestade de raios.

No depósito, o robô permanecia imóvel. O acampamento tinha oito quilômetros de extensão por seis e meio de largura; ele podia gravar tudo o que acontecia lá dentro. Tomou conhecimento de motores atômicos, de conversão de combustível, um processo que podia usar quase que qualquer material à mão. Testou seus conhecimentos sobre o inimigo e descobriu que não tinha referências sobre a diferença entre o inimigo e quaisquer outros homens. Sozinho não conseguiria descobrir o inimigo. Estudou furiosamente, procurando uma pista para a identificação do inimigo. O inimigo era todo aquele que quisesse destruí-lo. Muitos homens eram o inimigo. Quais? Não tinha informações que o ajudassem a identificá-los. Devia esperar. O tempo não existia entre os acontecimentos, apenas as gravações que nunca cessavam enquanto houvesse algo para gravar.

O tempo não existia entre os acontecimentos. Luo voltou com equipamento. Um avião tinha chegado, o inimigo que vinha nele tinha sido destruído, coisas tinham sido guardadas, estavam sendo levadas para a caverna na montanha. Luo tinha mais do mesmo equipamento. O robô gravava; seus receptores tomavam conhecimento de coisas que estavam sendo feitas nele. Cada receptor fornecia um pedaço de informação, e finalmente surgiu o quadro completo. Alguns dos

circuitos estavam sendo desmontados. O circuito do laser pulsou; ele estudou suas informações e concluiu que aquilo não era uma ameaça. Luo apertou um botão e a energia correu pelo novo equipamento; ele podia sentir a perda. Um par de tentáculos pendia inútil, o circuito vazio; o segundo par tinha um fornecimento de energia mais fraco, e o terceiro, o que tinha os dedos flexíveis, tinha sido modificado e que a energia de que ele precisava para ativá-lo estava inacessível, cortada.

Luo deu um passo para trás e tocou um botão auxiliar de controle; a tela se apagou.

– Ele pode ser ativado de uma distância de oito quilômetros, por enquanto. Essa distância pode ser aumentada.

Trol olhou para a pequena caixa nas mãos de Luo e pegou-a.

– Deixe-me tentar – pediu, com a voz mais calma do que se sentia.

Tocou um botão e de novo a imagem do robô tornou-se embaçada por uma capa que parecia voar em torno dele, emanando de seu domo, fluindo como uma fonte de luz. O robô não se moveu. A tela era mais uma mudança de iluminação do que qual quer outra coisa, como se o robô estivesse sendo iluminado por um raio de luz que chegasse a alguns centímetros dele, e que era quase forte demais para se olhar.

– Você tem certeza de que nada pode penetrá-la?

– Nenhum impacto de alta energia vai penetrá-la... não!

Trol tinha estendido a mão, e Luo puxou-a de volta.

– Isto é energia – explicou. – Queima como laser.

Trol desligou a tela.

– Vamos fazer um teste amanhã – disse. – Se, isto é como você diz, este monstro será a arma perfeita. Ele pode atirar através da tela?

Luo concordou.

– Ainda não entendo a maior parte disto, mas vou acabar entendendo. Tenho todos os livros deles.

Voltou sua atenção para o robô e apontou para o botão.

– Vou programá-lo para ligar e desligar a tela a uma ordem. Preferia que isto não fosse usado até que soubéssemos melhor como funciona, quais são suas limitações, por que ele pode atirar através de um campo de força que não pode ser penetrado do exterior.

Trol concordou.

– Temos ainda que planejar o próximo ataque. Venha, é hora do jantar.

O robô esperou até que o acampamento estivesse silencioso e então consertou a si mesmo como o Dr

. Vianti o tinha programado. O novo equipamento ocupava muito espaço e muitos circuitos. Ele os estudou, seguindo-os do começo ao fim, e depois examinou suas informações: "A capacidade de aprender é o alcance de remodelação interna efetiva, e como tal pode ser medida pelo número e espécie de seus recursos ociosos... não há necessidade de circuitos ociosos, mas de circuitos redesignáveis para outras funções".

Ele estudou seus circuitos para ver qual podia ser redesignado. Recombinou vários circuitos que tinham sido desligados; passou informações do armazenamento eletrônico para o químico. Dirigiu o fluxo de energia para os controles da tela, de modo que ela passasse através do amplificador que também servia ao laser. Quando ligou a tela, horas depois de ser deixado só por Luo e Trol, houve um momento de fluxo de energia audível, e então nada. Vórtices rodopiantes de energia envolveram o robô. Ele ficou invisível atrás desse escudo de energia.

Com a tela ligada, ele procurou a causa da perda de energia nos outros circuitos e, desligando mais uma vez a tela, de novo manipulou os circuitos até que, quando testou outra vez, não havia fraqueza nem perda de outras capacidades. Convencido de que tinha reparado todo o estrago feito por Luo, ele ficou imóvel, esperando.

Com a mudança em seus circuitos, ele tinha tomado o controle da caixa de Luo.

No dia seguinte, quando Luo apertou o botão para ativar a tela, o robô soltou um jato de energia e a tela foi ligada. Luo ofegou. Tocou o botão e a tela desapareceu. Luo deixou a sala, trancando-a cuidadosamente por fora. Foi diretamente ao escritório de Trol.

– Estou com medo dele – disse. – Eu não modifiquei a tela. Você viu. Mas hoje ela está modificada.

– Você diz que ele pode se tornar invisível?

Os vívidos olhos azuis de Trol fecharam-se, e por um momento ele ficou em silêncio.

– Quero ver por mim mesmo – disse, finalmente.

Voltaram, e de novo Luo apertou o botão. O robô ligou a tela e desapareceu.

– Você sabe como isto aconteceu? – Trol perguntou. Luo sacudiu a cabeça.

– Eu lhe disse que pouco entendo da tela original, e nada dessa aí.

Enquanto falava, seu dedo acariciava repetidamente o botão, sem apertá-lo. Fez pressão com o dedo, o bastante para desligar a tela. O mecanismo não funcionou. Lutou contra uma onda de medo e apertou com força o botão. Dessa vez a tela se apagou, mas ele sabia que isso devia ter acontecido antes.

– Não diga coisa alguma na linguagem do Grupo Mundial – ele avisou. – Vamos sair de perto dele. Tenho que pensar. Ele tomou o controle da tela.

Trol picou rapidamente e os dois homens se afastaram da sala.

– Ele é perigoso? – Perguntou Trol do lado de fora.

Luo avisou-lhe que ficasse em silêncio, e assim voltaram para o escritório que Trol estava ocupando.

– Não podemos usá-lo – Luo disse então, mantendo a voz baixa, quando a sensação de pânico dentro dele o teria forçado a gritar. – Você viu a eficiência com que ele atacou o campo. Imagine aquilo com invisibilidade!

Trol concordou.

– Mas primeiro nós temos que usá-lo para terminar o trabalho – respondeu, após um momento. – Ele ainda obedece a você. Ele tentou cooperar com a caixa de controle, não foi?

– Você não compreende? – Luo disse. – Ele raciocina! Ele conhecia o significado da caixa, e a importância de nos manter ignorantes sobre seu potencial! O que mais ele compreende? Você se lembra como ele demorou para obedecer àquela primeira ordem verbal? Ele estava pensando! Entendeu o que queríamos, mas tinha que decidir. Só Deus sabe por que resolveu obedecer, mas foi o que ele fez. Ele pensou no assunto.

Trol virou-se de repente. Sua voz estava áspera e desagradável.

– Não me importo! Primeiro nós vamos usá-lo como planejamos. Não diremos coisa alguma sobre isto. Mais tarde eu o entregarei a você e você pode dispor dele como bem entender.

O robô gravou as palavras e examinou suas experiências passadas, procurando uma comparação. Mudou uma palavra no silogismo que tinha criado; por muitos ele colocou todos, e a premissa agora dizia:

todos os homens queriam destruí-lo. Todos os homens eram o inimigo. Ele tinha procurado uma meta primária e nenhuma tinha aparecido desde a sua criação.

De repente havia uma. Ele tinha a meta primária de matar os homens. Tinha que matar os homens para poder sobreviver. Tinha que sobreviver porque isso tinha sido programado nele desde o princípio.

Moveu-se até a porta e o laser tocou a fechadura suavemente, nem mesmo queimando a madeira, mas derretendo as partes de metal. Empurrou a porta com seu corpo, e no meio da sala seguinte ativou a tela de energia, tornando-se invisível. O laser atingiu homens do lado de fora do prédio, homens agrupados no fim da rua, homens que corriam para ver o que estava acontecendo. Não queimou os prédios. Não sabia que queimando os prédios mataria homens também. Tocava com a luz vermelha os homens que encontrava, e com o sistema de áudio e o infravermelho encontrou quase todos. Partiu então do acampamento, e uma hora e quinze minutos depois estava de volta à nave, operando o conversor de combustível.

Homens vinham atrás dele, através das florestas, sem saber o que caçavam, sabendo apenas que a morte tinha passado por ali. O robô ligou a luz vermelha, apontou-a para a floresta e as árvores explodiram em chamas. Quando deixou o planeta ligou os raios laser da nave e áreas maiores da floresta se incendiaram. Mudou seu curso quando viu uma cidade e à distância de oitenta quilômetros incendiou a mesma. Quando finalmente rumou para o espaço, diversos pontos do planeta estavam em chamas; outras naves eram massas de metal derretido no chão, as tripulações surpreendidas pelo ataque inesperado, incapazes de levantar voo antes que os raios cortantes as atingissem.

Lá fora no espaço ele entrou no vácuo, e programou o computador para pousar no primeiro planeta que alcançasse ao sair do vácuo. Então esperou. Seu curso o levaria a Tao Ceti III.

QUATORZE

TRACE ESTAVA NADANDO PARA CIMA EM UM FUNIL DE UM PRETO FOSCO cujos lados não podia tocar, embora soubesse que estavam à sua volta. Olhando para trás através da escuridão, percebeu que o funil crescia cada vez mais por trás dele, que sua base tinha dimensões tão grandes que eram virtualmente infinitas, mas ainda assim era um funil. Sua cor era negra, mas ele sabia que havia veios coloridos, embora não os pudesse ver: veios azuis, verdes, dourados, vermelhos... tinha medo de parar, porque, se o fizesse, esqueceria como continuar. Estava tão cansado que sabia que logo teria que parar. Parar seria cair de volta através dos vastos espaços que ele tinha atravessado com tanto esforço. À sua frente, na escuridão, ele sabia que ficava o ápice; podia sentir que o funil se estreitava e que em breve o comprimiria. Sabia que ia doer. Recuava diante da dor antecipada, mas mesmo assim lutava para chegar a ela. Sentia-se grande como o próprio funil, sentiu que crescia até encher todo o espaço e que gradualmente estava sendo forçado a penetrar em um estreito cone de consciência. Não sentia mais os lados negros do funil, e era mais apavorante não conhecer seus limites do que tinha sido sentir sua imensidão.

O ponto de luz que era a boca do funil ficou mais brilhante, embora não crescesse em tamanho. Gemeu ao se aproximar, e lutou com mais força para alcançá-la. O aguçado ponto de luz feria seus olhos. Não podia mais sentir os pés, completamente separados dele, inatingíveis, inalcançáveis. A dor aumentou, agora acompanhada de gritos distantes e gemidos agudos. Tinha que atravessar a abertura, chegar ao outro lado. Os gemidos aumentaram e ele envergonhou-se por estar gritando.

Mas ele não estava gritando. Com um último e doloroso safanão ele passou e os gemidos estavam em seus ouvidos.

Sentou-se, acordado. Era o vento. O vento da manhã o tinha acordado. Lembrou-se do sonho e estremeceu. Estava doente e com frio. Pensou nos sintomas de sua doença e não conseguiu fazer um diagnóstico; frio, febre, fadiga. Nunca em toda sua vida tinha se sentido tão cansado, a ponto de detestar e temer qualquer movimento. Ficou por vários minutos ouvindo o vento no vale, com uma rajada ocasional através da chaminé. Estava saturado do vento, da cápsula, da areia e das rochas, de si mesmo... continuou olhando para o nada e sentiu que estava, acima de tudo, cansado de si mesmo.

Seus movimentos eram terrivelmente lentos quando se levantou da poltrona e foi buscar comida. Fechou os olhos e apertou o tubo, tentando não pensar na pasta que enchia sua boca. Meio tubo era tudo o que podia se forçar a comer. Mais tarde, prometeu a si mesmo, mais tarde comeria mais. Bebeu água, guardando cada gole na boca por muito tempo. Não era suficiente para limpar o gosto do alimento. Não tinha procurado saber o que estava comendo. Devagar, como se separada do resto de seu corpo, sua mão pegou o cantil e ergueu-o. Bebeu, mantendo os olhos fortemente fechados. Não olhou para ver quanta água restava.

Ia procurar a outra cápsula enquanto o sol estivesse alto. Por enquanto tinha que fortificar o vale. Naquela manhã, de novo à tarde, na manhã seguinte. Que dia era? Não conseguiu calcular. Parecia que estava no vale há meses, ou anos, que possivelmente tinha nascido no vale e tudo mais era ilusão, fantasias que passavam por seu cérebro a respeito de outros lugares, outros tempos. Nada sabia sobre eles; conhecia apenas o vale, o sol, o vento, a areia. O vento estava morrendo. Tinha que começar. Seu rosto tinha uma expressão dura e intransigente quando abriu a porta e começou a sair. Sacudiu violentamente a cabeça e voltou. Tinha esquecido sua roupa pressur

izada. Suas mãos estavam desajeitadas ao vesti-la, e imediatamente sentiu muito calor, depois de ter gelado.

Lembrou-se de que havia mais duas entradas para o vale, uma quase diretamente oposta à chaminé, a outra à direita dessa. Ambas eram íngremes, mas acessíveis ao robô. A claridade, depois da penumbra da cápsula, fez com que sentisse os olhos em fogo.

Atravessou o chão circular do vale, tropeçando uma ou duas vezes nas rochas que não conseguia perceber a tempo, mas quando chegou à parede oposta sentia-se menos entorpecido. A passagem que levava para fora do vale era íngreme, estreita em certos pontos, mas não estreita demais para o robô. O chão estava polvilhado de pedras amontoadas contra as paredes em cada curva da passagem. As curvas eram agudas em sua maioria, com apenas duas curvas suaves. Ele atravessou a passagem, escalando os montes de rochas empilhadas, patinhando através da areia que se acumulara. Quando chegou ao fim da passagem estava sem fôlego e caiu no chão à sombra do penhasco alto e íngreme.

Continuou deitado depois de ter satisfeito seus pulmões arfantes, exausto demais para qualquer esforço. Que espécie de rochas tinham feito este corte, pensou ele, contemplando a parede lisa de granito que subia à sua frente. A parede atrás dele também era de granito. Uma rocha arenosa, talvez, destruída, pela erosão, deixando o espaço no granito? Uma rocha metamórfica que tivesse cedido à força da areia? Um filão de ouro ou prata? Riu alto e de repente sentiu-se mais alegre. De onde estava deitado não podia ver o vale, e de novo percebeu como tinha tido sorte na escolha de seu esconderijo. A não ser que o robô entrasse ele próprio no vale, ele estaria em relativa segurança. Se pudesse bloquear as passagens que levavam ao vale...

Levantou-se de novo e voltou pela passagem. Em uma das curvas suaves ele parou e olhou em volta. Se pudesse construir um muro ali... apertou os olhos, calculando a quantidade de areia que o vento trazia do vale através da passagem. Se ela fosse impedida por um muro, formaria um dique.

A passagem tinha naquele local três metros de largura. O muro teria que ser do mesmo tamanho, com a espessura necessária para resistir ao vento um metro, um metro e meio? E com uma altura mínima de um metro e meio, talvez dois metros... O material a ser usado estava na própria passagem, nos montes de rochas em cada curva. Por um instante, o pensamento do trabalho que teria fez com que hesitasse, mas combateu o pensamento e começou a construir o muro. Não pensava em coisa alguma enquanto empurrava as rochas ladeira acima para fazer a base, rolando-as para o lugar, ou empurrando-as para cima de outras, evitando tanto quanto possível levantá-las. Parou quase

automaticamente quando a primeira camada estava pronta, pulou sobre ela e subiu a ladeira para a curva mais distante onde as rochas estavam empilhadas. Movia cuidadosamente as rochas, não querendo que elas começassem a rolar pela passagem antes que ele construísse uma fileira de rochas através dela. Foi até a curva seguinte e fez a mesma coisa, dessa vez fazendo a fileira um pouco mais alta que a anterior, e depois voltou para o muro. Murmurava suavemente para si mesmo ao retomar o trabalho.

– Nem um grão pode sair... ouro na areia, rapaz, ou prata... vamos pegá-lo todo aqui, pilhas de ouro e prata.

Continuou a murmurar esporadicamente, e o muro cresceu, chegou a seus joelhos, depois aos quadris. Ele trabalhava automaticamente, sem ter consciência do calor, dos seus músculos cansados, do peso das pedras que carregava. Pensava em uma tempestade que uma vez tinha visto na Terra. Na costa, nos penhascos sobre o oceano, erguiam-se prédios de duzentos ou trezentos andares, com milhares de pessoas em cada um. Tão longe quanto sua vista alcançava, para os dois lados da costa, só havia os prédios. Ele teve a sensação de que não havia terra por trás deles, só prédios, redes de transportes, prédios, infinitamente. Mas o oceano estava à sua frente, poderoso e agitado, com seus cheiros misteriosos e ventos de gostos estranhos.

Há muito tempo, ele sabia, o homem tinha pensado em expandir seu mundo para dentro do mar, mas nunca chegou a fazê-lo. Ao invés disso, o homem subiu para o esp

ço, deixando os oceanos estranhos e desconhecidos. A tempestade tinha vindo do mar – vento, chuva, relâmpagos, trovões. Ele ficou em pé na varanda do apartamento onde estava hospedado e sentiu um medo enorme da tempestade que se armava, e medo ainda maior quando ela caiu com toda a sua fúria. Era um medo atávico, inexplicável, insensível ao conhecimento de que os prédios eram fortes. Para seu espanto, nenhuma das outras pessoas do prédio parecia estar consciente do que estava acontecendo do lado de fora de suas janelas e da segurança de seus escudos de aço e plástico. Não havia tempestades em Vénus; as chuvas caíam com uma regularidade imutável quando os dias eram cinzentos e o ar muito úmido, sem a energia furiosa das tempestades na Terra.

Nunca mais ele assistira a uma tempestade assim. Sempre, no fundo de seu cérebro, havia a ideia de um dia voltar à Terra e encontrar um dos pequenos pedaços de terra do governo que ainda continham árvores e montes e lá esperar que uma tempestade assim aparecesse. Ela tinha acordado alguma coisa dentro de si que tinha estado adormecida antes, e adormeceu de novo depois.

Pensou na tempestade, nos ventos frios e úmidos que cheiravam a mar, no brilho cegante dos relâmpagos, e espantou-se diante dos estranhos desejos que esse pensamento despertava nele.

"O tempo aqui é sempre calmo", Lar tinha dito. Ele tinha ficado triste com essas palavras, sem saber por quê. Trace levantou uma pedra e caiu com ela, soltando sua carga um instante antes de chocar-se contra o chão. Ficou deitado com os olhos fechados, pensando se conseguiria levantar-se mais tarde, quando arriscasse o esforço. Uma rápida onda de desejo por Lar assaltou-o, e ele percebeu que queria tomá-la com a violência de uma tempestade que ama a terra que fustiga. Queria tê-la nua em seus braços enquanto os relâmpagos brilhassem e os trovões ecoassem; queria dividir com ela o terror causado pelos elementos e esquecer o medo na violência do amor.

– Você estava errada, mamãe! – Ele gemeu, seus olhos apertados com a dor – a dor de seu corpo atormentado, pior, a dor de seu desejo que não diminuía, mas aumentava ainda.

– Case-se com Corrine, meu querido. É só um gesto. Há o dinheiro da família, documentos, alguns pedaços de terra. Alguém devia herdar tudo isso... não fuja, querido. É assim que se faz. Seu pai e eu só nos vimos duas ou três vezes, afinal de contas. Foi um arranjo muito satisfatório. Corrine não vai fazer exigência alguma, a não ser um filho.

– Para ser um soldado...

– Claro. Temos a tradição de família, e Corrine também. Sempre fomos soldados.

– Você agora é um homem, com as responsabilidades de um homem. O amor não existe. Você tem que acreditar nisto. Eu sei que você é um romântico, meu querido, todos os jovens são. Está certo, mas você tem que ser realista também. Você acha que em algum lugar existe uma jovem perfeita para você, que depois que se aposentar você vai encontrar um pedaço do paraíso, casar com uma princesa é viver feliz para sempre... meu amor, as coisas não são assim. Os terráqueos não

são compatíveis com quaisquer estrangeiros descobertos até hoje. Não pode haver casamento com estrangeiros. Eles não são humanos, você sabe.

Lar zombando dele, com os olhos negros brilhando.

– Você não tem que me pedir, capitão. Sabe disto. Os outros não pedem as mulheres. Eles as tomam. Você fingiria que as coisas são diferentes?

– Cale-se, Lar!

– Conheci essa garota, Duncan, baixinha, cabelo preto, olhos pretos, uma enfermeira...

– Eu sei do que você precisa, rapaz. Uma dona boa, não é? Vamos lá, vamos buscálas.

– O senhor está me machucando, capitão. Por favor..

– Eu quero machucar você, sua cadela. Prostituta! Sua prostituta estrangeira! Chorando e sangrando, grandes olhos azuis cheios de lágrimas, face contorcida...

Deitado no chão quente, Trace pensou na garota que tinha ferido depois de deixar Lar intocada. Nem mesmo sabia o nome dela, ou se a tinha ferido muito. Pensou em outras garotas, outras mulheres.

– Lar – sussurrou. – Desculpe. Desculpe.

Depois de um momento forçou-se a levantar; o sol caía diretamente sobre ele. Meio-dia. Seu corpo só sentia as irritações e uma dor distante que nunca o deixava, um vazio que nada parecia satisfazer. Não olhou de novo para a parede, mas caminhou aos solavancos pela passagem, vacilando como se estivesse bêbado.

Dentro da cápsula, descansou vários minutos sem pensar em coisa alguma. O tempo parecia estar mudando; ele não tinha consciência da passagem do tempo a não ser quando estava pensando sobre o assunto. Não podia dizer se tinha descansado cinco minutos ou meio dia quando se levantou da poltrona. Sabia que tinha que comer e beber, sabia que tinha que continuar a busca à cápsula do robô. Até seus pensamentos estavam distorcidos, cada um ocupando todo o seu ser, como se o organismo inteiro estivesse envolvido em cada pensamento simples como: devo comer. Escolheu uma mistura de frutas e um preparado de carne e forçou-se a comer os dois tubos. Descobriu que ficava mais fácil se ele não pensasse no que estava fazendo, prestando atenção apenas o

necessário para as mãos começarem a agir e os músculos da garganta começarem a engolir, esquecendo então todo o processo.

Sentia-se longe de tudo aquilo. Mediu sua ração de água cuidadosamente e bebeu-a devagar, mantendo o pensamento distante, arrependido, assim que a água acabou, de não ter se concentrado nela, pois de repente sentiu-se como se não a tivesse bebido. Vasculhou a caixa de remédios e nada achou que pudesse trazê-lo de volta a um contato mais firme com o ambiente, mas sentia que enquanto pudesse perceber que aquela curiosa dissociação era um sintoma, conseguiria controlá-la. Tentou engolir comprimidos contra a febre e descobriu que não conseguia engoli-los em seco; grudavam em sua língua e garganta, engasgando-o até que ele bebeu um gole de água. Tirou os mapas fotográficos e obrigou seus olhos a verem as trilhas de radiação que tinha seguido; descobriu que, contra a sua vontade, seus olhos deixavam os rastros e começavam a percorrer as torres de pedra que lançavam sombras no mapa.

Cuidadosamente, acertou os controles no painel da cápsula e verificou-os todos. Nunca tinha usado esses controles a não ser em treinamento. Se ele deixasse de controlar a pequena embarcação, ela sobrevoaria o local onde estivesse, e depois de duas horas voltaria para o vale. Mudou o tempo para permitir-lhe três horas de busca e então, sabendo que seria trazido de volta ao acampamento se perdesse a consciência, manobrou a cápsula entre as rochas e partiu. Estava meio bêbado, às vezes sentindo que estava dentro da cápsula e que ela estava parada, outras vezes sentindo-se fora da cápsula com o solo se afastando.

A cápsula estava voando quase inteiramente no automático quando ele chegou às linhas de radiação que já estavam em seu mapa. Todas as vezes que a embarcação chegava a outra trilha, que cortava a que ela seguia, circulava sobre o local até que ele tomasse o controle. Quando a cápsula circulava, as rajadas descendentes de ar formavam colunas de areia que caíam em pequenos montes sobre cada junção. Uma vez ele deixou a cápsula voar por quase quarenta quilômetros, antes de voltar e seguir a trilha de volta à primeira encruzilhada. Tudo aquilo parecia tão longe dele, tão pouco importante. O alarme de radiação soava incessantemente, transformando-se nas vozes de

Duncan, dos homens da nave em órbita, sua mãe, as vozes dos meninos no dormitório.

Não ousava pousar. A cápsula ficaria radioativa e o alarma de radiação seria inútil. Ele riu. Se pousasse em qualquer outro lugar e voltasse a pé, também ficaria quente, mas não de radioatividade... Duas horas tinham se passado quando ele conseguiu ficar alerta e acordado, e xingou violentamente ao examinar a quilometragem. No estado em que estava antes, podia ter voado sobre a outra cápsula uma dúzia de vezes sem que seu cérebro confuso reagisse. Se isso tivesse acontecido o filme registraria, mas ele só poderia saber quando examinasse o filme. Abaixo dele parecia haver pelo menos uma dúzia de rastros partindo em direções diferentes, e ele concluiu que o robô usava aquele lugar como ponto de partida em sua busca a ele e Duncan. Mais tarde o robô tinha aprendido que não precisava voltar ao ponto de partida depois de cada busca mal-sucedida, mas aí parecia que a coisa tinha voltado várias vezes.

Trace ficou alerta com um choque. O robô tinha voltado para esse lugar, seu ponto de partida. Devia ser ali que ele tinha aterrissado e a cápsula avariada devia estar por perto. Diminuiu a velocidade e estudou o solo, procurando o rochedo de basalto onde tinha visto o robô. Havia sombras negras em demasia para que ele pudesse distinguir se as rochas eram brancas ou pretas, ou se eram apenas sombras. A cápsula não estaria radioativa; sua radiação devia estar entrando para o solo sob o escudo de invisibilidade. Procurou uma área entre os rastros que não estivesse radioativa. Havia diversos espaços assim. Cobriu com cuidado a área, de modo que as câmaras fotografassem cada centímetro do terreno, e então era hora de voltar para o vale. Ao virar, viu o rochedo de basalto.

Ficou tenso de excitação e, esquecendo que a luz do piloto automático piscava sem parar como se advertindo, tomou os controles e rodeou o rochedo, tentando identificar a plataforma onde tinha estado naquele dia. Eles tinham aterrissado do outro lado, e ele tinha achado a plataforma que podia escalar, circulando o rochedo, dando-lhe uma visão de quase quinze quilômetros em volta. Sobrevoou o local da aterrissagem; viu a plataforma que tinha escalado. Os rastros de radiação estavam fortes e intensos abaixo dele; o robô tinha então encontrado o local onde eles aterrissaram. Sabendo que toda a área

tinha sido filmada, que podia estudar o filme e encontrar o local certo, ele voltou para o vale. Dentro de minutos tinha pousado e colocava os filmes sobre os mapas abertos.

Ali, ou ali... havia quatro áreas sem radiação, e a cápsula podia estar em qualquer delas. A menos de dezenove quilômetros de seu vale havia combustível, oxigênio e água. Tinha que haver um meio de chegar até lá sem se expor demais à radiação... tinha que haver um meio de penetrar na cápsula depois que a localizasse... Não podia gastar seu parco estoque de combustível voando de um lado para outro sem ter um plano. Amanhã. Amanhã ele já teria planejado tudo, e então... pensou nos cantis de água na outra cápsula e quase soluçou de tanta vontade.

– Maldito Duncan – murmurou. – Maldito, maldito.

Pensou com desejo na água escorrendo pelo corpo do homem ferido, encharcando sua roupa, desperdiçada. Bebeu um gole da água que lhe restava e percebeu que no dia seguinte não haveria mais. Tinha que achar a outra cápsula no dia seguinte, ou morreria de sede. Tinha que acabar de fortificar o vale para que, se o robô chegasse antes que ele partisse, não pudesse pegá-lo. Riu e se levantou para voltar ao muro. Tinha uma hora antes que o vento o obrigasse a voltar. Então já teria terminado o muro.

Amanhã acharia a outra cápsula. Levaria algum tempo para encontrá-la, transferir a água e o combustível, sabotá-la... se o robô o pegasse antes que ele terminasse, não teria importância. Poderia decolar e estar fora de alcance antes que o monstro tivesse tempo de apontar-lhe o laser, mesmo estando na borda do próprio vale. Estudaria o mapa, faria um plano, tinha a noite inteira para isso... tocou os lábios rachados, e nem isso tinha importância. Logo haveria muita água. Terminou o muro, elevando-o a dois metros de altura, e quando o vento começou a soprar ele voltou a cápsula e pegou os mapas. Não tirou a roupa, não removeu as luvas, e quando sua cabeça caiu sobre os mapas a máscara abrandou o choque, de modo que ele nem o sentiu.

QUINZE

TRACE ESTEVE ADORMECIDO, MAS NÃO ESTAVA MAIS. NÃO HAVIA COISA alguma que ele pudesse ver; não sentia o corpo, e suas mãos estavam em algum lugar, não sabia onde. Ele flutuava e deslizava, sem saber onde era o teto, onde era o chão. Não havia som em lugar algum. Por algum tempo a sensação era de paz, mas seus olhos começaram a se esforçar para ver alguma coisa, qualquer coisa. Seu campo de visão era pequeno, escuro, completamente negro, uma janela negra. O campo cresceu, se expandiu até tomar todo o espaço à sua frente, e de repente diminuiu outra vez para uma janela do tamanho de um buraco de fechadura, sempre negro. Pior que o negro do nada era o silêncio, a falta dos ruídos de seu corpo, nenhum som de ar em seu peito ou em suas narinas. Som algum em parte alguma.

– Eu estou acordado. Isto não é um sonho. Delírio? Devo estar delirando... vai passar.

Havia um ruído em algum lugar... vozes. Prestou atenção. Vozes de soldados cantando:

Estamos ficando velhos,
Cansados de viajar;
Nós seguimos uma estrela
Pra voltar pro nosso lar.
O que é que respondemos
Se alguém nos perguntar
Qual é a nossa esperança?
É voltar pro nosso lar.
Um punhadinho de terra
Num vidro vamos guardar;

É o consolo que temos,
Que nos lembra nosso lar.

Mais tarde havia imagens com molduras brilhantes, às vezes como fotografias, às vezes em três dimensões. Vinham muito rápidas, começavam pequenas, cresciam até encher a janela, sumiam com a próxima já aparecendo:

Consolo num vidro, ladeiras e escrivatinhas, você não entende nada se você sabe que é seu lugar, você não luta contra gases rodopiantes com figuras

ras crescendo verdes e flores azuis em caules trêmulos e figuras saindo de gases cheirando a fornos e crematórios, dedos de crianças vasos azuis e cinzas assim ou assado para cima ou para baixo branco ou preto. Não é nada disso! Você não entende? Não decido agora vou sentir minha felicidade: estou feliz. Não diga que vai pensar no assunto: pense no assunto. Criança de novo onde você faz coisas de graça só porque sim, vasos esmagados cheirando a crematório, figuras contorcidas em danças da morte. Danças.

Corrine fria e intocada limpa esterilizada pintada de novo limpa. Há porcos lá na Terra, porcos imundos rodeados de porquinhos imundos todos mamando, mamando, uns sobre as cabeças dos outros, copulando em camas já repletas de porquinhos. Ninguém volta para lá! Sujo, sujo, imundo. Como uma doença se espalhando pelo universo. Círculos enormes negros e luz se estreitando em direção a um centro muito longe, superfícies lisas escorregando em direção ao centro e é claro ou escuro? Mais perto, não; quente demais. Toda a camada de cima fervendo, completamente sem atmosfera. Uma demonstração só meninos, outros vão fazer reverência agora. Só demonstração. Algumas centenas de metros, volte e cultive-os, comece um paraíso só nosso. Depois Mellic fervendo, encontre um pedaço de paraíso e viva feliz para sempre, tudo mentira prostitutas e deus está na terra de um vidro vocês são os novos deuses, não contaram a vocês suas prostitutas estrangeiras boas para uma coisa, você manda brasa nelas e pronto, rapaz!

Prostitutas estrangeiras não humanas morrer em convulsões de rejeição, Lar se retorcendo em convulsões sangrando vermelho e quente, gritando em volta dela figuras, se levantando em danças da morte da névoa de fumaça e gases, quarto horroroso com uma cama

tocando em cada parede, cama suja, palavras nas paredes janelas abertas com rostos, bocas abertas, olhos cheios de água, mãos em garra estendidas para dentro, Lar se retorcendo e lutando com alguém mais que a prende com uma corda, meio humano, figuras inacabadas humanas dançando tirando armas de percussão, barulhos ensurdecedores de explosões e cheiros de pólvora, gritos, alvos acorrentados às árvores fora de alcance de suas balas, raios tocando-os, tocando-os sem se demorar neles só tocando-os fora do alcance dessas balas...

A arma de Brunce em sua mão, um círculo de sangue crescendo no ombro de Gene Connors, os olhos de Brunce dentro dos seus, o revólver fumegante em sua mão, ainda atrás de Gene atrás de Trace... Pulando por cima do corpo de Gene... você já esteve em Tarb

o,

rapaz! Você já esteve em Tarbo tarb

otarbotarbo... não quer matá-los, não quer, não os matar. A indiferença é pior que a brutalidade, Capitão Tracy. São gente como você como eu, como os Exteriores.

Trace estava sentado lá onde tinha caído, ainda vestindo sua roupa pressurizada, um braço pendendo, o outro estendido sobre os mapas, entorpecido e adormecido. O banco em que se sentava era pequeno, de plástico, e ele já não o sentia, nem sentia os pés e as pernas mantidos muito tempo na mesma posição. A máscara e o capacete protegiam seu rosto contra a superfície da escrivaninha de armar, e em qualquer pequena mudança de posição ele se sentia flutuando, como estava, rodeado pela espuma de borracha e pela rigidez do capacete e da máscara. Ele tinha desligado o áudio, e sem ele o capacete era à prova de som. Tinha esquecido de ligar a luz noturna no interior da cápsula e sem ela havia uma completa ausência de luz. Não tinha sensação de tato, calor, frio, som, visão... nenhum dado sensorial de espécie alguma, apenas um cérebro, flutuando livre, sem amarras.

Diante de seus olhos abertos desfilavam imagens superpostas umas às outras até que não havia silêncio interior; dentro de seus ouvidos vozes cresciam e diminuía. Não sabia dizer se isso demorou minutos ou horas; não sabia dizer se sentia as sensações que experimentava apenas com o cérebro, ou com o corpo também. Quando as imagens eram ameaçadoras, ele às vezes corria, sentindo-se quente e

cansado com o esforço, sentindo a tensão nos músculos da perna e no peito. Seu corpo dizia-lhe que ele estava correndo, e ele acreditava. Luzes começaram a aparecer e sumir, desenhos de luzes, blocos de amarelo, com retângulos menores vermelhos e verdes ou roxos e alaranjados... luzes que surgiam do tamanho de uma moeda e cresciam até encher seu campo de visão, luzes de um brilho estonteante, outras luzes que eram tão fracas que ele forçava os olhos para vê-las melhor.

Havia um significado naquelas luzes, se ele conseguisse decifrá-las. As luzes perderam sua forma precisa e começaram a tremeluzir, parecendo labaredas, línguas de cor que saltavam, subiam, caíam, cresciam de novo. Ele entendeu que as luzes representavam a sua vida: tinham começado pálidas e fracas, sem forma, e se tornaram cada vez mais violentas, com formas rígidas, mas estavam de novo sem forma. Viu com horror que a claridade das cores estava diminuindo; estavam se tornando sujas e feias, e percebeu que elas estavam se misturando, tornando-se uma só, ficando mais escuras, mais sujas, mais feias, gritou com elas para expulsá-las. Gritou de novo e de novo, pois não podia ouvir os gritos que ecoavam na cápsula. As cores se misturaram e começaram a escorrer da moldura que as segurava. Caíram para formar uma poça de sujeira incolor e dela começaram a sair naves. Naves de ouro dos Exteriores.

Eram naves lindas, estreitas, longilíneas, brilhantes, tremeluzindo por trás das telas de força que suavizavam seus contornos, tornando-as quase fluidas. Os Exteriores eram também altos e longilíneos e encantadores. Ele os via como formas, formas lindas, com linhas graciosas e cores agradáveis. Quando ligava a eles a palavra exterior, as formas se modificavam e eles não eram mais humanos, mas sim criaturas mascaradas cuja feiura era escondida. Ele conseguia ouvi-los: não queremos guerra; não queremos ferir pessoa alguma; vocês têm que voltar à sua terra e não se aventurar nos outros mundos até que sejam bem-vindos a eles, até que tenham deixado de lado seus armamentos, até que tenham substituído seus generais por homens de paz...

Ele os via acima dele. Estava em uma escada que subia para o céu, e a seu lado, mas um pouco acima, estava Lar; acima dos dois estavam os gloriosos Seres Exteriores, não humanos, mais que humanos, belíssimos. Ele não sabia que os degraus continuavam acima dele;

ninguém jamais lhe dissera para olhar para cima e ver; ele nunca tinha conseguido enxergar tão alto antes. Um trecho do poema de Lar ressoava em seus ouvidos enquanto olhava para a figura alta acima dele:

Sem um novo Mal qualquer, como distinguir o Bem?

Um mundo sem feiura, há nele beleza?

Ficou paralisado na escada, e o Exterior se transformava diante de seus olhos. Ganhava uma aparência metálica, engordava, um único olho vermelho surgia em sua cabeça, uma cabeça agora transformada em domo. O olho vermelho começou a procurá-lo. Sabia que o olho procurava por ele e não se satisfaria com qualquer outra coisa. Tateou atrás de si com o pé, procurando os degraus que tinha subido. Tinham sumido; deles só restavam vestígios queimados na estrutura da escada. Olhou para trás e percebeu que recuar um passo seria morrer. Estava a quilômetros de altura, uma queda eterna, um espaço infinito abaixo dele e que em uma vida inteira não se poderia percorrer. Parado no degrau estreito olhou de novo para o robô, que girava seu olho vermelho da direita para a esquerda, procurando por ele. Sabia que dessa vez seria encontrado. O olho passou pelos degraus à sua frente e desapareceram. Finalmente não havia mais degraus, apenas aquele no qual ele se encontrava, só e desamparado. Um pedaço de madeira flutuando sozinho.

– Quem treinou você?

Ao gritar para o robô, ouviu a voz de Lar, distante como um eco, responder:

– Treinado para ser um soldado, treinado para ser um soldado, treinado...

Olhou para trás e viu que não podia voltar. Não podia descer os degraus por onde tinha vindo e não havia outro caminho. Não havia maneira de retroceder ou fugir, apenas a morte quando o olho vermelho o encontrasse, quando os dois finalmente se defrontassem, ambos construídos para essa finalidade, ambos cumprindo sua obrigação nesse encontro. Os botões tinham sido apertados e a reação a eles pertencia àqueles dois, que logo teriam que se encontrar face a face.

Ele teve seu Tarbo; o robô teve seu Tensor. Nenhum deles podia apagar o que fora programado dentro deles. O olho rubro girava sem

parar e logo cairia sobre ele. Passou-se uma eternidade e ele tinha que fazer alguma coisa. Gritou e começou a movimentar as pernas e os braços. Não podia senti-los, não sabia se eles se moviam ou não, sabia apenas que conscientemente tentava agitar os braços, balançar as pernas. Uma das mãos esbarrou no botão que ligava o sistema de som de seu capacete e começou a ouvir seus próprios gritos, e parecia que o som o libertava de um transe. Suas mãos tatearam e encontraram botões no painel e fez-se luz na cápsula. A voz rouca continuou a gritar até que os gritos se transformaram em soluços, e soluçando ele arrancou a roupa e jogou longe.

Alguma coisa tinha lhe acontecido e ele não sabia dizer o que tinha sido. Não podia pensar, conseguia apenas estremecer de pavor. Sabia que se tivesse continuado com a roupa, fora de contato com a realidade, acabaria morrendo. Seu cérebro sucumbiria às alucinações e ele morreria, provavelmente gritando até o fim. Estremeceu outra vez, com mais força, incontrolavelmente.

Cambaleou até o outro lado da cápsula para tomar um gole de água. Ela estaria acabada antes do meio-dia. Tinha havido alucinações sobre as quais ele teria que pensar, para poder expulsá-las de seu cérebro para sempre, ou se arriscava a ficar louco. Ainda não conseguia pensar nelas e sabia que não podia. Com mão trêmula, escreveu: Lar e estrangeiros, Tarbo, morte de Duncan, os Exteriores... voltou então à poltrona, deitou-se e adormeceu imediatamente.

DEZESSEIS

TRACE ACORDOU AOS POUCOS, DOLOROSAMENTE. NÃO QUERIA ACORDAR. Queria voltar ao vazio que o sono tinha trazido, um vazio sem pensamentos, sem dores, sem sede. Um gemido escapou de seus lábios quando se moveu, e devagar levantou-se da poltrona e ficou de pé. Olhou para seu corpo com horror e nojo. Estava imundo de suor, poeira, areia, sangue coagulado... estava magro e ossudo. A febre, o trabalho, o calor e o medo tinham gastado sua carne, até que só restava a pele esticada como couro sobre os ossos salientes.

Sabia que estava febril naquela manhã, provavelmente tinha estado febril desde que chegara àquele inferno. Ainda bem que tinha os comprimidos contra febre. Havia um espasmo em seu rosto ao pegar uma bisnaga de alimento, e uma onda de náusea o assaltou. Tinha que comer aquilo; continha alguma umidade e seu estoque de água estava reduzido a menos de um copo. Pegou o cantil e mediu: menos de meio copo. Sentou-se com metade da água, uma bisnaga de mistura de frutas e dois comprimidos contra febre. Sua boca estava endurecida e dolorida por dentro, com rachaduras profundas do lado de fora. A língua estava inchada, ocupando toda a boca. Encostou a língua na água, demorou-se no primeiro diminuto gole. Sua garganta doeu. Alguma coisa tinha acontecido com ele. Não conseguia se concentrar em coisa alguma. Teve que beber mais água para engolir os comprimidos e sua garganta ardeu de cima a baixo. Ao provar a mistura de frutas, deixou-a de lado. Não ia conseguir comê-la. Olhou para o tubo durante um longo tempo e tentou de novo, dessa vez conseguindo engolir duas vezes. Terminou a água, implorando a si mesmo por mais.

Tinha que verificar a passagem que tinha fechado. Sem pensar em coisa alguma, vestiu a roupa, ligou o áudio ao máximo, deixou as luzes acesas na cápsula e saiu. Seus pés pareciam não encostar no solo, e ele sentiu que o pequeno percurso demoraria apenas um instante ou o resto da vida. Achou que era importante decidir qual dos dois, mas enquanto pensava no assunto esqueceu-se do que estava tentando decidir. Quando chegou à entrada da passagem, esqueceu-se por que estava lá. Um muro impediu seu caminho e ele o olhou boquiaberto. Não tinha a menor lembrança dele. O muro era feito de pedra e areia, era mais alto que ele e se estendia de um lado a outro da passagem. Subiu vacilante sobre uma pedra, e de lá pôde ver que o muro parecia encher todo o resto da passagem. Lembrou-se então de ter trabalhado nele, como se isso tivesse acontecido em outras eras, em outra vida. Resolveu sentar-se à sombra do rochedo e sentou-se, e de novo o tempo não tinha sentido para ele.

O remédio movia-se lentamente através de seu sistema; ele ficou imóvel, sentado à sombra, até que os estimulantes alcançassem seu cérebro. Ficou lá sem pensar em coisa alguma até que, aos poucos, as coisas começaram a ficar claras e ele viu que aquele era o quinto dia, que no dia seguinte podia esperar a chegada do robô.

Levantou-se, e quando olhou de novo para a barreira de pedra e areia sabia que ela impediria o acesso por ali. Concentrando-se em seus movimentos, deixou a passagem e foi até a outra. Era ainda mais larga, com apenas um ou dois pontos estreitos. Era praticamente um corte reto no rochedo de granito, bastante íngreme, mas não o suficiente para impedir que o robô a usasse. Seguiu-a até o fim, chegando a uma curva de mais ou menos cem graus, depois de duas curvas mais suaves. A inclinação ali era mais acentuada que em qualquer outro lugar da passagem. Trace observou o lugar por vários minutos, voltou-se, estudou a passagem atrás de si e subiu até o lado de fora. Daí de cima examinou a passagem. Via-se que ela descia até o vale, embora a curva escondesse o resto do caminho. O robô saberia que ali havia uma entrada. Se pudesse bloqueá-la na curva...

O que quer que planejasse fazer, sabia que teria que fazê-lo naquele dia. O tempo estava se esgotando e havia o problema da febre intermitente. Mas que diferença faria se ele bloqueasse o vale? Seria apenas temporário. Uma vez sabendo que ele estava no vale, o robô

entraria. Sua pobre barricada não seguraria o robô, como uma parede de blocos de brinquedo não impediria a passagem de um adulto. Deixou-se cair de novo no chão e olhou o mundo de fora de seu vale. O sol já estava quase a pino, mas levaria mais de meia hora para atingir a passagem, e só brilharia diretamente sobre ela por mais ou menos meia hora, antes que a outra parede fizesse sombra outra vez. Podia continuar trabalhando...

- Para quê?

Sua voz era um grasnido, rouca de tanta secura, de tanto gritar durante a noite. Sua garganta ardia e doía quando falava. Tinha havido a chance mínima de que ele encontrasse a outra cápsula nos cinco ou seis dias que tinha ganho ao voltar para esse lado das montanhas. O jogo estava perdido. O robô podia controlar a tela à distância. Ele sabia que não poderia entrar na cápsula enquanto a tela estivesse funcionando. Se pudesse pegar o robô, forçá-lo a desligar a tela... riu descontroladamente. A risada parou de repente e ele examinou de novo a passagem. Será que era isso que ele estava tentando fazer o tempo todo, sem perceber? Poderia fazer uma armadilha para o robô, usando o que tinha à mão: vento, areia, rochas, a inclinação natural da passagem.

De onde estava, na extremidade da passagem, não podia enxergar depois da curva; dali parecia que o solo da passagem tinha uma inclinação regular, um pouco íngreme, mas não perigosa, até que se encontrava uma súbita depressão do solo em um espaço de seis metros, logo antes da curva da passagem. Vendo a mudança de nível, ele podia se preparar para ele... se a mudança fosse escondida sob areia solta, formaria uma armadilha. A passagem era salpicada de rochas e blocos de pedra, tanto acima quanto abaixo da curva. Se o robô ficasse preso na areia, seria possível bombardeá-lo com pedras. Ele podia ser danificado pela própria areia, perder o equilíbrio e ficar incapacitado para se levantar.

Teria que ter alguma coisa para atrasar o robô. Do contrário a máquina entraria no vale e o mataria, e toda a luta teria sido para nada, apenas um adiamento do inevitável. Trace sabia que não podia desistir depois de ter lutado tanto. Começou a construir outra parede de rochas.

Trouxe pedras do chão do vale e, uma por uma, levou-as passagem acima até que tinha o bastante para começar a empilhá-las. A barreira

teria que ter um metro e vinte de altura onde a curva a escondia do exterior. Quando o vento começasse, jogaria a areia por sobre o muro, para o outro lado, onde com sorte ela se espalharia e daria a impressão de ser o próprio solo. A passagem tinha noventa metros de extensão e continha muitas toneladas de pedras soltas, e muitas toneladas mais de areia. As horas correram; o sol iluminou o estreito corte nos penhascos e continuou seu caminho, deixando a fenda na sombra.

Trace trabalhava com deliberação, sem pensar no que estava fazendo, sem pensar na agonia de seu corpo ao levantar as rochas, cambalear com elas pelo aclave e colocá-las na parede que crescia. Não se perguntou por que não usava as rochas mais próximas, por que voltava setecentos e vinte metros até o vale para se abastecer. O mundo girava em uma névoa vermelha diante de seus olhos e ele não achava isso estranho. Havia sussurros em seus ouvidos, palavras, frases, pedaços de canções, e ele não as achava incongruentes. Em algum lugar entre o vale e a curva da passagem ele começou a falar; quando abriu a boca para pronunciar as palavras uma das rachaduras começou a sangrar, e o fio de sangue saía de seus lábios, descia até o queixo e desaparecia pelo pescoço.

– Não se pode querer que os homens matem a não ser que eles sejam ensinados a matar. Uma estatística antiga informava que era de sessenta por cento o número dos que não atiravam diretamente sobre o inimigo... O inimigo é sempre o objetivo, nunca um homem, ou um grupo de homens, ou uma cidade. É a meta, ou o alvo, ou o objetivo. Um objetivo não morre, é apenas enfrentado e derrotado. Não se odeia o inimigo, homens. Não se pode odiar o inimigo porque ódio significa emoção, e um homem guiado por emoções não é um homem em quem se possa confiar em uma guerra. Vocês todos são homens capazes. Os que não eram capazes foram expulsos do exército.

Ele ouvia as palavras como se elas viessem de longe, sem perceber que ele mesmo as pronunciava.

– Como é que eu sei que eles são capazes? – Ele perguntou, interpelando a voz que parecia tão desligada dele.

– Porque todos estiveram em Tarbo.

Largou a pedra que segurava e ficou por longo tempo imóvel, sem ver o mundo vermelho e brilhante de pedras e deserto, mas sim as florestas suaves e nevoentas de Tarbo. Lá era o lugar onde eles eram

escolhidos. Os que podiam matar e matavam eram separados dos que não podiam matar e não matavam. Alguns eram designados para serviços de escritório depois de Tarbo, outros eram mandados para a esquadra. Alguns nunca deixavam Tarbo. Ele viu de novo o revólver fumegante na mão de Brunce, viu o sangue que se espalhava no ombro de Gene Connors, pescando em águas férteis, tinha dito Gene. Tinha adivinhado. Aqueles que conheciam a verdade sobre Tarbo não o deixavam.

Uma rajada de vento jogou um punhado de areia contra a máscara de Trace e ele estremeceu. Balançou com força a cabeça e afastou-se da parede em que se apoiava. Não sabia por quanto tempo tinha se apoiado nela. Podia ver o vale; estava listrado de branco e preto, com figuras fantasmagóricas de areia subindo, girando, caindo. Sem olhar para o muro que estava construindo, Trace deixou a passagem e atravessou o vale, a cabeça baixa contra a areia e o vento, os ombros caídos em atitude de derrota. Sabia que o calor e o vento o estavam derrotando afinal. Não se importava mais. Dentro da cápsula, tirou a roupa e deixou-se cair sobre a poltrona. Não havia mais água; não podia engolir qualquer dos tubos de alimento sem água. Não podia nem mesmo tomar os comprimidos contra a febre. Só podia esperar, e tentar dormir.

– Você é um soldado, Trace. Esqueça-a.

– Cale a boca, Duncan! Eu queria que você ficasse comigo e você não ficou, agora cale a boca! Precisamos do reforço de outros de nossa espécie, homens treinados como nós fomos treinados, assassinos, assim como nós somos assassinos. Ou então podemos começar a pensar.

– Essa não, velhinho. Só fazer, nunca pensar.

– Quem disse isso? Seu pai? – Procurou alucinadamente dentro da cápsula. O que é que seu pai estava fazendo lá? Ele não o via desde... quando? Não sabia. Sétimo aniversário? Sexto?

– Uma conveniência, meu querido, só isto.

Eles se foram. Voltou-se para a outra poltrona e disse com sua voz rouca:

– Eu tentei salvar você, Duncan, você sabe.

– Mas só porque você tinha medo de ficar sozinho, Trace. Medo de pensar...

– Você estava lá também, Duncan. Nós todos. Parte do treinamento. Nós não somos responsáveis.

– Claro, Trace. Claro. Esqueça. Esqueça a moça. Nem humana ela é. Você sabe para que elas servem.

Não havia escapatória. Seu corpo torcia-se de vez em quando, e os únicos sons que fazia eram gemidos e murmúrios indecifráveis, mas não havia silêncio. Os ventos uivavam através do vale e ele não os ouvia.

No outro lado do vale, o vento lançava toneladas de areia na passagem. Grande parte voava através dela até o outro lado, sobre a pequena parede de pedra. Parte ficava presa pela parede, e por sua vez funcionava como uma armadilha para mais areia. O monte cresceu. Quando o vento começou a diminuir de intensidade, o topo do monte foi nivelado. A noite negra e imóvel baixou sobre o planeta, mas não havia silêncio na cápsula até que a exaustão arrancou Trace do clamor das vozes, trancando-as do lado de fora, de modo que conseguiu finalmente dormir.

Era o alvorecer, e com o alvorecer os ventos voltaram. Juntou-se mais areia à acumulação na passagem, o monte subiu de novo, dessa vez a três metros de altura, e foi outra vez nivelado, e o novo nível ficava a somente dois metros de altura, rente ao solo do final da passagem, por onde o robô tentaria entrar.

O som do alarme de radiação acordou Trace. Ele estava chegando! Seus olhos brilhavam de febre e suas mãos tremiam ao ajustar a tela para focalizar o alvo. Ainda estava a seis quilômetros e meio de distância, mas aproximava-se constantemente. A boca de Trace estava parcialmente aberta; ele não podia fechá-la. Tocou sua língua e achou-a seca e quente, inchada. Estava morrendo. Tremendo violentamente, ligou os motores da cápsula. Ia morrer, mas não sob o raio laser, não pelo robô. Levou a cápsula até a entrada da chaminé e parou de novo, sem desligar logo o motor. Esperaria até que o robô começasse a entrar no vale e então partiria, iria tão longe quanto seu combustível pudesse levá-lo e morreria sozinho. Sentia-se ansioso para partir, para começar sua última fuga.

Observou o progresso do robô em sua tela, vendo-o às vezes sozinho, às vezes como uma regressão infinita de telas, cada uma com um pontinho de luz se movendo, espalhando-se infinitamente à sua

frente, e ele esperou. Estremecia de vez em quando com espasmos violentos que o deixavam sem fôlego.

– Venha – ele incentivava o robô –, venha!

O robô rodeou o vale, como um cão de caça rodeando um lago para ver onde sua presa tinha entrado na água. O monstro encontrou a passagem bloqueada e tentou entrar por ela, mas foi impedido pela areia que cobria a estreita fenda de parede a parede. Continuou seu círculo. Chegou à segunda passagem e hesitou um segundo. Trace viu a passagem com os olhos da máquina: um solo aparentemente bastante nivelado, pontilhado de pedras, em nada diferente do resto daquele planeta infernal.

A máquina entrou na passagem, suas rodas encontrando tração na base rochosa coberta de areia. Trace inspirou profunda e dolorosamente e prendeu a respiração. O robô movia-se devagar; sabendo que uma passagem estava bloqueada, estava alerta para qualquer bloqueio na outra. Atrás dele a areia estava comprimida, as rochas esmagadas, brilhando ao sol. Nada havia lá para ser visto exceto a trilha de rochas esmagadas e areia comprimida. A trilha cresceu, com uma lentidão de enlouquecer. A areia sob suas rodas afundou um pouco, e o robô parou. Moveu-se de novo, dessa vez usando as esteiras. O som das pedras sendo esmagadas era a única coisa que se ouvia. Era como se uma sombra passasse sobre o solo, e quando se movia havia areia onde antes havia rochas. Dos dois lados da trilha que o monstro deixava, a areia escorria para encher as depressões deixadas pelas esteiras. A máquina perdeu o equilíbrio ao chegar à queda abrupta escondida pela areia e por um momento tentou frear, mas sob as esteiras a areia fina corria e o robô desequilibrou-se ainda mais. Atrás dele, onde a areia escorria para os sulcos, uma pedra redonda correu com a areia e foi puxada pela gravidade, mantendo-se no sulco.

A pedra atingiu o robô por trás, alojando-se sob a esteira. Outra pedra se seguiu, e outra. O robô jazia imóvel; seu corpo de oito toneladas era pesado demais para a areia solta, e ele escorregou um metro antes que pudesse fazer um esforço para parar. A carga de seu corpo comprimindo a areia contra a parede de pedras empilhadas era mais do que a parede podia suportar. Ela se rompeu e houve uma enxurrada de areia e pedras jorrando da abertura, como água de um dique rompido. O robô caiu quando a areia se moveu debaixo dele. Com

um forte estrondo chocou-se contra o solo onde a ladeira era mais íngreme. Rolou, e sobre ele caiu uma avalanche de pedras e areia, varrendo tudo. As rochas batiam nas paredes, ricocheteavam, atingiam a tela do robô e penetravam nela. O escudo de força o protegia de qualquer impacto de alta energia, mas as pedras tinham pouca energia e atingiam o robô, assim como a areia. Nos dez primeiros segundos depois da queda, os controles da tela e o controle remoto da tela da cápsula foram desligados; nos dez segundos seguintes um dos tentáculos flexíveis conseguiu se soltar. Soltou todos os outros e fechou todas as aberturas, mas a areia já tinha entrado e o mal já estava feito.

A queda do enorme robô arrancou pedaços de rochas das paredes. Pedras que o vento tinha depositado dentro da passagem soltavam-se e rolavam atrás do robô. Quando o robô finalmente parou, estava sob uma montanha de vinte e cinco a trinta toneladas de areia, e outras vinte e cinco a trinta toneladas de rochas.

Trace olhou para a montanha de pedra e areia, apavorado pelo que tinha feito. Enquanto olhava, o monte se moveu, sacudiu-se, uma pedra rolou, depois várias, e um ponto brilhante apareceu perto do topo. O laser do robô ainda estava funcionando. O robô estava queimando a areia para escapar.

Isso lembrou a Trace um pesadelo no qual, não importava o quanto corresse, todas as vezes que olhava para trás lá estava o diabo, sempre à mesma distância, sempre com um sorriso de antecipação. Observou o brilho vermelho até que ele desapareceu. O laser tinha aberto seu caminho. O robô aumentaria a abertura, desalojando ou queimando as rochas para se libertar; e eles estariam de volta de onde começaram. Ele observou, mas a abertura não aumentou. O robô não podia mover-se. O laser estava apontando para aquela direção quando foi ligado e o robô não podia dirigir o raio para outro alvo. Trace riu. Seus lábios rachados sangraram e sua garganta doeu, mas ele riu até se sentir fraco, e o riso se transformou em soluços. Ele olhou de novo para o buraco feito pelo laser. Tinha crescido um pouco. Talvez o laser pudesse se movimentar uns dois ou três centímetros para cada lado. Trace partiu com a cápsula enquanto o laser abria mais um pouco o buraco. A abertura já tinha cinco centímetros de comprimento.

Trace pousou no penhasco sobre a passagem e foi cuidadosamente até a beira para olhar a montanha que seria a pedra tumular do robô. O

brilho vermelho aparecia primeiro em um lado da abertura de cinco centímetros, depois no outro. Trace recuou e olhou em volta. O cume do penhasco estava coberto de pedras, desde pequenos cascalhos até rochedos do tamanho de uma casa. Ele sorriu, e gemeu de dor quando as rachaduras de seus lábios se abriram ainda mais. Água. Poderia encontrar a cápsula agora, com a tela desligada, e depois acabaria de enterrar o robô.

Quase destruiu sua cápsula ao pousar a apenas seis metros da outra, agora visível. Estava chorando baixinho quando suas mãos trêmulas abriram a unidade de rações de emergência e encontrou os cantis. Água suficiente para um mês, dois meses. Bebeu profusamente e logo depois vomitou tudo. Tomou então um gole e deixou-o escorregar garganta abaixo. Sua garganta estava quase fechada, de tão inchada. Ele tremia incontrolavelmente. Grande parte da água desceu por seu queixo, pingou de sua boca, derramou-se antes mesmo de chegar a seus lábios. Dessa vez o gole ficou em seu estômago e ele tomou outro, depois outro.

Depois de beber, transferiu a água e o combustível da cápsula do robô para a sua própria e então voltou para o penhasco e para o robô. Tinha que ficar perto dele, mantê-lo coberto. Quando os ventos comesçassem ele voltaria para a chaminé e ficaria abrigado. Durante a noite, quando os ventos cessassem, ele iluminaria o robô com seus faróis, vigiando-o todo o tempo. Durante o dia ficaria no penhasco, ocupa do em encontrar rochas que pudesse transportar para a beira do penhasco e lançar de lá. Preocupava-se em fazer tudo direito. Era trabalho para dois homens e ele estava sozinho. Não lhe ocorreu partir, voltar para a nave em órbita e esperar lá por reforço. Ele tinha derrotado o robô e ia segurá-lo para eles, ia dirigir ele mesmo as bombas de fusão. Olhou para baixo e viu que o buraco tinha agora nove centímetros de largura, primeiro um lado e depois o outro tornando-se vermelho, à medida que o laser movimentava-se de um lado para o outro regularmente, sem parar.

DEZESSETE

TRACE JOGAVA AS ROCHAS NO PRECÍPIO; EMPURROU TODAS QUE ESTAVAM a seu alcance. Algumas vaporizavam-se no ar, desaparecendo em uma nuvem de fumaça que se dispersava rapidamente, outras atingindo o solo com estrondo, de vez em quando tirando o equilíbrio do monte, deslocando mais pedras do que acrescentava. Quando o vento ficou forte demais ele voltou para a chaminé. Bebeu bastante, banhou-se e depois comeu; fez até café. Encontrou uma pomada e aplicou-a nos lábios. Quando os ventos morreram, deixou a chaminé e pousou a cápsula no vale, onde podia iluminar o monte de areia e pedras e observar qualquer mudança. Quase imediatamente surgiu uma brilho vermelho, dessa vez não no topo, mas a três quartos da altura, no lado que dava para o vale. O robô tinha conseguido mudar de posição. O vento tinha jogado areia sobre ele, acumulando-a do outro lado, mas erodindo o lado mais próximo.

Trace colocou rochas no monte até que o vento da manhã levou-o de volta à chaminé. Estava exausto, tremendo de cansaço quando desligou o motor.

- Não termina mais, Duncan. Continua sempre...
- Uma caixa de lógica, Trace. Só isso, uma caixa de lógica. Sempre, automaticamente, sem pensamento, sem coração sem dor.
- Você não tem coração, Capitão Tracy, não pensa nos que vivem nos mundos que você conquista, não sofre por aqueles que mata.
- Caixa de lógica, Trace... não pode fazer coisa alguma que não tenha sido programada, não pode pensar.
- Como oficial, você tem que exigir obediência imediata de seus homens, não porque eles concordem ou gostem de seu plano, ou

qualquer outra coisa, mas sim porque você apertou o botão que os colocou em funcionamento. Vocês compreendem?

– Obediência imediata. Não importa em que!

O vazio do sono então, e acordar para o medo. Quanto tempo tinha dormido? O robô ainda estava lá? Tremeu até encontrá-lo com o periscópio e verificar que ele ainda estava coberto. Fraco, cambaleou até a unidade de armazenamento e preparou comida. Teria que armar um despertador, não poderia dormir mais de duas horas de cada vez. Foi de novo para o topo do penhasco e estudou o monte. O vento tinha aumentado ainda mais o monte no lado da passagem, mas no lado do vale ele estava sendo erodido. Virou o detector para o monte e localizou o robô a menos de cinco metros do exterior do monte no lado do vale. O raio estava fazendo uma abertura de quinze centímetros, não mais em cima, mas em direção ao lado, de um lado para o outro, de um lado para o outro, quinze centímetros, dezesseis, dezoito... Trace procurou febrilmente por rochas que pudesse jogar sobre o monte, O sol subia no céu, transformando o mundo em um brilho cegante de luz branca. Ele continuou a trabalhar. Estava suando em bicas; pela primeira vez em alguns dias tinha água bastante para suar. Trabalhou sem pensar, até que cambaleou de repente. O solo estava rodando, os rochedos estavam subindo e descendo. Caiu para a frente.

Quando se levantou, momentos depois, não tinha meios de saber quanto tempo tinha ficado caído. Estava queimando e sabia que estava com intermação. Tinha que sair do sol, diminuir a temperatura de seu corpo, reiniciar a transpiração.

Arrastou-se para a cápsula e entrou. Tinha deixado de tomar o remédio naquela manhã, achara que a abundância de água o curaria. Pensou no robô assassino lutando com todas as forças para se livrar e sentiu uma onda de pena. Passou uma esponja molhada no corpo, recolheu a água em um plástico, para esfriar durante a noite, banhou seu corpo durante muito tempo.

Mais tarde descansou na poltrona. Não podia trabalhar no sol durante o meio do dia. Tinha que se lembrar que havia pouco oxigênio no ar para tornar possível qualquer esforço por muito tempo. Tinha que se lembrar de que estava doente, doente de verdade. Ficou imaginando se o robô estava programado para sentir suas feridas. Esperava que não.

- É um desperdício tão grande - murmurou. A dor era um desperdício tão grande.

Mais tarde saiu de novo e olhou para a pedra tumular.

- Estou com pena de você - disse. - Nada disso é culpa sua, na verdade.

Empurrou as rochas que tinha acumulado na beira. No dia seguinte teria que ir mais longe para arranjar rochas. Já estava na hora de voltar à segurança da chaminé.

Nos dias que se seguiram ele construiu um mundo novo, plantando trabalhosamente os alicerces ou erguendo novas paredes de uma beleza extraordinária. Às vezes estava simplesmente construindo uma casa para Lar. De outras vezes estava erigindo um monumento à humanidade. Sua seleção de material era meticulosa, seu manuseio dos blocos era quase suave, sua preocupação com a coisa que jazia sob sua pedra fundamental era profunda. Conversava com ela incessantemente, descrevendo as pedras que estava usando, explicando a finalidade da construção. Às vezes simplesmente trabalhava com persistência, recusando-se a pensar nas condições de seu corpo, nas condições do seu cérebro, entrevistas pelas grandes lacunas que cresciam mais ainda, quando não conseguia se lembrar de coisa alguma que tivesse feito ou pensado. As vozes na cápsula agora eram constantes, ficando lá quando ele saía, continuando quando ele voltava. Às vezes eram as vozes que o instruíam na preparação de alimento, ou o lembravam de tomar o remédio, acertar o despertador, levar a cápsula para a chaminé antes da hora do vento. Ele podia ter morrido sem as vozes para orientá-lo nas horas más. Seleccionava as rochas que ia usar com paciência infinita, rejeitando as que estavam marcadas demais, sentindo-se feliz quando encontrava uma de cor ou formato atraente. Essas ele examinava longamente antes de jogá-las sobre o monte. Explicava ao robô sobre as rochas que estava mandando para ele. Sua voz era baixa e delicada quando falava com ele.

Contou para ele dos Seres Exteriores.

- Eles vão nos expulsar de volta para os três mundos do Sistema Solar - disse. - Então vamos ter que aprender muitas coisas novas, como viver em apenas três mundos, como usar a terra que tivermos. Não vai ser fácil. Mas não podemos lutar com eles, você sabe.

Falou de Lar, de Duncan, da vida e da morte. O robô nunca respondia. O movimento de seu laser era o único sinal de que ele ainda estava vivo. Trace começou a esperar que o raio atingisse a parede do rochedo antes de continuar depois de contar alguma coisa nova. Quando o raio tocava o lado do rochedo e começava a voltar para o outro lado era o sinal para que Trace continuasse. De um lado para o outro, de uma extremidade da passagem para a outra, a menos de cinco metros da entrada.

Trace ficava particularmente feliz quando o robô fazia um progresso inesperado, limpando mais areia do que ele havia previsto, libertando um dos sensores, ou aumentando o alcance do raio. Quase com remorso, ele jogava as pedras, como se envergonhado de enfrentar tanta coragem.

Perguntou às vozes se o robô realmente tinha coragem, e elas discutiram o assunto por diversos dias sem chegar a uma conclusão. Então seu rádio emitiu um som, a luz do painel se acendeu e ele soube que a nave de reforço estava ao alcance do rádio. Quando o rádio ficou em silêncio depois de fazer seu relatório, percebeu que havia lágrimas em seu rosto; o som de uma voz que não estava dentro de seu cérebro libertou a histeria que vinha sendo acumulada havia um mês. Foi para a beira do penhasco e gritou para o robô:

– Acabou, meu irmão! Eles estarão aqui em algumas horas, e então você vai ser destruído! Você entende o que eu estou lhe dizendo?

Esperou até que o raio mordesse o lado da parede da fenda e começasse a voltar em direção ao outro lado, e concordou com a cabeça. Ele entendia. Agora não tinha importância se ele se soltasse. Eles o achariam e o bombardeariam onde quer que ele fosse. Era de novo a caça, não o caçador. Trace riu de alívio. Não jogou mais rochas sobre o monte. Ele que lutasse.

Voltou para a cápsula e banhou-se. Comeu e depois arrumou a cápsula. Lavou até a roupa pressurizada. Tinha a nave de reforço no radar, e ficou assistindo a sua aproximação com alegria. Por duas vezes voltou ao penhasco e olhou para o robô, medindo seu progresso. Enquanto olhava, a pilha de areia e rochas estremeceu e pedras rolaram do topo. O monstro estava em pânico, como Trace estivera em pânico esperando por ele. Disse, suavemente:

– Sinto muito, meu irmão. Você lutou com coragem o tempo todo.

Pela primeira vez não havia vestígios de medo e ódio em sua voz ao falar com a máquina. O robô sempre fez exatamente o que tinha sido planejado para fazer, não mais, e certamente não menos que isso. O rádio chamou-o de volta à cápsula.

– Capitão Tracy, aqui é o General MacClure falando. Meus parabéns, Trace. Você fez um trabalho magnífico aí embaixo. Você vai ser amplamente recompensado, pode ficar certo disto. É só dizer, meu rapaz, peça o que quiser. Temos a bordo um cientista do exército, Trace. O Coronel Langtree. Responda às suas perguntas, Capitão Tracy.

– Sim, senhor.

Trace estava confuso. Tinha ouvido dizer que Langtree tinha sido um dos cientistas que deixaram o robô escapar em Vênus. Esperou. Então a voz fina e petulante do cientista soou.

– Capitão, você disse que o robô não foi destruído? É isto mesmo?

– Sim, senhor, é isto mesmo.

– Até que ponto ele está danificado?

Durante a meia-hora seguinte Trace respondeu às perguntas do cientista, descrevendo em detalhes a perseguição pelas montanhas, as atividades do robô desde que caíra na armadilha, as capacidades da máquina que ele pudera observar quando ela ainda estava livre. Depois do questionário houve silêncio por cinco minutos e então MacClure voltou.

– Trace, você vai ser recolhido e trazido para bordo. Logo depois desta comunicação daremos as coordenadas para o encontro. Agora diga-me, o robô está ao alcance do rádio?

– Sim, senhor. A cápsula está a menos de quarenta e cinco metros dele.

– Ótimo. Aumente o volume, para que ele possa ouvir. Nós o queremos, Trace. Os Exteriores não querem negociar. Aquele ultimato é o que querem, sem margem para negociações. Insistem em que voltemos para o Sistema Solar para sermos mantidos lá em quarentena até que satisfaçamos suas exigências e possamos ser qualificados para viajantes do espaço. Vai ser a morte do Grupo Mundial. Não podemos lutar com eles agora, mas se tivermos o robô, aprenderemos como ele aperfeiçoou sua tela de força e como adaptá-la às nossas naves... construir mais robôs com esse escudo... vamos tomar toda a galáxia, Trace, com Exteriores e tudo. Eles não têm coisa alguma que se possa

comparar com esse escudo de invisibilidade. Precisamos do robô. Você vai ser o maior herói desde Prometeu, Trace.

O que MacClure tinha dito era verdade, Trace seria o maior herói da galáxia; estava na voz de MacClure quando falava com ele, um tom de deferência. O tom ia ecoar, ia crescer. Era para isso que os quarenta dias tinham servido. Trace riu com euforia e aumentou o rádio para que o robô pudesse ouvir. Saiu para observá-lo, para ouvir com ele as palavras vindas da nave. Um segmento de quase um metro da beira do penhasco tinha sido vaporizado em um círculo perfeito. Trace ficou longe da área. A voz de Langtree soava alta e próxima.

– Você, robô do Dr. Vianti, aqui é o Coronel Langtree falando. Sei que você pode me ouvir e entender minhas palavras. Tenho uma mensagem para você. Você entende de destruição e morte. Você entende a necessidade de preservar sua própria vida. Você agora está preso e fadado à destruição. Sabe que podemos bombardeá-lo daqui de cima, fora do alcance de seu laser. Você conhece nossas bombas. Aprendeu sobre elas em Vênus. Estude seus bancos de memória e verá que eu não queria a sua destruição sob os mares de Vênus. Aquilo foi um erro. Nós queremos você vivo e funcionando. Queremos aprender com você, queremos dar-lhe mais habilidades. Podemos fazer isto. Sabe que podemos aumentar sua capacidade. Você deve cooperar conosco ou nós o destruiremos.

Os olhos de Trace seguiam o rastro do laser, não mais correndo de um lado para o outro, mas oscilando, desenhando um oito que crescia, queimando uma área maior do rochedo. Estaria livre em mais ou menos uma hora. Assim que conseguisse fazer uma abertura redonda ele a alargaria até ficar livre. A voz no rádio continuava.

– Se você compreende minhas palavras, sabe que o que eu disse é verdade. Você foi programado para se preservar. Agora você deve seguir minhas ordens, ou vai ser destruído. Você deve desligar o laser.

O raio desapareceu.

Trace não tinha acreditado que isso pudesse acontecer, não tinha imaginado que o robô fosse capaz de compreender esse ponto. De repente, o medo que já o tinha abandonado voltou, mais forte que nunca. Deixou a beira do penhasco e voltou para a cápsula. MacClure estava falando com ele, ordenando-lhe que diminuísse o volume do rádio para que o robô não pudesse ouvi-los. Trace fez o relatório da

resposta do monstro à proposta de Langtree e ouviu o tom de triunfo na voz de MacClure. Recebeu as coordenadas para seu recolhimento e o rádio silenciou. Trace ficou olhando para ele.

Eles não sabem o que estão fazendo.

Lembrou-se da outra cápsula, equipada com a tela, e ligou o motor da sua. Tinha que ir até o ponto de encontro. Podia ir para lá e esperar. Não queria esperar com o robô assassino. Sua febre estava alta; ele a tinha ignorado com a excitação da chegada da nave de reforço. A nave estava entrando em órbita naquele momento, ele percebeu. Eles mandariam a embarcação para recolhê-lo dentro de minutos. Em meia hora ela estaria no planeta; ele embarcaria e tomariam conta dele. Um longo descanso, férias, trariam Lar para ele, para onde ele pedisse. Podia se aposentar, um homem rico, com tudo o que um homem podia desejar pelo resto de sua vida.

Uma doença se espalhando pela galáxia...

Como um vírus que não pudesse ser visto, que era rápido e mortal, eles se espalhariam pela galáxia, mundo após mundo caindo em seu poder, sob o fogo de seus robôs de metal e de carne...

Ele partiu, dirigindo-se para o norte e pousou junto à outra cápsula. Desligou o detector de radiação, mas as vozes continuaram com ele, mais altas, insistentes, todas clamando por atenção. Ele não conseguia desligá-las. Tentou ignorá-las enquanto trabalhava dentro da outra cápsula. Voltou então para sua própria cápsula e deixou o local. A embarcação de socorro estava em seu radar, mas ele não olhou para ela. O rádio fazia ruídos furiosos, alguém querendo saber o que ele tinha feito, onde tinha ido e por quê.

Pela primeira vez desde que tinha doze anos ignorou a ordem de um oficial superior, nem mesmo ouviu a voz que era mais alta e mais insistente que as outras.

Pensou em Vênus, sua terra natal, pântanos e bosques, vapor e lama, e percebeu que o amava. Pensou em Marte, áspero, ar frio, cidades sob domos, um enorme deserto frígido. Pensou na Terra, transbordando de vida, poluindo seus mares, lagos, rios, florestas, descuidada e indiferente porque havia tantos outros mundos lá fora. Algo que Lar tinha dito uma vez e ele não tinha compreendido: "Beba você primeiro do copo que vai oferecer a um estranho. Terráqueos

indiferentes, que não beberam do copo que ofereceram a estranhos; deixe que agora eles provem também”.

Atrás dele uma fonte de pedregulhos explodiu quando o detonador que ele tinha montado atingiu o explosivo que ele tinha transformado em uma bomba. A outra cápsula foi destruída. Trace estava bem treinado na arte de destruição. Não olhou para trás para avaliar os danos; sabia que a destruição tinha sido completa, que não sobraram partes suficientes para serem estudadas.

A cápsula voou rente ao chão. Havia o céu de algodão lá em cima, com um brilho que cobria metade dele. Havia os rochedos negros e os rochedos brancos e atrás deles a lã branca do deserto, trabalhada com fios de prata em desenho assimétrico, onde o céu e a terra se encontravam como o interior de uma esfera achatada. Havia os montes suaves que se estendiam a perder de vista, enquanto os ventos rasgavam as montanhas e as depositavam grão a grão nas dunas. Um dia aquele seria um mundo de desertos, um mundo de morte, calor e desolação branca e brilhante. Era como Tarbo, pensou Trace. Uma vez que a gente o compreende, a gente não o deixa mais.

Rodeou o vale, ganhou velocidade e altitude e rodeou-o de novo. Podia ver um pequeno pedaço do robô, onde ele tinha se libertado da montanha de pedra e areia. Era um reflexo brilhante que doía em seus olhos. Embicou em direção ao robô e ao se aproximar não havia coisa alguma que o fizesse mudar de ideia, coisa alguma que o fizesse parar. Não sentia coisa alguma. Sabia que tinha que encontrar o robô assassino e destruí-lo. Tinha encontrado dois.

– A guerra acabou para nós dois, meu irmão – murmurou.

“Quando as coisas assassinas se encontraram em um abraço, de fogo”, as vozes estavam cantando.